

DOIS CÓRREGOS

UM EXEMPLO DE CENTRO LOCAL

Tese de Mestrado

Paulo Pedro Perides

1971

INTRODUÇÃO

I

Para a realização desse trabalho, referente a seu curso de mestrado, o autor adotou um plano dividido em cinco itens, cuja apresentação fazemos a seguir.

1. Dentro do campo da Geografia Urbana, que o autor escolheu para a realização de seu trabalho de mestrado, escolhemos, como assunto, uma monografia sobre uma pequena cidade, por duas principais razões, além do interesse pessoal por parte do autor: primeiro pelo aspecto bastante didático que o tema apresenta, estando assim bem adaptado ao objetivo e nível que um trabalho desse tipo exige, em segundo lugar pela viabilidade de ser realizado por uma única pessoa.

A escolha recaiu sobre a cidade de Dois Córregos por esse tipo de cidade preencher as proposições apresentadas no parágrafo anterior e pelas facilidades de acesso e contato que o autor tem com ela.

2. Conforme sugestão do professor orientador da tese, o trabalho deveria ter como objetivo básico, "verificar as relações de Dois Córregos com a área rural contígua, verificar sua posição no conjunto hierárquico da rede urbana paulista e, conseqüentemente, as suas influências sobre a vida da cidade".

Percebemos que o objetivo do trabalho, assim apresentado, possuía as duas características fundamentais dos estudos de Geografia Urbana: por um lado sintetiza o conjunto de estudo sobre a Geografia Humana e, ao mesmo tempo, se comporta como uma introdução à Geografia Regional, na medida em que as cidades se marcam como elemento de personalização e regionalização das regiões (1). O amplo campo de trabalho que se abre no estudo de uma cidade, mesmo pequena, fica assim bem definido. Tentamos aqui realizá-lo na medida em que os dados e o tempo permitiram.

3. Esse trabalho deveria ser, como foi realmente, elaborado exclusivamente durante os períodos de férias escolares, o que explica o grande

espaço de tempo necessário para completá-lo. Iniciado praticamente em 1964, apresenta, por essa razão, alguns dados de pesquisa direta, obtidos há alguns anos atrás, que hoje se apresentam um tanto ultrapassados. Apesar disso, foram muitas vezes aproveitados já que sua constante atualização impediria que o presente trabalho chegasse a seu fim. A atualização foi feita nos casos em que não era necessário um dispêndio de tempo relativamente grande. A manutenção de dados antigos se deu sempre que eles não alteravam as idéias fundamentais aqui apresentadas.

4. Como método de trabalho estabelecemos, ao iniciarmos a presente tese, o método geral científico, considerado nas suas três fases básicas - o levantamento do problema, - a coleta de dados, - a interpretação geográfica dos dados. Na verdade essas três etapas, com exceção da primeira, não se sucederam de modo rígido, pois durante o espaço de tempo que utilizamos para a feitura desse trabalho, por várias vezes, elas se intercalaram.

O levantamento do problema

Dois Córregos é uma pequena cidade do interior paulista, apresentando aspectos comuns a inúmeras outras cidades do Estado: sua paisagem urbana, a vida pacata de seus habitantes, a ausência de um dinamismo que refletisse um significativo ritmo de crescimento urbano, e assim por diante.

Possuía no ano de 1970 uma população de 9.970 habitantes e sua origem data de 1856, em virtude da criação de um patrimônio religioso, resultante da doação feita pelos seus primeiros povoadores, os mineiros que antecederam a cultura do café. Sua urbanização está bastante ligada ao desenvolvimento da cultura desse produto, a partir da década de 1880, cuja decadência, a partir da década de 1930, refletiu bastante na vida da cidade. Hoje a cana-de-açúcar é o principal produto do município.

A coleta de dados

Essa etapa de coleta de dados, ou documentos necessários para a realização do trabalho, obedeceu à utilização de determinadas técnicas, bastante generalizadas entre os geógrafos, como a do levantamento bibliográfico, cartográfico e fotográfico já existente, trabalho de

observação direta onde incluíamos fotografias e esboços cartográficos, aplicação de questionários e realização de entrevistas, etc.

Necessário se faz distinguir dos dois tipos básicos de dados ou documentos já existentes, os geográficos e os não geográficos. Para o primeiro caso, com exceção das cartas, é praticamente nula a existência de trabalhos específicos sobre Dois Córregos, fato generalizado para a maior parte das cidades de São Paulo e do Brasil. Quando muito, existem um pouco trabalhos descritivos com forte abordagem descritiva e histórica, tipo dos publicados na Enciclopédia dos Municípios. Essa foi uma barreira que tivemos que enfrentar. Contudo pudemos contar com trabalhos gerais sobre o Estado de São Paulo, ou de sua determinada porção, onde a nossa área de estudo era citada muitas vezes à guisa de exemplificação.

Para o segundo caso, também com exceção de determinadas cartas, se verifica fato semelhante. Para um estudo de Geografia Urbana aqueles que apresentaram maior importância foram os dados estatísticos, de fontes várias.

Interpretação geográfica dos dados

Nessa fase de manipulação dos dados obtidos, orientamo-nos pelo trabalho de coordenação, de interpretação, de integração. Foi a etapa essencialmente de gabinete. Essa etapa ostêve um tanto interligada com a fase final, a redação.

5. A redação foi a fase final do trabalho. Resultou do desenvolvimento de todas as etapas desse planejamento.

Relacionada com essa fase surgiu o problema do plano para o presente trabalho. O plano adotado não representa, na verdade, o plano ideal, em termos teóricos, conforme algumas proposições já feitas. Em parte ele foi o resultado do material disponível encontrado durante as várias etapas do trabalho de pesquisa; quando determinados tipos de dados não puderam ser encontrados, os tópicos a eles referentes ficaram ausentes. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a parte referente à população de Dois Córregos, bastante prejudicada com a ausência de informes recentes sobre a estrutura da população; só pudemos contar com dados até 1950, e pela não publicação de outros referentes ao recenseamento de 1960 e também de 1970, esse devido a sua recente realização. A antiguidade dos dados que tínhamos em mãos, de 20 anos atrás, justifica sua não

abordagem nesse trabalho.

Partimos, inicialmente, dos fatos, históricos ou físicos, que possibilitaram as primeiras tendências de uma estruturação regional, da qual Dois Córregos faz parte; os primeiros povoadores, o desenvolvimento da cultura cafeeira, a chegada dos trilhos da Cia. Paulista, a evolução político-administrativa, a influência da morfologia do relêvo, são alguns exemplos de fatos originais que colatoraram para a elaboração das primeiras formas da organização do espaço regional. Como a elaboração de uma região é o resultado de um processo evolutivo, consideramos que essa parte do trabalho deve comportar-se como ponto de partida para o estudo das relações de Dois Córregos, colocando-a dentro de uma área maior, cujo processo de ocupação apresentou características em comum (Capítulo I). A seguir, resolvemos tratar de Dois Córregos e sua região. Se até as primeiras décadas do século XIX a porção do espaço que caracterizamos no capítulo anterior, se comportou como uma região homogênea de produção, - hoje ela se apresenta hierarquizada, assim resolvemos, nesse capítulo, delimitar essa região do modo como ela se apresenta nos dias atuais. Nesse sentido, não estudamos aqui o processo de hierarquização da região, o que será visto no Capítulo III, tomando-se como exemplo a cidade de Dois Córregos. Apesar da possível defasagem de assunto, que essa abordagem pode apresentar, admitimos que ela possibilita melhor compreensão dos fatos que se seguirão. Tratamos, primeiro, do que consideramos importante para o estudo de uma pequena cidade, a região da qual Dois Córregos faz parte, para, depois, caracterizarmos a zona de influência de Dois Córregos (Capítulo II). Isso feito, estudamos o modo por que evoluiu a vida de relações de Dois Córregos quer em sua região, quer com a região da qual ela faz parte, pois ambos os tipos de relações se complementam, repetimos, para o caso de uma pequena cidade. Esse estudo nos mostra como se verificou, a partir de Dois Córregos, o processo de hierarquização regional. Na abordagem histórica de sua vida de relações, preocupamo-nos com enfatizar aqueles aspectos mais importantes que melhor servem para caracterizar ao que nos propomos nesse capítulo (Capítulo III). O estudo das funções atuais de Dois Córregos, como resultado das análises realizadas nos capítulos anteriores, foi o objetivo do Capítulo IV, onde tentamos caracterizar o equipamento urbano da cidade. Por fim, vimos o reflexo que todo esse processo teve para a cidade de Dois Córregos. Nesse último capítulo estudamos, além dos aspectos gerais da cidade (sítio, construções urbanas, espaços vazios), a evolução da ocupa

ção do espaço e a estrutura urbanas de Dois Córregos (Capítulo V).

II

A cidade de Dois Córregos encontra-se a $22^{\circ}22'$ de Latitude Sul e a $48^{\circ}22'$ de Longitude Oeste de Greenwich, próxima ao centro geográfico do Estado de São Paulo. Dista em linha reta a 222 kms. da Capital do Estado, por estrada de ferro a 313 kms. e por rodovia, 290 kms.

Localiza-se a 682 metros de altitude, nível referente à estação ferroviária, no reverso da cuesta da Serra Geral, próxima a seu bordo, que regionalmente é conhecida como o nome de Serra de Brotas e Serra de São Pedro (figura 1).

O reverso da cuesta ocupa a porção Centro-Norte do município, dêle representando seus níveis mais elevados. O desnível de Leste para Oeste do reverso, apresenta altitudes que oscilam entre 800 a 600 metros, determinando a orientação de rios resequentes - que nascem nos níveis mais elevados do reverso e que se apresentam relativamente encaixados, dando origem a um relêvo suavemente colinoso cuja movimentação dependerá da intensidade do encaixamento dos rios. Dessa forma, a suavidade do relêvo próximo à cidade de Dois Córregos se opõe um relêvo mais movimentado no distrito de Guarapuã.

O município de Dois Córregos, que possui uma forma alongada no sentido Norte-Sul, é limitado ao Sul pelo Rio Tietê e ao Norte - pelo Rio Jacaré-Pepira. Sua parte Centro-Norte, como dissemos anteriormente, é ocupada pelo reverso da "cuesta" basáltica, que, por sua vez, se vê limitada, quer na sua porção Sul, quer na sua porção extremo Norte do município, por escarpas, a primeira referente à "percée" do Tietê e a segunda ao degrau do Rio Jacaré-Pepira. Explicando:

O Tietê penetra em direção Oeste do Estado pela sua "percée", deslocando a escarpa da cuesta para a direção Leste-Oeste. Grande parte da porção Sul do município apresenta-se, portanto, representada pelas extensas várzeas do Tietê e pela depressão subsequente da cuesta, onde as altitudes oscilam ao redor dos 500 metros, justificando a expressão popular de "baixão de serra" dada a essa ampla área do

município de relêvo monótono, pouco povoada, com domínio da criação de gado. A front da cuesta, que atravessa o município de Leste para Oeste, apresenta-se bastante festonado, com amplos anfiteatros, no fundo dos quais surge um relêvo amorreado e dissecado por rios que correm em direção do Tietê. Verifica-se, em direção Oeste, um progressivo desnível da front da cuesta.

O Rio Jacaré-Pepira, ao Norte do município, nasce nos bordos do reverso da cuesta, comporta-se como rio resequente, e desemboca no Rio Tietê na altura do município de Itaju. O intenso processo de entalhamento e encaixamento que realizou, deu origem a uma escarpa, com desnível superior a 100 metros, que atravessa o extremo Norte do município na direção de Sudeste para Noroeste, só que tem mais próxima dos limites municipais, ou seja, do Jacaré-Pepira, limitando a área desse segundo "baixão de serra".

Dessa forma o reverso do platô representa o papel de um "castelo d'água" onde nascem rios que se dirigem para o Tietê, ao Sul, para o Jacaré-Pepira, ao Norte, e também para o Oeste, onde irão despejar, mais além, suas águas também no Tietê.

O difícil acesso à faixa Centro-Norte do município, mais altas e de solos mais férteis, através dos vales do Tietê e do Jacaré-Pepira, devido aos obstáculos das escarpas, mais o pequeno papel que os rios tiveram para a penetração, condicionaram a penetração pelo reverso da cuesta, que no município comporta-se como um grande interflúvio, separando o Tietê do Jacaré-Pepira. É de Leste que chegaram os primeiros povoadores; é por esse grande interflúvio que o café vai penetrar e por onde chegaram a ferrovia e a rodovia.

Os obstáculos naturais limitaram as relações do núcleo de Dois Córregos quer em direção Norte, quer em direção Sul, restringindo sua vida de relações às direções Leste e Oeste, o que foi reforçado pelos modernos meios de transportes, aspectos até hoje marcante em sua vida de relação.

(1) Pierre Gorge - "Les Méthodes de la Géographie", Presses Universitaires de France, Paris, pág. 100.

C A P Í T U L O I

O POVOAMENTO E A ESTRUTURAÇÃO INICIAL DA REGIÃO

A área que, provisoriamente, vamos delimitar entre os rios Guassu e o Tietê, a Oeste da escarpa da cuesta (figura 2), apesar de já ter sido em parte percorrida pelos bandeirantes durante o Século XVIII (1), viu-se povoada, a partir de meados do Século XIX, tanto por paulistas (2) como por mineiros, cuja penetração pelo Estado de São Paulo está ligada basicamente à decadência do ciclo da mineração.

O povoamento mineiro foi bastante significativo para a área em questão; constatamos que a origem de cinco cidades, pelo menos, está a ele ligada (3): Dois Córregos, Mineiros do Tietê, Ribeirão Bonito, Bariri e Pederneiras. Ao que tudo indica, os mineiros que atingiram essa área, estão relacionados com aqueles que, a partir do Sul de Minas, atingiram os sopés dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira para, a seguir, se deslocarem para o Oeste, superando a escarpa da cuesta e penetrando em seu reverso (4).

Uma análise sobre essa fase do povoamento nos autoriza a afirmar que ela foi importante em meados do Século XIX. Em 1833 chegou a Bariri o mineiro José Antônio de Lima e, em 1853, chegam a Dois Córregos os mineiros José Alves Mira e Mariano Lopes. Nessa mesma época - chegam outros povoadores que darão origem a algumas cidades da área, apesar de não podermos confirmar suas origens mineiras:

- Brotas - 1839/40, ano em que foi construída uma capela - no sítio que pertencia à Dna. Francisca Ribeiro dos Reis, terras pertencentes primitivamente a Araraquara.

- Jaú - em 1848, com a chegada dos primeiros lavradores.

- Itapuí - em 1859, ano em que a fazenda Ribeirão do Saltinho foi vendida para Antônio Joaquim da Fonseca, seu terceiro proprietário.

Essa corrente de povoamento justificou o predomínio da população de origem mineira durante as primeiras décadas da segunda metade do Século XIX. Para o caso de Dois Córregos é ilustrativo o exemplo retirado da Ata dos Votantes de 1876 (5): dos 237 eleitores registrados na época, 87 tinham como local de nascimento o Estado de Minas Gerais e 123 o Estado de São Paulo; isso numa época em que o povoamento mineiro já tinha perdido sua intensidade e seus descendentes, naturalmente, eram registrados como paulistas.

Esses primeiros povoadores tomaram posse da terra, que era ainda um grande e desconhecido sertão, tornando-se proprietários de imensas áreas (6). Foi o caso da primitiva e imensa Fazenda de Rio do Peixe, em Dois Córregos, que se estendia de Mineiros do Tietê até Brotas, de propriedade dos dois fundadores da cidade, cuja posse foi legalizada através do registro na paróquia de São Carlos.

Tradicionalis criadores de gado, esses mineiros teriam aqui se comportado como na maior das regiões que povoaram em São Paulo, onde puderam aplicar suas técnicas tradicionais. Orientaram-se pelos campos distribuídos pelas espigões, na área em estudo, delimitados pelos rios Tietê - Jacaré Pepira e Jacaré Pepira - Jacaré Guassu, praticando uma primitiva agricultura de subsistência, tipo roça, tendo por base a queimada.

Aproveitando a síntese que P. Homberg fez sobre a importância do povoamento mineiro, válido também para nossa área: "A la différence du peuplement indien, cette phase mineira a eu des conséquences directes et fortes sur la grande vague du café. Malgré tout ce qui distingue ces éleveurs de leurs successeurs immédiats, les planteurs, ils leur ont frayé chemin, en inaugurant les espigões; leurs routes seront suivies; les noyaux de peuplement qu'ils ont fondés serviront de point d'appui et la pratique de l'élevage pionnier ne disparaîtra jamais complètement. ... ils constitueront pourtant les familles traditionnelles de la zone pionnière. Enfin, les gens de Minas se trouvaient détenir les titres de possession du sol; il faudra traiter ou lutter avec eux pour devenir propriétaire" (7).

Dêese povoamento, excessivamente disperso, resultaram vários patrimônios religiosos que foram o estrião de quase tôdas as cidades da área. Criados, quer visando à valorização das terras, quer visando ao reconhecimento da posse. A criação dêeses patrimônios será também praticada por futuros fazendeiros de café.

Quadro n.º 1

<u>Cidade</u>	<u>Data da criação dos Patrimônios</u>
Brotas	1939/40
Juú	1853
Dois Córregos	1856
Bariri	1858
Itapuí	1859 aproximadamente
Ribeirão Bonito	1872 ou antes
Lineiros do Tietê	1874
Dourados	1880
Torrinha	não nos foi possível localizar a data
Itaju	1898 (por fazendeiro de café)

A importância dêeses primeiros povoados para os primeiros esboços da estruturação regional começa melhor a se definir quando relacionados com a divisão político-administrativa, a partir, aproximadamente, de 1850 (figura-2). Esses povoados, desconhecidos ou não, eram incluídos no quadro administrativo municipal do Estado ou dêle faziam parte como imensas áreas que pertenceriam a uma sede localizada, via de regra, mais para leste. O desenvolvimento da divisão administrativa baseou-se nesses povoados que foram sendo anexados progressivamente a um município situado como já foi dito, mais para leste, ante a penetração que se fazia, em grandes traços, para o Oeste. Exemplificando: Barra Bonita e Rocaina foram incorporadas a Juú como Distrito Policial; Dourados foi anexado a

Brotas como Distrito de Paz.

Mais tarde, um desses povoados poderá ser elevado à categoria de sede municipal, cuja área lhe será concedida por lei. Muitas vezes esse novo município irá incorporar outros povoados que poderão, por sua vez, ser, mais tarde, elevados a sede municipal, incorporando novos povoados e, assim, sucessivamente.

Observando o quadro que se segue, notamos que coube a Brotas o papel de ponto de partida para esse processo evolutivo na região. Foi o primeiro município criado (em 1859) após a escarpa da cuesta e entre o Tietê e o Jacaré-Guaçu, desmembrado que foi das terras de Rio Claro. - Com sua elevação a município incorporou Jaú (1859), Dois Córregos (.... 1865), Ribeirão Bonito (1882), Dourados (1891), Torrinha (1896) e Varjão (1948).

Utilizando o esquema já apresentado, Jaú desmembra-se em 1866 e incorpora Bariri (1877), Bocaina (1891), Barra Bonita (1896), Itapuí (1896) e Botunduva (1928); com exceção do último, todos esses povoados elevar-se-ão mais tarde a sedes municipais. Três delas irão por sua vez incorporar novos povoados, hoje já sedes municipais:

- Bariri incorpora Itaju em 1895
- Barra Bonita incorpora Igarapé do Tietê em 1936
- Itapuí incorporará Boracéia em 1936

No caso de Dois Córregos, após o seu desmembramento de Brotas em 1874, incorpora sucessivamente: Mineiros do Tietê em 1891 (que se desmembra em 1898) e Guarapuã, até hoje distrito municipal.

Ribeirão Bonito, Dourado e Torrinha não farão incorporações após se terem desmembrado de Brotas.

Quadro n°-2

Quadro da Evolução Político-Administrativa da Área a partir de Brotas

1a. Etapa

1. Brotas, elevada a município em 1859 (desmembrada de Rio Claro), incorpora:

1.1 - Jaú em 1859

- 1.2 - Dois Córregos em 1865
- 1.3 - Ribeirão Bonito em 1882
- 1.4 - Dourados em 1891
- 1.5 - Torrinha em 1896
- 1.6 - Varjão em 1948

2a. Etapa

- 1. Jaú, elevado a município em 1866, incorpora:
 - 1.1 - Bariri em 1877
 - 1.2 - Bocaina em 1891
 - 1.3 - Barra Bonita em 1896
 - 1.4 - Itapuí em 1896
 - 1.5 - Potunduva em 1928
- 2. Dois Córregos, elevado a município em 1874, incorpora:
 - 2.1 - Mineiros do Tietê em 1898
 - 2.2 - Guarapuã (ex Figueira) em 1899
- 3. Ribeirão Bonito, elevado a município em 1890, não faz incorporações
- 4. Dourado, elevado a município em 1897, não faz incorporações
- 5. Torrinha, elevado a município em 1922, não faz incorporações
- 6. Varjão, até hoje permanece como distrito de Brotas

3a. Etapa

- 1. Bariri, elevado a município em 1891, incorpora:
 - 1.1 - Itaju, em 1898
- 2. Bocaina, elevado a município em 1891, não faz incorporações
- 3. Barra Bonita, elevado a município em 1912, incorpora:
 - 3.1 - Igarapé do Tietê em 1936 (desmembrado de São Manoel)
- 4. Itapuí, elevado a município em 1916, incorpora:
 - 4.1 - Boracéia, em 1936 (desmembrada de Pederneras)
- 5. Potunduva, até hoje permanece como distrito de Jaú
- 6. Mineiros do Tietê, elevado a município em 1898, não faz incorporações
- 7. Guarapuã, até hoje permanece como distrito de Dois Córregos

4a. Etapa.

1. Itaju, elevado a município em 1953
 2. Igarçu do Tietê, elevado a município em
 3. Boracéia, elevado a município em 1958
-

Notamos, assim, a partir de um município (Brotas), um processo sucessivo de incorporações e desmembramentos, que chega a atingir quatro etapas, do qual resultariam quase todas as cidades da área em questão. A única exceção é Boa Esperança do Sul que, apesar de se encontrar na área localizada entre o Tietê e o Jacaré-Guaçu, não teve sua origem administrativa ligada a Brotas e sim a Araraquara.

O caso de Igarçu do Tietê e Boracéia, localizadas fora da área, às margens esquerda do Tietê, é significativo. Apesar de terem sido incorporados, respectivamente por Barra Bonita e Itapuí, esses dois municípios têm, na realidade outras linhas de origem, pois pertenceram primitivamente a São Manoel e Pederneiras.

Esse processo teve importância condicionante num primeiro estágio da estruturação regional: os povoados deveriam estar mais ligados - não só a sede municipal, mas também à antiga sede da qual se desmembrou; a espontânea criação de uma rede de caminhos rurais, primitivos e de pequena amplitude, que desses povoados convergiam à antiga sede municipal - colaborou para dar certa individualidade à área. Acrescente-se ainda o fato de que a distância, ou o tempo de deslocamento, entre o núcleo incorporado e a sede serem sempre menores do que com relação a uma outra cidade.

Os municípios que hoje se localizam às margens da área que delimitamos, originaram-se de desmembramentos de municípios outros, ou melhor, de uma outra linha de origem.

À margem esquerda do Tietê, podemos exemplificar com os casos de Pederneiras e Macatuba que se desmembraram de Lençóis Paulista; Pederneiras, por sua vez, incorporou Saturno, Reginópolis, Iacanga, Boracéia, Guianás, Santelmo.

O mesmo se verificou com os atuais municípios localizados

margem direita do Jacaré-Cunessu, cujas origens administrativas estariam mais ligadas a São Carlos e Araraquara.

Com a expansão da cultura cafeeira, irá verificar-se não só o real povoamento da área, mas também, como natural consequência, um ritmo mais intenso na criação de novos municípios.

A cultura do café deve ter sido iniciada nessa área durante a década de 1880. Os dados mais antigos que podemos obter datam de 1886, ano em que a produção cafeeira no Estado de São Paulo, tendo por base a divisão feita por Sérgio Milliet (8) era a seguinte:

Quadro n° 3

Produção do Café em São Paulo - 1886

Norte	2.074.267	arrobas
Central	3.008.350	"
Mogiana	2.262.599	"
Paulista	2.456.134	"
Araraquarense	420.000	"
Alta Sorocabana	151.000	"

A produção nesse ano, de toda a chamada região Araraquarense de Sérgio Milliet, era obtida exclusivamente nos três únicos municípios que então existiam na área que estamos estudando:

<u>Município</u>	<u>Produção de café</u>
Brotas	50.000 arrobas
Jaú	350.000 "
Dois Córregos	- -
+ Bocaina	20.000 "
Total	420.000 arrobas

* (Bocaina pertencia a Jaú)

Apesar de não se registrar produção para Dois Córregos, tudo nos leva a crer que já se iniciava o plantio dos primeiros pés de café nesse município, como veremos mais adiante.

Mesmo levando-se em conta apenas a produção verificada dentro da área que estamos estudando, seu aumento foi bastante grande (9):

Quadro n° 4

Produção de Café em 1905

<u>Município</u>	<u>Produção</u>
Ribeirão Bonito	355.600 arrobas
Bariri	301.020 "
Bocaima	408.650 "
Dourado	173.925 "
Mineiros do Tietê	162.530 "
Bom Esperança do Sul	213.290 "
Brotas	332.170 "
Jaú	1.476.568 "
Dois Córregos	322.170 "
Total	3.745.923 arrobas

Constata-se assim que de 1886 a 1905, durante o espaço de 19 anos, a produção passou de 420.000 arrobas para 3.745.923 arrobas, em outras palavras, aumentou nove vezes. O aparecimento de novos municípios produtores demonstra como, também nessa área, a cultura do café deslocou-se, em seus traços gerais, de leste para oeste.

A expansão do café pela floresta primitiva foi caracterizada pelo seu aspecto monocultor. Os dados que se seguem, são ilustrativos (10).

Quadro n° 5

% da Área do Café em Relação à Área Total Cultivada

1905

Bocaina	95,0 %
Bariri	78,7 %
Dois Córregos	74,1 %
Jaú	84,9 %
Mineiros do Tietê	79,6 %
Ribeirão Bonito	61,7 %
Dourado	55,9 %
Boa Esperança do Sul	53,0 %

A intensificação do povoamento, provocada pelo desenvolvimento da cultura cafeeira, pode ser comprovada pelo quadro abaixo.

Quadro n° 6

População dos Municípios

<u>Município</u>	<u>1872 (11)</u>	<u>1886 (12)</u>	<u>1900 (13)</u>
Brotas	7.116	6.546	10.029
Dois Córregos	2.325	6.546	8.974
Jaú	6.406	18.341	37.412
Bocaina	-	4.412	-
Bariri	-	-	10.040
Boa Esperança do Sul	-	-	7.179
Dourado	-	-	9.342
Mineiros do Tietê	-	-	4.737
Ribeirão Bonito	-	-	5.351
Total	16.347	37.563	93.064

Apesar da variação das áreas dos vários municípios, pelo desmembramento de novas áreas municipais, a área global não teve variações já que ela esteve sempre delimitada pelos rios Tietê e Jacaré-Guaçu e a escarpa da cuesta. Portanto, no sentido global, a relação com a sua população é válida.

Enquanto que de 1872 a 1886, durante o período de 14 anos, a população aumentou em, aproximadamente, 20.000 pessoas; no período seguinte, também de 14 anos, esse aumento aproximou-se de 50.000 pessoas.

O povoamento foi então feito basicamente por paulistas, que se deslocavam das áreas velhas para as áreas novas, e por imigrantes, dentre os quais se destacou o italiano. Pierre Monteig (14) mostrou que de 1898 a 1902, a região de Jaú recebeu mais de 8.000 imigrantes, tendo apenas Jaú recebido 6.191 imigrantes: foi, durante esse espaço de tempo, o 6º município do Estado em receber mais imigrantes.

Dados bastante significativos, apesar de se referir à década seguinte, são os apresentados por J. P. Camargo (15); referem-se à "entrada de imigrantes e trabalhadores nacionais" no período compreendido entre 1901 e 1910:

Quadro nº 7

Entrada de Imigrantes e Trabalhadores Nacionais

Bocaina	11
Bariri	-
Barra Bonita	184
Brotas	1.684
Dois Córregos	2.912
Jaú	10.581
Itapuí	-
Mineiros do Tietê	281
Ribeirão Bonito	2.408
Torrinha	482
Dourado	3.500
Boa Esperança do Sul	1.768
Total	23.814

Outra decorrência do desenvolvimento da cultura cafeeira, - como já foi citado anteriormente, foi a criação de novos municípios, que até 1890 se verificava de modo bastante lento. Até essa data existiam apenas Brotas (elevado a município em 1859) e Dois Córregos (em 1874). A partir de então, verificar-se-á um ritmo mais acelerado na criação de novos municípios e, conseqüentemente, de novas cidades, originariamente antigos patrimônios religiosos, como demonstra o quadro abaixo.

Quadro n.º 8

Ano de elevação a município

Ribeirão Bonito	1890
Bariri	1891
Bocaina	1891
Dourado	1897
Mineiros do Tietê	1898
Boa Esperança do Sul	1898

Além da criação desses seis municípios, durante a década de 1890 foram realizadas algumas incorporações de povoados que serão, futuramente, também elevados à categoria de cidade: Jaú incorporou Barra Bonita e Itapuí em 1896; nesse mesmo ano Brotas incorporou Torrinha; em 1896 Bariri realizou a incorporação de Itaju.

A urbanização foi uma consequência direta do povoamento provocado pelo café. As inúmeras cidades que foram surgindo, e crescendo, caracterizaram-se por desenvolverem funções específicas às "cidades do café", numa área então pioneira; essas funções serão estudadas mais adiante, quando usaremos Dois Córregos como modelo.

Esse processo "expansão cafeeira-povoamento-urbanização" não foi limitado à área em estudo, verificando-se também à margem esquerda do Tietê, à margem direita do Jacaré-Guaçu, assim como continuou pelo oeste do Estado.

Mas, para a nossa área em estudo, desenvolve-se um outro elemento fundamental para a estruturação regional: as ferrovias.

A primeira ferrovia construída na área delimitada pelo Tietê e Jacaré-Guaçu correspondeu ao atual ramal de Jaú da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Em 1860 os irmãos Adolfo e Luiz Pinto venceram a concorrência aberta pelo governo imperial para a construção do ramal Brotas (1885); Torrinha (1886); Dois Córregos (1886); Mineiros do Tietê (1887); Jaú (1887), a partir de Rio Claro. No mesmo ano organizaram a "Cia. de Rio Claro" e terminaram de construir esse ramal em 1887, conforme figura 2 (16).

~~Maís tarde~~ a C.F.E.F. estende seus trilhos, a partir de Dois Córregos em direção de Bauru, passando por Pederneiras (1903), Agudos (1903) e Bauru (1906), transformando a linha Mineiros do Tietê, em ramal de Dois Córregos. Essa rede ferroviária será transformada em 1930 o que será visto no Capítulo III.

Constata-se pelas datas apresentadas, que a ferrovia chega sempre depois que o café, sendo por ele estimulada ou ainda, a penetração do café na floresta se dá com a aproximação da ferrovia; seu traçado básico obedece a núcleos urbanos já existentes e em fase de crescimento devido à cultura cafeeira, o que em parte explica seu traçado um tanto irregular; penetra ao longo dos espigões, valorizando esses centros.

A área localizada ao norte da linha da Paulista, outra rica zona de "terra roxa", foi cortada pouco mais tarde pela "Douradense", "estrada tipicamente fazendeira, teve traçado incrível só para atender às grandes fazendas: estrada cata-café" (17). Partindo de Ribeirão Bonito (1894) dirigiu-se para Dourado (1899), Boa Esperança do Sul (1903), Bocaina (1910), Bariri (1910), Itapuí (1902), desembocando em Jaú.

À margem esquerda do Tietê foi abrangida pela Estrada de Ferro Sorocabana que, vindo de Botucatu (1869), atingiu São Manoel, Lencóis Paulista, encontrando-se com a Companhia Paulista em Agudos.

Dessa rápida apresentação da evolução da rede ferroviária, é possível fazermos algumas constatações sobre o papel das ferrovias na estruturação regional em fins do século XIX e início do atual.

A expansão dessas três linhas ferroviárias, com seus traçados rígidos e relativamente paralelos, conseguiu reforçar, ou criar, unidades espaciais dispostas "grosso modo", ao longo dessas mesmas ferrovias, numa época em que o transporte rodoviário era praticamente inexistente.

A área entre o Tietê e o Jacaré-Guaçu, que numa primeira fase do povoamento apresentava uma certa unidade, como área produtora de café, viu-se dividida por duas linhas ferroviárias: a Paulista e a Douradense. Enquanto que a expansão da primeira reforçou, ao longo de seu traçado, a unidade de parte da área estudada, a evolução da segunda, teria iniciado, em sua primeira etapa, o deslocamento da zona de Dourados e de Beirão Bonito para a área de influência de São Carlos, não só pela maior proximidade de tempo propiciada pela ferrovia, como pelo importante centro de serviços que São Carlos já representava (16). A segunda etapa da construção da Douradense, que atingiu Bocaina, Bariri e Itapuí, não conseguiu colocar essas zonas sob a influência de São Carlos agora devido à maior proximidade de Jaú, além de serem bastante ligadas a Jaú pela própria gênese, o que reforçou a unidade da área.

A área situada à margem esquerda do Tietê, isolada, como já vimos pela gênese administrativa da área em questão, viu-se de vez dela separada pelos trilhos da Sorocabana.

Pederneiras e Agudos, situadas à margem esquerda do Tietê - são integradas ao "eixo" da Paulista através dos trilhos dessa companhia. Mas com a chegada dos trilhos da Sorocabana a Agudos, essa cidade se deslocou para a zona de Lençóis Paulista e São Manoel, principalmente depois das alterações da rede da Paulista que transformou Agudos em simples ramal de bitola estreita de Pederneiras.

Temos assim, no início do Século XX, o esboço de uma estruturação regional resultante de vários fatores que, atuando em conjunto, tiveram ação mais ou menos intensa, em momentos diferentes. A ação desses fatores foi conferindo à área em estudo o aspecto de uma região homogênea, cabendo ao café o papel fundamental.

Tendo sido o fator básico do povoamento e da urbanização - dessa região, acabou por transformá-la em típica área de produção, com uma unidade econômica e social, portanto com características bastante particulares. Humanizou o meio, criando uma paisagem em comum.

Essa região bastante homogênea se constituiu na primeira forma de organização do espaço, no que foi reforçada pelas ferrovias. Os centros urbanos que foram surgindo, ou crescendo, eram mais consequência de uma economia rural, exercendo assim insignificante papel organizador sobre a região.

A polarização, no caso por Jaú, verificar-se-á numa etapa posterior.

Referências do Capítulo I

- (1) Foi o caso de Bariri, cuja região, em 1718, foi percorrida pelos bandeirantes que se dirigiam para as minas de Caxipó, em Mato Grosso, - através do Rio Tietê, in Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Rio de Janeiro, 1966, Vol. XXVIII.
- (2) A Revolução de São Paulo e Minas Geraes, em 1841/2, fêz com que habitantes dos dois ~~estados~~ se entrensassem pelo sertão para fugir ao recrutamento, o que fizeram descendo o Rio Tietê, fundando povoados - às margens desse rio; in Enciclopédia dos Municípios, obra citada, Vol. XXIX e Pierre Lombeig "Pionniers et Planteurs de São Paulo" pag. 116, Armand Colin, Paris, 1952.
- (3) Os dados referentes à evolução político-administrativa dos municípios foram obtidos nos seguintes trabalhos:
 - Eugênio Egas - Os Municípios Paulistas (2 volumes), Seção de Obras D'O Estado de São Paulo, São Paulo, 1925
 - Enciclopédia dos Municípios - Obra citada, Vol. XXVIII, XXIX e XXX
 - Marcelino Piza - Os Municípios Paulistas, Secretaria da Agricultura, 1933.
 - Afonso, A. de Freitas - Geografia do Estado de São Paulo, 1906.
 - Alfredo Madeira Pinto - A Província de São Paulo, 1864.
 - Roberto Capri - Os Municípios do Estado de São Paulo de 1913 a ... 1922, São Paulo, 1922
 - Manuel Eufrásio de Azevedo Marques - Apontamentos Histórico, Geográfico, Estatístico da Província de São Paulo (1876), Livraria - Martins, 1952 - 2 volumesAlém desses livros algumas informações foram obtidas nas próprias cidades. Assim sendo, não iremos mais, durante esse trabalho, indicar as fontes referentes às citações de problemas político-administrativos de municípios.
- (4) P. Lombeig - Obra citada, pag. 116
Ari França - A Marcha do Café e as Frentes Pioneiras" - XVIII Congresso Internacional de Geografia, Guia n° 3, C.A.C., 146, pag. 461
- (5) Livro para Qualificar os Cidadãos Votantes da Paróquia de Dois Corregos, pertencente ao Município de Brotas. Esse livro de Atas encontra

se na Prefeitura de Dois Córregos, com dados referentes a 1868 em diante.

- (6) Antes de 1891 (Constituição Republicana que separou o Estado da Igreja), quem primeiro chegasse às regiões inexploradas, poderia tomar posse, a legalização resultava do Registro do Vigário, para provar o domínio e garantir a posse; esse registro era feito na sede paroquial, foi o caso que ocorreu com Pederneiras, cuja sede paroquial era Botucatu, in Enciclopédia dos Municípios - Obra citada, Vol. XXIX.
- (7) P. Mombeig - Obra citada, pag. 120
- (8) Sérgio Milliet - Roteiro do Café, Edição definitiva, Bipa, 1946 - pag. 60.
- (9) José Francisco Camargo - Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus Aspectos Econômicos, Boletim n° 153 da F.F.C.L. da USP Vol. I, gráfico n° 67.
- (10) José Francisco Camargo - Obra citada.
- (11) Recenseamento Imperial de 1872.
- (12) Sérgio Milliet - Obra citada.
- (13) Recenseamento Federal.
- (14) P. Mombeig - Obra citada - utilizando dados do Serviço de Imigração e Colonização (Boletim do S. de I. e C., Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio - SP - Dez. de 1941, n° 4).
- (15) J. F. Camargo - Obra citada - Vol. I.
- (16) Em 1889 vendem a Cia. para a The Rio Claro São Paulo Railway, com sede em Londres, que por sua vez, vende o ramal à C.P.E.F. em 1892, conforme Odilon N. de Latoz - A Evolução Ferroviária de São Paulo - Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia em Florianópolis, 1940 C.M.G. - Rio, 1944 Vol. IV, pags. 16, 156/68.
- (17) Odilon N. de Latoz - Obra citada.
- (18) Sem fazer distinção entre a população urbana e a rural o Recenseamento Federal de 1900 dava ao município de São Carlos a população de 55.729 habitantes e 37.412 para Jaú.

CAPÍTULO II

DOIS CÓRREGOS E A HIERARQUIA URBANA

Partindo do princípio da interdependência existente entre a cidade e sua região e da existência das chamadas regiões polarizadas, os estudos básicos da vida de relação de uma cidade seriam:

- a) o estudo de sua zona de influência e o seu limite;
- b) o estudo das relações entre as cidades compreendidas na região em apreço, isto é, o estudo da rede urbana (1).

Para o caso de Dois Córregos, onde se percebe "a priori" - sua característica de pequeno centro, adotamos as seguintes fases de abordagem:

- delimitar e caracterizar a região a que Dois Córregos pertence, polarizada por um centro hierarquicamente superior, no caso representado por Jaú;

- a seguir, estabelecer os limites da zona de influência de Dois Córregos,

- a vida de reações de Dois Córregos, dentro de sua região e, fora dela, será estudada nos dois capítulos seguintes. No capítulo - III será também estudado o processo da elaboração da região polarizada por Jaú.

A) A Sub-região de Jaú

1. Os critérios para delimitação da área de influência de Jaú

Para o estudo da delimitação da zona de influência de Jaú

adotamos o seguinte critério de trabalho:

1. Pesquisa feita diretamente em Jaú, onde levantamos as seguintes informações:

- dados relativos aos meios de transportes;
- relação dos municípios abrangidos pelas sedes de certos órgãos administrativos que se localizam em Jaú, tais como a Delegacia Regional do Ensino Primário, Casa da Lavoura, Departamento de Estrada de Rodagem (~~Residência de Conservação~~), etc.;
- dados relativos à comercialização de produtos rurais, através de visitas à importantes empresas, como a Anderson Clayton, Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Jaú;
- função comercial de Jaú como centro distribuidor de mercadorias (atacadistas, concessionários de veículos, distribuidores de gás);
- dados referentes à função educacional (ensino médio e superior) e médico-hospitalar de Jaú.

O mapeamento desses dados nos forneceu idéia um tanto aproximada da zona de ação de Jaú. Contudo, inúmeras dúvidas pairavam, não só quanto à delimitação mais exata de sua zona de influência, mas também quanto ao tipo de relação com sua zona, já que ficou bastante evidente - nessa fase do trabalho, que a pesquisa feita apenas no centro polarizador não consegue caracterizar bem os tipos de relações praticadas com sua zona.

2. Para sanar em parte essas falhas e para comprovar certas conclusões obtidas pelo primeiro critério, foram enviados questionários (2) para os agentes do IBGE das cidades que, pelos dados obtidos na primeira etapa, mantinham relações significativas com Jaú. Infelizmente, alguns agentes não responderam ao questionário. Mas a análise do mapeamento dos dados obtidos pelos questionários, mostrou que boa parte de nosso objetivo nessa etapa do trabalho foi atingido.

3. Por fim, numa última etapa, a visita direta a cidades que, no estudo das duas primeiras etapas, deixaram dúvidas de interpretação.

2. A área de influência de Jaú

É possível destacar na área de Jaú uma área de influência imediata, o espaço polarizado pela cidade de maneira acentuada e nítida, e uma área de influência atenuada, espaço bastante influenciado por ela,

mas onde a penetração das influências de um outro polo regional se faz sentir também de modo intenso (Figura n.º 5)

2.1 A área de influência imediata de Jaú

Tomando por base os limites municipais, a área de influência imediata de Jaú abrange os seguintes municípios: Lineiros do Tietê, Dois Córregos, Torrinha, Barra Bonita, Igarapu do Tietê, Bariri, Itaju, Bocaina, Itapuí e Boracéia.

Essa área de influência imediata, assim como a área de influência atenuada, definiram-se dentro de um espaço - mais amplo - considerado anteriormente.

Os elementos naturais exerceram certa influência na formação da região de Jaú: a maior parte dessa região encontra-se limitada - pelos rios Tietê e Jacaré-Pepira e, na porção Leste, por escarpas da "cuesta". É evidente que êsses elementos não tiveram influências determinantes, o que pode ser constatado pela exclusão de Boracéia e Igarapu do Tietê, dessa área, municípios que se localizam à margem esquerda do Tietê. É significativa a formação histórica dêsses dois municípios. Igarapu do Tietê pertencia primitivamente a São Manoel, do qual se desmembrou, e foi incorporado à Barra Bonita em 1930, como distrito, da qual se emancipou posteriormente. A anexação a Barra Bonita deve-se, ao que tudo indica, à posição da sede de Igarapu do Tietê, junto à margem esquerda do Tietê, defronte à cidade de Barra Bonita à qual se liga por uma ponte, fato que sempre favoreceu as relações entre as duas cidades, o que não acontecia entre Igarapu do Tietê e São Manoel. O caso de Boracéia é semelhante, desmembrada de Pederneiras, foi anexada como distrito à Itapuí em 1938. Apesar de Boracéia e Itapuí não serem típicas cidades ribeirinhas, distantes que estão, aproximadamente, cinco quilômetros do Rio Tietê, a comunicação entre as duas sedes era facilitada - pela ponte que então existia sobre ele.

Dentro de um quadro geral, o Rio Jacaré-Pepira e o Rio Tietê agiram como verdadeiras muralhas na vida de relação regional pelos obstáculos que representavam quanto à circulação principalmente quando relacionados com as escarpas por eles elaboradas. Além disso, a pobreza dos solos de larga faixa ao longo do Rio Jacaré-Pepira condicionou um povoamento por demais rarefeito, o que limitou a rede de comunicações e transportes entre a área já descrita e aquela localizada ao norte do

Rio Jacaré-Pepira, isolando-as.

Esses rios e parte da escarpa da cuesta, que até hoje ainda representa um obstáculo às vias de transporte, foram utilizados como limites administrativos de municípios localizados às suas margens, amarrando-os à região em questão. A influência dos quadros administrativos contribuíram, naturalmente, para acentuar certos fatos regionalizantes.

Nessa área, Jaú vai se definir como o centro sub-regional - (cujo processo de elaboração será explicado no capítulo seguinte) polarizando gradativamente toda a região. Desempenha com características bastante nítidas o papel de principal centro de uma região cujas cidades possuem um equipamento urbano razoável, e que estão no nível de pequenos centros locais, conforme podemos constatar pelo quadro abaixo.

Quadro nº 9

Equipamento das cidades da sub-região de Jaú (+)

	Boc.	B.B	Itap.	Borac.	M.T.	Bariri	Tor.	Itaju	D.C.
Casa da Lavoura	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	-	sim
Nº de médicos	5	5	3	-	1	4	2	-	4
Nº de dentistas	4	7	4	1	2	7	3	1	5
Hospital	-	1	1	-	-	1	-	-	-
Pôsto de Puericultura	1	1	1	-	1	1	1	-	1
Pôsto de Saúde	1	1	1	-	1	1	1	1	1
Santa Casa	1	-	-	-	-	1	-	-	1
Ginásio Estadual	1	1	1	1	1	1	1	-	1
Col.Estadual e Esc.Normal	-	1	-	-	-	1	-	-	1
Esc. Téc. de Comércio	-	1	1	-	-	1	-	-	1

(+) Dados obtidos através dos questionários enviados aos agentes do IBGE

A ação de Jaú é realmente dominadora naqueles tipos de atividades que caracterizam um centro regional:

- é a sede regional de vários órgãos administrativos, ou, se

quisermos ser mais precisos, a sede sub-regional ; é o caso da Casa da Lavourea, Delegacia Regional do Ensino Primário, etc. (figura n° 6).

- é o centro médico-hospitalar mais procurado pela população da região, talvez um dos mais completos do Estado em termos de número de médicos, número de leitos, médicos especialistas, equipamentos, etc. (3).

- é o centro mais procurado pela população urbana da região - quando pretende adquirir produtos de uso e consumo menos frequentes, de uso individual e doméstico: vestuário, eletrodomésticos, móveis, papeleria, livros, alimentos, etc. (figura n° 7).

- o mesmo ocorre com a população rural, principalmente no caso daquela domiciliada à menor distância de Jaú, diminuindo de frequência à medida que a distância aumenta (4) (figura n° 7).

- na parte referente ao ensino, necessário se faz distinguir o secundário do superior. No primeiro caso a população das cidades que não possuem o primeiro ou o segundo ciclo, procuram o centro mais próximo e de maior facilidade de acesso, e não necessariamente Jaú. Assim, exemplificando, a população de Itaju, a única que não possui um ginásio, recorre a Itapuí; Mineiros do Tietê, que possui apenas o primeiro ciclo, recorre bem mais à Dois Córregos do que a Jaú. Quanto ao ensino superior, foi instalada recentemente (1967) em Jaú uma Faculdade de Filosofia, que passou a ser a mais procurada por toda a população regional que deseja realizar esse tipo de curso e que em sua quase maioria se desloca diariamente de seu local de domicílio até Jaú (5).

- outros exemplos podem ser citados, como o da comercialização de certos produtos rurais (especialmente no caso do café) (6), concessionários de veículos, utensílios agrícolas (7), gás liquefeito (8), a procura de serviços bancários e empresas de investimentos, de passeios e diversões, etc. etc. (figuras n°s 6 e 7).

Já no caso das funções mais características a um centro regional, elas são praticadas fundamentalmente por Bauru, à qual a região de Jaú se acha subordinada. Jaú não conta, por exemplo, com uma função atacadista importante, as pesquisas demonstraram claramente que os comerciantes da região recorrem muito mais a Bauru para a aquisição de uma gama variada de produtos; encontramos sediadas em Bauru filiais de importantes empresas comerciais e, em escala bem menor, industriais: Katarazzo, Sambra, Dias Martins, Cooperativa Agrícola de Cotia, Sadia, Júlio Meca, Mes

tlê, Souza Cruz, Coca Cola e Fanta, etc. A função universitária de Bauru é mais intensa e diversificada que a de Jaú (Filosofia, Direito, Engenharia, Educação Física, etc.) tornando Bauru o centro universitário mais procurado pela população da região. A clientela dessas faculdades não se desloca, necessariamente, em movimentos diários. Ainda mais, seu importante e diversificado comércio varejista, a sediação de órgãos administrativos, os depósitos de derivados de petróleo, etc.

É evidente que, dentro desse esquema geral, a cidade de São Paulo aparece sempre, comportando-se como verdadeira metrópole nacional.

Mas foi o sistema de transporte e a localização de outros centros ou sub-centros regionais os fatores fundamentais da determinação da região de Jaú. Em outras palavras, de todos os municípios incluídos na região chega-se mais rápida e facilmente a Jaú do que em relação a outros centros regionais de igual ou maior importância. O desenvolvimento da rede rodoviária acabou caracterizando Jaú como verdadeiro nó de entroncamento rodoviário; de Jaú diverge um sistema de rodovias que muito colaborou para "amarrar" a região de Jaú.

Além da rodovia, que em linhas gerais acompanha as cidades cortadas pela C.P.R.F., outras foram construídas, valorizando a posição geográfica de Jaú. A mais antiga (aberta em 1949), liga Jaú a Araraquara, passando por Bocaina e Boa Esperança do Sul; a rodovia Jaú-São Carlos, que passa por Dourado e Ribeirão Bonito, a rodovia Jaú-Bariri, que deve atingir Ibitinga, conforme plano já em andamento, a rodovia Jaú-São Manuel, atingindo a Castelo Branco, passando por Barra Bonita. (figura nº 4). Convém assinalar que a recente extinção do ramal ferroviário de Jaú (Jaú, Itapuí, Posto Rangel, Bariri e Bocaina) não trouxe prejuízo à influência regional de Jaú ante a situação precária e arcaica da estrada.

É bem verdade que em termos de regionalização, nem sempre o desenvolvimento rodoviário obedeceu a critérios racionais, sob o ponto de vista de prioridades; é o caso da construção da nova rodovia, asfaltada, que ligou diretamente Jaú a Brotas, enquanto que a antiga rodovia, de terra e de difícil circulação em épocas de chuvas, que une Jaú a Mineiros do Tietê, Dois Córregos, Torrinha, Brotas ainda permanece na mesma situação, dificultando a vida de relações, principalmente com Torrinha.

Os fatores naturais, o centro polarizador, representado por Jaú, os limites administrativos, os sistemas de transportes e a localização de outros centros de polarização foram os verdadeiros fatores regionalizantes. A êles acrescenta-se o fato de ter sido essa região uma importante área produtora de café, no passado.

Essa região apresenta hoje características de uma região organizada. Encontramos nela os três aspectos fundamentais que B. Kayser (9), considera como básicos para a existência de uma região organizada.

- a solidariedade existente entre seus habitantes, sob êsse aspecto são muitas as características em comum e os laços existentes entre as várias porções da região: o tipo de povoamento, a importância do imigrante europeu, principalmente o italiano (quadro n° 10) em fins do Século XIX e início do Século XX, a evolução das atividades rurais, a estrutura social, os laços entre seus habitantes, etc.

Quadro n° 10

População estrangeira existente em 1920 (em %) (10)

	Italiano	Espanhol	Português
Bocaina	57,1	35,1	3,0
Bariri	49,6	28,3	7,5
Barra Bonita	48,4	38,5	5,9
Dois Córregos	72,5	16,1	8,7
Itapuí	45,0	37,2	8,6
Jaú	29,3	41,4	5,0
Mineiros do Tietê	79,7	12,2	5,2

- a organização em tórno de um centro, como já vimos, cate a Jaú, como centro regional, ou polo regional, êsse papel organizador, que realmente polariza em tórno de si a região já definida anteriormente.

- a participação de um conjunto maior; como é reconhecido -

por todos, São Paulo é uma das poucas áreas do Brasil que possui um espaço relativamente organizado, sendo a área de Dois Córregos uma das partes desse espaço, situado em um nível hierárquico subordinado a Jaú que, por sua vez, se encontra dentro da área de Bauru, o centro regional, o nível hierárquico seguinte é a subordinação de Bauru à cidade de São Paulo.

Outra característica dessa região organizada é a densidade - relativamente alta de cidades. Praticamente a distância máxima entre duas cidades não ultrapassa 30 quilômetros (com exceção de Jaú-Bariri, separadas por 34 kms.) e cujo tempo médio de viagem raramente ultrapassa 30 minutos.

Contudo, constatamos, pelo quadro abaixo, a pequena população localizada dentro da região de Jaú, quer a rural, quer a urbana.

Quadro n° 11

População rural e urbana da Sub-região de Jaú - 1960

	População urbana	População rural
Bariri	8.403	10.006
Barra Bonita	8.404	6.154
Bocaina		
Boracéia	292	4.116
Dois Córregos	7.557	7.120
Itaju	456	4.451
Itapuí	3.882	6.049
Mineiros do Tietê	2.252	3.127
Igaraçu do Tietê	3.537	3.796
Torrinha	2.998	3.570
Jaú	31.885	22.276

É possível destacar na região de influência imediata de Jaú uma zona que mantém relações diretas mais intensas com o polo sub-regional; é aquela que, em princípio, se localiza mais próxima à Jaú e

que, por coincidência, com exceção de Mineiros do Tietê, abrange os municípios cujas populações urbanas e rurais são maiores: Mineiros do Tietê, Dois Córregos, Itapuí, Barra Bonita, Bocaina e Bariri. Nela a migração diária é mais intensa, chegando-se a constatar casos de migrações de mão-de-obra. O maior número de viagens diárias de ônibus entre Jaú e essas cidades atesta o fato.

As áreas mais afastadas, cujas sedes municipais são as menos numerosas (Itaju, Boracéia, Torrinha) e aquelas com equipamento urbano mais precário, possuem relações bem intensas com cidades intermediárias a Jaú, onde satisfazem parte de suas necessidades, diminuindo as relações diretas com Jaú. São os casos de Itaju com relação à Bariri, Boracéia com relação à Itapuí, Igarapu do Tietê com relação à Barra Bonita e Torrinha, com relação à Dois Córregos. Chegamos a encontrar em Bariri uma linha de ônibus que parte dessa cidade em direção a Itaju, o que expressa bem o que acabamos de expor.

Esses quatro casos exigem uma análise um pouco mais detalhada.

Torrinha é um fato à parte na região de Jaú, no sentido de ser a única área que, polarizada por Jaú, não pode ser incluída dentro da região maior, polarizada por Bauru. Jaú é o centro regional mais próximo de Torrinha, que se situa no extremo leste da região: 54 kms. de estrada de terra separam Torrinha de Jaú e 100 kms separam Torrinha de Piracicaba, seu segundo centro regional mais próximo. O mesmo acontece no tocante ao transporte ferroviário, só que, ao invés de Piracicaba é Rio Claro, seu segundo centro regional mais próximo, cujo tempo de viagem é quase o dobro comparado com o de Jaú (11).

Essa grande diferença de distância foi um fator quase que determinante na sua polarização por parte de Jaú, apesar da maior importância de Piracicaba como centro regional. Mas naquelas relações características com um centro regional, devido à grande distância que a separa de Bauru (115 kms. , mais o aspecto negativo da estrada até Jaú por de terra), Torrinha desloca-se muito mais em direção de Piracicaba.

Apesar de Torrinha ter sido incluída na sub-região de Piracicaba pela classificação do governo do Estado (Modelo de Unidades territoriais polarizadas - Diário Oficial de 4.7.67), sua participação na região de Jaú seria mais acertada.

Barra e Bonita e Igarapu do Tietê podem ser consideradas como cidades gêmeas, a primeira situada à margem direita, e a segunda à margem esquerda do rio, ligadas por uma ponte. Igarapu do Tietê sempre esteve bastante influenciada por Barra Bonita, apesar de corresponder - quase que a uma continuidade desta cidade. Na verdade, a população de Igarapu do Tietê se comporta para Barra Bonita como a própria população de Barra Bonita se comporta em relação a si mesma. Mas, levando-se em conta a distinção oficial que se faz das duas cidades, é possível - distinguir para Igarapu do Tietê um nível hierárquico inferior, determinado pela sua posição geográfica com relação a Barra Bonita e Jaú.

A mesma distinção hierárquica é possível distinguir para Itaju com relação a Bariri, só que determinado por um outro tipo de posição geográfica.

Distanciada por 12 km de estrada de terra de Bariri, Itaju não se comporta realmente como uma cidade no sentido geográfico do termo (sua população urbana é de 452 habitantes). Primitivo distrito de Bariri, cresceu com a cultura cafeeira e foi elevado a município em 1953, apesar de suas características de vila. Sua população urbana, em grande parte com poder aquisitivo relativamente baixo, satisfaz praticamente grande parte de suas necessidades em Bariri e, num nível mais alto, em Jaú.

Itaju está praticamente isolada de outros centros regionais. Para oeste o Rio Tietê representa um verdadeiro obstáculo natural, que - rompido através de um precário sistema de balsas, que permite um contato com Aracaju e Itacanga. O ônibus (duas viagens por dia), com constantes paradas ao longo da estrada, que a liga a essas duas cidades, tem como objetivo principal atender às necessidades locais da população. Ao norte a cidade mais próxima está Ititinga, distante mais de 30 quilômetros por uma péssima estrada de terra, já estando em vias de construção uma asfaltada. Para leste há ausência total de estradas estaduais. Seu escoamento mais viável se dá para o Sul, em direção a Jaú, passando por Bariri.

Apesar de incluída na área de influência de Jaú, é possível que Boracéia se derloque cada vez mais para uma dependência direta em direção a Bauru, por Pederneras. Já vimos que, localizada à margem esquerda do Tietê, a mais ou menos 5 km do rio, foi desmembrada de Pedern-

neiras e integrada como distrito de Itapuí, pela posição geográfica de sua sede municipal. Corresponde também, como Itaju, a um pequeno núcleo (292 habitantes), que se ligava a Itapuí por uma ponte. Apesar do modesto equipamento urbano de Itapuí, sua grande proximidade com Boracéia - (9 km) e o aspecto muito mais de vila dêsse centro urbano justificavam uma ligação direta bastante estreita com Itapuí. Mas, com a construção pela C.E.S.P. da barragem da Usina Hidrelétrica de Bariri, em 1966, a ponte foi destruída pelas águas. Em troca, a C.E.S.P. estabeleceu um sistema de balsas bastante razoável, com viagens de meia em meia hora. Apesar da balsa ter condição de transportar em média um caminhão, quatro carros pequenos e aproximadamente 40 pessoas, o tempo de deslocamento entre as duas cidades aumentou, o que teria estimulado um maior estreitamento de relações de Boracéia com Pederneiras através de uma estrada municipal, não carroçável o ano todo.

Apesar de Boracéia estar ligeiramente mais próxima de Pederneiras em relação a Jaú (a distância entre Boracéia e Pederneiras são 26 km; de Boracéia a Jaú: 28 km), Jaú consegue polarizar Boracéia pela sua importância como centro sub-regional e pelas melhores condições da rodovia. Mas, com a instituição do regime de balsas, com o início de construção de uma estrada asfaltada entre Boracéia e Pederneiras (que diminui o tempo de viagem para menos de 20 minutos) e, conseqüentemente, a maior facilidade de acesso em direção a Bauru, são elementos importantes para uma possível alteração na hierarquia urbana: acentuar-se-iam as relações entre Boracéia e Pederneiras (para os serviços e produtos mais frequentes) e, conseqüentemente das relações diretas com Bauru, em detrimento das relações com Itapuí e, automaticamente, com Jaú. É uma colocação teórica, em que não estamos levando em conta o peso das tradições.

Felas observações que acabamos de fazer, consideramos perfeitamente válido incluir Itaju, Boracéia e Igarapu do Tietê na categoria de centros elementares, destacando-os dos demais centros locais da sub-região de Jaú. Para o caso de Torrinha nos parece mais lógico considerá-la como centro local.

2.2 A área de influência atenuada de Jaú

Três municípios situam-se dentro da área de influência atenuada de Jaú, onde se constata que a influência desta cidade é sensível

mas entrando em concorrência com as influências, no geral maiores, de outros centros: Brotas, Pederneiras e Dourado. A penetração de Jaú se faz em vários setores da vida regional, escolar, médico-hospitalar, consumo da população rural e urbana, de utensílios e fertilizantes, etc., nem sempre como o centro mais procurado, os deslocamentos diários entre essas três áreas de Jaú, já se tornam bem menos representativos.

É importante constatar que a distância, e mesmo o tempo da viagem, entre essas três áreas, levando-se em conta a sede municipal, e Jaú, é menor do que com um segundo centro regional mais próximo; a importância regional mais significativa dêsse segundo centro é o outro fator que explica a não polarização nítida dessas três áreas por Jaú: Bauru, para o caso de Pederneiras, Araraquara para Dourado, São Carlos para Dourado e Brotas e Piracicaba para Brotas.

Nota-se assim que, com exceção de Pederneiras, que mantém relações diretas com Bauru, as outras duas áreas se situam numa zona periférica de influência, sem subordinação nítida a um sub-centro, ou centro regional.

Jaú tem a seu favor, nas relações com essas três áreas, a influência da tradição (12). Da mesma maneira que a área de influência imediata, essas áreas obedeceram a um mesmo processo histórico de povoamento; foram zonas pioneiras, em fins do século passado, quando o café justificou seu crescimento econômico; o posterior esvaziamento econômico e demográfico é também fato em comum entre elas, assim como o tipo de imigrante, a psicologia do homem rural e, até mesmo, urbano. Os trilhos da Cia. Paulista foram sempre importante elo entre Brotas-Jaú-Pederneiras, o que aconteceu em escala menor entre Dourado-Jaú, através da ex-Douradense. Até hoje é muito intensa a vida de relações sociais entre essas três áreas.

É são justamente essas características de origem histórica que não ocorrem, pelo menos de modo tão completo, entre essas três áreas e o seus outros centros polarizadores. Esse aspecto não pode ser desprezado no estudo da regionalização, apesar de reconhecermos que ele não se comporta como elemento dinâmico no processo de estruturação regional, papéis que cabem fundamentalmente aos centros e as vias de comunicações. Mas constatamos nessas três áreas pessoas que mantêm relações com Jaú, em termos de comércio e serviços, devido, basicamente, ao peso da tradição.

O caso de Pederneiras é mais simples. Localizada entre Jaú e Bauru, à margem esquerda do Tietê, sua subordinação direta a Bauru é mais nítida, pela maior importância dessa cidade como centro de polarização, apesar da distância ligeiramente maior, comparada com Jaú (Pederneiras-Jaú: 23 km; Pederneiras-Bauru: 28 km). Mas, como já foi dito anteriormente, a penetração de Jaú é significativa. Das três áreas é que apresenta menor característica de zona de contato de influência.

Até a construção da nova rodovia asfaltada (1967), ligando diretamente Brotas a Jaú, aquela cidade situava-se a meio caminho entre Jaú e outros sub-centros regionais situados para leste, como São Carlos (Brotas-Jaú: 78 km, Brotas-Rio Claro: 72 km; Brotas-São Carlos: 73 km). Dois foram os fatores negativos que limitaram as relações de Brotas com Jaú:

- a estrada de terra que a unia com Jaú, e
- a grande força de atração das áreas situadas a leste e sudeste, onde se encontram importantes centros e onde a influência da capital do Estado é mais sentida.

Três são as cidades cujas influências penetram mais intensamente em Brotas: Jaú, Rio Claro e São Carlos, com certo predomínio desta última. As penetrações por parte de Piracicaba (acessórios, implementos, médico) e Araraquara (atacadistas) são bastante significativas.

Com a construção da nova rodovia, asfaltada, a distância entre Brotas e Jaú diminuiu para 54 km, fato bastante favorável àquela cidade, justificando inclusive a criação de uma linha de ônibus (uma viagem por dia) entre as duas cidades. Por enquanto não se pode falar de um deslocamento de zona de atração, apesar de se notar um ligeiro aumento nas relações entre Jaú e Brotas.

Como dissemos anteriormente, Brotas é um típico caso de uma área localizada numa zona periférica de atração por parte de polos sub-regionais.

O mesmo ocorre com Dourado, só que, nesse caso, são três os centros que nela penetram: Jaú, São Carlos e Araraquara, com certo destaque de Araraquara devido a sua importante função atacadista; fora esse setor, há um equilíbrio muito grande de penetração de influência por parte dos dois sub-centros referidos e Araraquara.

B) A Área de Influência de Dois Córregos

Os critérios utilizados para a delimitação da zona de influência de Dois Córregos foram selecionados com o objetivo de serem os mais representativos para o caso de uma pequena cidade. Apesar de esquematicamente, para cada cidade, podermos distinguir critérios para a delimitação de sua zona de influência e, outros, para o estudo de suas relações com o campo vizinho, para o caso de Dois Córregos isso deixa de ser necessário. Sabendo-se "a priori" de sua pequena zona de domínio, os critérios selecionados atingiram êsses dois campos de relação conjuntamente.

Convém ainda lembrar que a aplicação de tais critérios revelaram, paralelamente à delimitação da zona, a intensidade do domínio de Dois Córregos sobre sua zona e o seu grau de subordinação a outros centros mais importantes, com equipamentos urbanos mais completos.

Por um realizadas entrevistas, muitas das quais através de questionários, em inúmeros setores de atividade da cidade, assim como, foram realizadas pesquisas em certas partes da zona rural, que foram consideradas como necessárias para sanar algumas dúvidas, pesquisas semelhantes foram realizadas em cidades vizinhas.

Para delimitar a zona de influência de Dois Córregos, os critérios foram escolhidos para estudar o papel de Dois Córregos como:

- centro de comercialização e beneficiamento de produtos rurais;
- centro distribuidor de produtos externos manufaturados;
- centro médico;
- centro educacional;
- centro financeiro;
- centro administrativo;
- centro de comunicações e
- centro de proprietários rurais residentes na cidade.

A análise dos dados obtidos, pelos critérios utilizados, revelaram o domínio de raios de influência de pequena amplitude que se concentram de modo acentuado dentro dos próprios limites municipais. Em outras palavras: a distribuição de bens e serviços, mais a comercialização de produtos rurais realizadas por Dois Córregos, acham-se bastante -

ligadas à população do município. É o caso dos clientes dos bancos, da aquisição do café e arroz pelas máquinas da cidade, das vendas realizadas pelos armazéns de secos e molhados, pelas lojas de tecidos e armari-nhos, pelas cooperativas e outros estabelecimentos comerciais, e assim-por diante.

É evidente que essa conclusão poderia ser tomada "a priori" mas a pesquisa realizada para comprovar uma evidência revelou-se de im-portância ímpar, pois forneceu elementos básicos para entender a vida - de relação de Dois Córregos com sua área de influência, inclusive em termos evolutivos, o que será analisado no capítulo seguinte.

A influência dos limites administrativos não pode ser menos prezada quando se procura delimitar a zona de domínio de pequenos centros urbanos, pelo menos no caso de regiões como a de Dois Córregos. - Primeiro, pela importância, para esses pequenos centros, dos serviços-públicos nêle sediados e, via de regra, limitados ao próprio município - (Cartório de Registro Civil e outros, Prefeitura, Casa da Lavoura, Pôsto de Saúde, sede de Comarca, etc.); em segundo, pelo equipamento urbano de Dois Córregos que, apesar de modesto consegue satisfazer significativa porcentagem das necessidades básicas da população rural do município.

A ênce de dois elementos acrescenta-se um terceiro: a rede de estradas municipais e caminhos vicinais converge para a cidade, dando maior organicidade para a área municipal. De quase tôdas as partes do município chega-se mais rápida e facilmente a Dois Córregos do que às outras cidades vizinhas. Naquelas partes onde isso não acontece, elas podem ser drenadas, pelo menos em parte, para os centros urbanos mais próximos.

Dessa forma é possível destacar certas áreas do município - de Dois Córregos onde o domínio da cidade não se faz de modo bastante - acentuado, ante a penetração de influência de outras cidades e, inversa-mente, é possível também destacar outras áreas situadas em municípios - vizinhos onde a penetração da influência de Dois Córregos é sensível. Vamos considerar essas áreas como sendo "áreas de influência de transição" (figura n° 8).

É o que acontece com a parte norte e sul do município localizadas após a escarpa da cuesta, voltadas, respectivamente, para os

vales do Jacaré-Pepira e do Tietê. No primeiro caso (os baixos do Barreiro, Jardim, Águas Virtuosas, inclusive certas partes de cima da escarpa), constata-se uma grande influência de Jaú, que se tem acentuado com a construção da nova rodovia estadual, Brotas-Jaú, que parte da Washington Luís, passando por Itirapina, que corta a parte norte do município no sentido leste-oeste. No caso do "baixão da serra", localizado na porção sul do município (Água Vermelha, Maria Vitória, Limoeiro, etc.) grande parte da população rural é atraída para Santa Maria da Serra e, em pequena escala, para Torrinha; a escarpa da cuesta e a precária estrada de terra são os grandes obstáculos que limitam as relações entre essa área e a cidade de Dois Córregos, obstáculos que não existem com relação a Santa Maria da Serra.

Outra área com essas características é a saliência que se encontra na parte oeste do município (Xavier Lopes, Matão); é intensamente drenada para Jaú, com a particularidade de ser cortada pela antiga estrada que ligava (atualmente é estrada secundária) Dois Córregos a Jaú, hoje muito usada por rurais.

Da contraposição, a parte leste do município de Mineiros do Tietê (Borracho, Saldanha Larinho) é bastante influenciada por Dois Córregos. Se as distâncias entre essa área e as cidades de Mineiros do Tietê e Dois Córregos se equiparam, essa última cidade tem como vantagem um equipamento urbano superior ao de Mineiros do Tietê.

Foi também constatado, pelos critérios acima referidos, que Dois Córregos exerce certa influência sobre municípios (zona rural e urbana) vizinhos, principalmente no caso de Mineiros do Tietê e Torrinhão, em menor escala, Barra Bonita e Brotas. Destacam-se, no caso, os serviços médico e educacional, certas lojas comerciais, como as de secos e molhados, tecido, ótica, etc. as cooperativas, distribuidores de bebidas, sócios dos clubes da cidade, certos produtos fabricados na cidade, de âmbito regional (tipografia, móveis) e, inclusive, a aquisição de café pelas máquinas.

Essa influência não reflete, na verdade, uma zona de domínio de Dois Córregos, o que é comprovado pela sua pequena importância quantitativa (se levarmos em conta sua baixa porcentagem sobre o valor total) e pelas pesquisas realizadas naquelas cidades, que anulam uma subordinação a Dois Córregos.

Em parte essa influência reflete hoje uma vida de relações entre cidades que se situam praticamente numa mesma escala hierárquica e participantes de uma mesma unidade regional, com características econômicas e sociais semelhantes, mas todas polarizadas, num primeiro nível, no caso Jaú.

Algumas observações, contudo, devem ser feitas.

Apesar de suas características em comum, de pequenos centros urbanos, Dois Córregos comportou-se, do início do século até 1950, como a maior cidade entre elas, como podemos comprovar pelo quadro abaixo.

Quadro n° 12

	1934	1940	1950	1960
Dois Córregos	4.660	5.946	5.770	8.404
Protas	2.452	2.686	3.082	3.958
Mineiros do Tietê	1.448	1.372	1.344	2.252
Barra Bonita	1.756	2.689	2.906	8.404
Torrinha	1.379	1.718	1.731	2.998

Esse fato refletia um equipamento urbano menos precário por parte de Dois Córregos, quer em termos de serviços, quer em termos de comércio.

Conforme informações recebidas por parte de alguns antigos-comerciantes, a presença de trabalhadores rurais daqueles três municípios em Dois Córregos era muito grande nos fins de semana, quando realizavam inúmeras compras nessa cidade, isso até, aproximadamente, a década de 1930. Teoricamente é possível que isso tenha ocorrido, numa época em que Jaú não polarizava sua região, como ocorre nos dias atuais, e o acesso à cidade de Dois Córregos era então bem mais fácil, principalmente para o caso de Mineiros do Tietê e Torrinha. Mesmo assim não, correspondiam às áreas de domínio de Dois Córregos.

Uma outra observação é quanto à posição geográfica de Torrinha e Mineiros do Tietê, com relação a Dois Córregos e Jaú.

No primeiro caso, Dois Córregos é passagem obrigatória para os habitantes de Torrinha que se dirigem para Jaú, quer por rodovia, - quer por ferrovia: a distância, e também o tempo de viagem, entre Torrinha e Jaú (54 km, por rodovia) é praticamente o dobro da existente entre Torrinha e Dois Córregos (26 km). Esses dois motivos justificam a procura por parte de alguns torrinhenses (rurais ou urbanos) da cidade de Dois Córregos para satisfazer necessidades de consumo mais frequente, que às vezes a própria cidade de Torrinha não pode oferecer. Além do aspecto comercial, a influência de Dois Córregos se faz sentir bastante - no setor educacional, (como Torrinha não tem o segundo ciclo colegial, seus alunos recorrem maciçamente a Dois Córregos), médico, social.

O caso de Mineiros do Tietê é muito semelhante ao de Torrinha, distinguindo-se pela sua diferente posição geográfica. Situa-se na mesma rodovia entre Dois Córregos e Jaú, estando separada desta cidade por 18 km e daquela por apenas 8 km. Apesar da pequena distância que a separa de Dois Córregos, Mineiros do Tietê foi polarizada por Jaú devido à importância dessa cidade como centro sub-regional. Mas essa pequena distância explica uma vida de relação bastante grande com Dois Córregos, bem mais intensa do que com Torrinha, devido também à sua vinculação histórica: Mineiros do Tietê foi antigo distrito de Dois Córregos - (desmembrado em 1898), mas pertence até hoje à comarca de Dois Córregos.

Na realidade a área de influência de Dois Córregos não sofreu alterações básicas desde fins do século passado até os dias atuais. O único fato importante verificou-se dentro dos próprios limites municipais. Explicando: com o desenvolvimento da cultura cafeeira, as áreas de plantio corresponderam, via de regra, às áreas mais férteis que se localizavam, "grosso modo", numa larga faixa de terra que se estende - pela parte centro-norte do município no sentido leste-oeste (abrange os bairros de Xavier Lopes, Matão, Santa Cândida, Queixada, Paredão, e outros). De um modo geral, corresponde às partes mais altas do município, que possui ao norte, o vale do Jacaré-Papira e, ao sul, o vale do Tietê e Piracicaba, é por ela que passam, também no sentido leste-oeste, a ferrovia e a rodovia estadual.

Representa a área realmente povoada do município, até as primeiras décadas desse século. Até hoje é a que apresenta as maiores -

densidades demográficas e que era então dominada por Dois Córregos, a qual se ligava por caminhos rurais precários, por onde transitavam veículos puxados por tração animal, inclusive carro-de-toi, que transportavam o café das fazendas à sede municipal, ou até uma estação de embarque (por exemplo Ventania). A distância entre a mata derrubada pelo café e as estações ferroviárias raramente ultrapassava de 20 km.

As áreas localizadas nas partes norte e sul do município, principalmente após as escarpas da cuesta, eram praticamente abandonadas e despovoadas, até a década de 1930, devido à pobreza do solo, à distância e à dificuldade de acesso. Foi nessas áreas que, durante os anos trinta, se desenvolveram as áreas de pastagem, até hoje importantes, a cultura cíclica do algodão (1939-1946) e pequenas e descontínuas, lavouras de cereais, que acabaram por integrá-las ao processo econômico e social da região facilitado pelo desenvolvimento do caminhão, representando, no fundo, uma ampliação da área de influência da cidade de Dois Córregos. Contudo, essas duas partes do município não se tornaram, no seu todo, áreas onde a influência de Dois Córregos se verificasse de modo intenso, pelos motivos anteriormente apresentados.

Se, alterações básicas não se verificaram na extensão do espaço dominado, significativas alterações ocorreram na sua forma de domínio. É o que veremos no capítulo seguinte.

Antes convém quantificar a área de influência de Dois Córregos.

Adotando como critério seus próprios limites administrativos, para facilidade na utilização de dados estatísticos, percebe-se facilmente a pequena população que se encontra dentro de sua área de influência, conforme quadro abaixo.

Quadro n° 13

População rural do município de Dois Córregos de 1872 até 1970

1872	2.500 x	1940	10.405
1898	7.756	1950	7.577
1920	15.000 x	1960	7.415
1934	12.914	1970	4.102

x - estimativa

Nota-se que essa população, apesar de sempre pequena, sofreu oscilações constantes: aumentou a partir de fins do século XIX, atingindo o máximo nas décadas de 1920/30, em função da cultura cafeeira, para, a seguir, sofrer uma constante diminuição.

A limitação do crescimento da população rural, no período áureo do café, está relacionada com o limite máximo da produção desse produto no município, que não apresentava grandes áreas com solos propícios à cultura do café. A comparação com dados referentes ao município de Jaú, onde a situação foi oposta, é importante.

Quadro n° 14

Produção de café em Dois Córregos e Jaú até 1940 (13)

1. Alqueires plantados				
Dois Córregos	2.960	3.385	4.405	4.737
Jaú	11.961	9.930	15.830	11.408
2. N° de pés de café				
Dois Córregos	6.818.500	7.500.000	7.785.700	7.091.425
Jaú	22.749.494	19.676.300	26.081.660	17.098.166
3. Produção em arrota				
Dois Córregos	322.358	153.000	300.863	229.904
Jaú	1.476.568	388.000	885.055	717.952

A superioridade de Jaú em área cultivada, na proporção de 3 para 4, condicionou sempre uma população rural maior, quase que na mesma proporção: em 1934 Dois Córregos apresentava, uma população rural de 12.917 habitantes, enquanto que a de Jaú atingia 35.710; em 1940 a população rural de Dois Córregos passou a ser de 10.050 habitantes e a de Jaú de 25.572 habitantes. Na mesma proporção se apresentava o número de trabalhadores rurais nos dois municípios (14).

Quadro n° 15

Trabalhadores rurais em Dois Córregos e Jaú até 1940

	1905	1934	1940
Dois Córregos	2.240	<u>4.411</u>	2.175
Jaú	10.761	<u>10.611</u>	6.747

É notório que, com essa diferente população rural, o crescimento urbano das duas cidades se faz também de modo diferente, sem levarmos em conta a ação regional mais ampla por parte de Jaú.

Referências do Capítulo II

- (1) Bernard Kayser, La Domination Urbaine, in "Les Etudes Philosophiques", n.º 2, 1962, abril-junho, pag. 193/8, Presses Universitaires de France.
- (2) Questionário adaptado do trabalho "O Rio de Janeiro e sua Região" - Lúcia M.C. Bernardes, I.B.G.E., Rio, 1964.
- (3) De acordo com os dados obtidos na Maternidade que corresponde ao principal hospital da cidade, e complementado pelos questionários enviados aos agentes do I.B.G.E. Para o primeiro caso, a participação por município foi a seguinte: Barra Bonita: 28,5 %, Dois Córregos: 15,1 %, Pederneiros: 11,1 %, Bocaina: 10 %, Bariri: 9,6 %, Igarapu do Tietê: 9,3 %, Mineiros do Tietê: 4,5 %, Itapuí: 3,1 %, Torrinhã: 1,6 %, Iacanga: 1,4 %, Boracéia: 1,0 %, Dourado: 1,0 %, Arealva: 1,0 %, Brotas: 1,0 %, Itaju: 1,0 %, Macatuba: 0,8 %, e outros municípios com menores porcentagens.
- (4) De acordo com a pesquisa realizada no comércio varejista e atacadista de Jaú, e também pelos questionários enviados para os agentes do I.B.G.E.
- (5) Em 1969, 45,9 % dos alunos que frequentavam a faculdade, não residiam em Jaú, e sua procedência era a seguinte: Dois Córregos: 25,3 %, Barra Bonita: 14,1 %, Bariri: 11,8 %, Itapuí: 11,1 %, Bocaina: 6,7 %, Torrinhã: 6,7 %, Igarapu do Tietê: 5,2 %, Itaju: 2,9 %, Brotas: 2,9 % e de outros municípios com menores porcentagens.
- (6) Conforme dados obtidos na "Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Jahu" e na Anderson, Clayton & Co. S/A, esta última adquire de sua região também algodão, mamona, amendoim e soja, produtos que são enviados para sua fábrica em Araraquara.
- (7) Através de concessionários Volkswagen, Ford-Willis, Simca, Tratores Deutz, Valmet, Mercedes-Benz.
- (8) A Supergastrás é a principal empresa do ramo em Jaú, possuindo nessa cidade uma usina de engarrafamento; atuam ainda em Jaú três agentes de Liquigás, Ultragás e Pitigás.

- (9) A Geografia Ativa, pag. 262, Difusão Européia do Livro, Editôra da Universidade de São Paulo, SP, 1969.
- (10) José Francisco de Camargo - Obra citada.
- (11) O tempo de viagem, por transporte ferroviário, de Torrinha a Jaú é de cinquenta minutos, e de Torrinha a Rio Claro de uma hora e trinta e cinco minutos.
- (12) B. Laysner - La Domination Urbaine, obra citada.
- (13) J.F. Camargo - Obra citada, gráfico n° 68.
- (14) J. F. Camargo - Obra citada.

C A P Í T U L O I I I

A EVOLUÇÃO NA VIDA DE RELAÇÕES E DAS FUNÇÕES DE

DOIS CÓRREGOS

As relações de Dois Córregos com sua região tem se alterado de maneira sensível, e contínua, desde fins do Século XIX até hoje, provocando repercussões importantes para a vida da cidade, o que quer dizer, para suas funções.

É elas que explicam as etapas de maior ou menor crescimento da cidade, já que esta sempre se comportou, em suas linhas básicas, como reflexo de sua região, exercendo sobre ela, mesmo nos dias atuais, pequeno papel organizador e diretor.

Com essa diretriz, vamos primeiro caracterizar a vida de relações das primeiras décadas do século atual e, em seguida, as modificações que ela tem sofrido, com as consequências resultantes dêsse processo.

A origem da cidade data de 4 de fevereiro de 1856, quando José Alves Kira e Mariano Lopes, proprietários da imensa fazenda "Rio do Peixe" no município de Brotas, fizeram doação de 20 alqueires de terras da fazenda citada (dez alqueires cada um), por escritura particular que se acha no arquivo da Diocese de São Carlos, para a constituição do patrimônio de uma igreja que deveria ser erguida sob a invocação do Divino Espírito Santo (figura nº 9).

Tidos como fundadores da cidade, êsses dois elementos faziam parte do povoamento mineiro que antecedeu a cultura do café, aqui chegando em 1853.

Mas será apenas com a cultura dêsse produto que se verificará o acentuado povoamento do município e o crescimento do pequeno núcleo, fato generalizado, conforme vimos no Capítulo I, para toda a região. Até então a população crescia lentamente. Bastante pobre, dedicava-se a culturas de subsistência e a criação, como consequência o núcleo, mesmo e levado à categoria de sede municipal em 1874, era pequeno, com nítidas características rurais: com uma população municipal de 2.825 habitantes em 1872 (1), podemos calcular a população do núcleo em menos de 300 habitantes, caso admitamos a porcentagem de 10% para a população urbana, bastante razoável para a época (em 1898 a população urbana era, comprovadamente, de 13,6%).

A ausência de informações concretas sobre as atividades de Dois Córregos durante seus primeiros anos é total. Torna-se difícil comprovar as origens de suas primeiras atividades e também de suas características.

O único documento importante que encontramos, é o "Livro para Qualificar os cidadãos votantes da Paróquia de Dois Córregos, pertencente ao Município de Brotas", localizado na Prefeitura de Dois Córregos, que apresenta dados sobre os "votantes" do antigo distrito para os anos de 1868-70-2-5-6-8, portanto após a elevação de Dois Córregos a Distrito de Brotas (2).

Esse livro qualifica apenas os "cidadãos votantes", as condições para votante eram três:

- a) saber ler e escrever;
- b) ter filiação conhecida e
- c) possuir renda superior a 300-000.

O novo distrito era dividido em 18 "quarteirões", sendo o "Primeiro Quarteirão" chamado também de "bairro da freguesia", o que nos leva a acreditar que êle correspondia à área atual da cidade; ainda mais: era o quarteirão que apresentava maior número de atividades não primárias.

Quadro n.º 16

Atividades profissionais dos votantes no

Distrito de Dois Córregos

	1868	1870	1872	1875	1876	1878
1. Número total de votantes	253	293	211	231	237	426
2. N.º de lavradores no 1.º quarteirão	3	6	12	4	4	15
3. N.º de negociantes " " "	3	5	10	24	10	26
4. N.º de outros profissionais (não - primários) no 1.º quarteirão	1	3	2	4	-	24
5. N.º de profissionais não primários nos 17 restantes quarteirões	17	13	2	3	-	13
6. N.º de lavradores nos 17 restantes quarteirões	229	267	185	196	-	348

Podemos constatar que a presença de lavradores no primitivo núcleo urbano é um fato inerente às suas próprias origens. O aumento das funções urbanas é nítido em 1878, nesse ano, já na condição de sede municipal (3), o número de votantes era de 65 para um total de 426 do município.

A participação dos mineiros era ainda grande na composição da população, mas os contingentes de paulistas, que se deslocavam das zonas velhas para as zonas novas, aumentava sempre. De acordo ainda com a mesma fonte, em 1876, para um total de 237 votantes, 87 tinham como filiação Minas Gerais e 123 tinham como filiação São Paulo. Era insignificante, portanto, pelo menos na classe mais importante da época, a porcentagem de descendentes de brasileiros de outros estados e de estrangeiros. É com êsses descendentes de mineiros que o café vai se encontrar nos fins do Século XIX, quando atinge o município de Dois Córregos.

O aumento da população do município está intimamente ligado ao desenvolvimento das plantações de café, que se verifica a partir

das décadas 1880/1890. É o que podemos constatar pelo quadro abaixo.

Quadro n° 17

<u>Ano</u>	<u>População do Município (5)</u>	<u>N° de cafeeiros (4)</u>
1872	2.825	
1890	4.154	
1900	8.977	
1905		6.018.500
1920	19.590	7.500.000
1934	17.577	7.785.700

É importante lembrar que a cultura de café em Dois Córregos esteve baseada, desde o seu início, quase que exclusivamente na mão-de-obra livre. A presença de apenas 602 escravos em 1866 (6) comprova a afirmação feita. Mais ainda: os imigrantes, ausentes entre 1872 e 1878- (7) totalizavam em 1898, 3.075 pessoas, mais de 1/3 da população do município. Desses imigrantes, 2.577 eram italianos, o imigrante típico das áreas cafeeiras (8).

A forma de produção escravagista não chegou a caracterizar a economia cafeeira em Dois Córregos, essa cultura desenvolveu-se a partir da década de 1880, praticamente no fim do período do trabalho escravo. Na década seguinte Dois Córregos já recebia os primeiros importantes contingentes imigratórios.

A ausência, ou quase ausência, da forma de produção escrava possibilitou, desde o início ao desenvolvimento da cultura cafeeira, um tipo de relação específica entre a zona rural e os núcleos urbanos, de que resultou uma intensa urbanização. É o que procuraremos caracterizar.

*) As Funções da Cidade de Dois Córregos em Fim do Século XIX até Início dos Anos Trinta

Como antiga cidade do café, era de se esperar que a função

comercial se tornasse a fundamental para a cidade de Dois Córregos. A influência comercial, limitada à zona rural próxima, era exercida quer como centro de comercialização e beneficiamento do café, quer como centro distribuidor de produtos externos. É importante frisar que essa função comercial se comportava de maneira diferente da que hoje se verifica.

Como centro de coleta, beneficiamento e comercialização do café, quase toda a produção desse produto era comercializada na sede municipal.

Conforme informações recebidas de antigos moradores, a comercialização do café era feita principalmente por representantes de casas-comissárias de Santos para onde o café era posteriormente enviado. O mecanismo dessa comercialização era relativamente simples: o fazendeiro negociava o seu café com o representante da casa comissária em Dois Córregos, que o despachava e o armazenava em Santos, em comissionamento, vendendo-o assim que o fazendeiro bem o entedesse; normalmente a venda estava em função da cotação do café.

Essa comercialização poderia ser feita diretamente com o fazendeiro ou com a máquina de beneficiamento de café, que já tinha adquirido lotes de café de determinados proprietários rurais.

De acordo com as informações acima referidas, era significativo o número de máquinas de café nas sedes de algumas fazendas; entre as que estavam localizadas na cidade, algumas estavam ligadas diretamente às casas exportadoras de Santos.

O café era o único produto rural comercializável de importância, já que se apresentava em forma de monocultura: em 1905 ocupava 74,1 por cento da área cultivada do município de Dois Córregos, como já vimos no Capítulo I.

Como centro distribuidor de produtos externos, a população rural e, em particular, os trabalhadores rurais, qualquer que fôsse o regime de trabalho, recorriam maciçamente à cidade de Dois Córregos para adquirirem produtos vários de que necessitavam. Na época, essas necessidades eram bastante limitadas ante as características de consumo dos trabalhadores rurais: querosene, farinha-de-trigo e açúcar dominavam o ramo de secos e molhados, ante as lavouras de subsistência que se praticavam nas propriedades cafeeiras; tecidos e armarinhos no ramo do vestuário;

compravam tecidos em peças para feitura de roupas para toda a família. - Esse limitado mercado de consumo justifica, na época, o predomínio do comércio de varejo e a pequena especialização comercial. Três tipos de comércio de varejo se destacam: bares, armazéns e as casas de tecidos.

As características dessa função era explicada por um conjunto de fatos:

- a ausência, como regra geral, de "armazéns" nas sedes das fazendas da época, que não se constituíam em unidades autônomas quanto ao consumo;

- a forma de trabalho livre se caracterizou pelo pagamento de salários em espaços de tempo relativamente grandes, sendo normalmente feito em cada 3 ou 4 meses,

- daí a necessidade que o empregado rural tinha de realizar compras à crédito, o que era feito em casas comerciais da cidade, onde era mais conhecido e onde, como também ocorria, a casa comercial já era pré-estabelecida pelo proprietário rural,

- o precário transporte rodoviário da época (carroça, charrete, cavalo, troles) que não possibilitava grande amplitude de locomoção, à procura de outros centros.

Para a época de que estamos tratando, um outro problema de função se colocava: o de residência de certa parcela da população rural, que teve inclusive influência na formação da população urbana. Vimos que, em sua fase embrionária, o aglomerado de Dois Córregos teve características rurais. Mas, entrando em sua fase de urbanização propiciada pelo café, contará com novos residentes de origem rural. Os dados encontrados no I.B.G.M. da cidade, referentes ao ano de 1898, são significativos para ilustrar essa importante função residencial: dos 326 profissionais que existiam na cidade, 139 eram proprietários rurais.

São, inicialmente, os primeiros grandes proprietários de fazenda de café, todos eles pertencentes às famílias mais antigas, "tradiccionais", de origem mineira, ou que vieram das zonas velhas de São Paulo, como de Itu: Cel. Simões, João Dias Aranha, Chico Brandão, Estanislau Amaral Campos, João Modesto. Permaneceram, porém, sempre ligados às atividades rurais; conforme o caso, continuam a dirigir de perto as suas fazendas, ou então são substituídos por administradores, esse último foi uma figura pouco representativa na região de Dois Córregos, já que a

direção da fazenda pelo seu próprio proprietário foi uma regra quase que contante.

São, a seguir, os italianos, os mais importantes imigrantes - de Dois Córregos. Pode-se afirmar que quase todos os descendentes de italianos que moram atualmente na cidade, e que representam a maioria da população urbana, possuem origem rural, do município ou da região. Entre eles destacam-se os que se dirigiram para a cidade há mais de 50 anos, ou seja, durante a época que estamos estudando. Foram os imigrantes que se dirigiram para a zona rural de Dois Córregos, transferindo-se posteriormente para a cidade, já que foi muito raro o italiano que se estabeleceu diretamente na cidade. De acordo com as mesmas informações obtidas, esses italianos teriam sido principalmente as pessoas que conseguiram certa ascensão econômica no campo (por exemplo, de colonos a sítiantes) e que já se encontravam, portanto, em idade adulta. Não nos referimos, portanto, àqueles italianos que, deslocando-se para as cidades, irão ocupar funções secundárias ou terciárias, mas àqueles que continuaram a ter como atividade profissional básica, a rural, o que se deslocou foi apenas o seu local de residência, que poderá, evidentemente, ser duplo: no campo e na cidade.

A razão desse deslocamento está para ser melhor estudada. Algumas delas, contudo, se evidenciam, e foram confirmadas por informações obtidas: o desejo de dar aos filhos uma educação escolar, melhor conforto.

Essa função residencial teve papel importante para a vida da cidade da época. Como possuíam um poder aquisitivo relativamente mais alto, comparado ao da média geral da cidade, esses proprietários tiveram papel proeminente na sua vida social, na sua direção política (9), na sua gestão econômica (10). Os laços entre a população rural de suas fazendas e a cidade de Dois Córregos foram reforçados, com efeitos positivos para o comércio da cidade, também favorecido pela própria presença desses proprietários.

Uma outra função importante foi a ferroviária, que é tradicional em Dois Córregos.

Vimos que a ferrovia chegou a Dois Córregos no ano de 1886 e atingiu Mineiros do Tietê e Jaú no ano seguinte. Mais tarde a Companhia

Paulista de Estrada de Ferro estendeu seus trilhos, a partir de Dois Córregos, em direção a Bauru, passando por Saldanha Marinho (1889), Casimiro Fino (1889), Falcão Filho (1889), Campos Sales (1889), Pederneiras (1903) Agudos (1903) e Bauru (1906).

A construção dessa linha-tronco transformou a linha Dois Córregos-Lineiros do Tietê-Jaú em ramal, permanecendo Jaú como ponta de trilho por inúmeros anos.

Dois Córregos transformou-se, assim, em ponto de baldeação, e estava destinada a ser importante entroncamento ferroviário. Vários fatos evidenciam as intenções dos então diretores da Companhia Paulista -- com relação à importante função ferroviária que Dois Córregos deveria realizar. É difícil afirmar se acreditavam num crescimento maior do que a cidade realmente teve.

Em primeiro lugar, o imponente prédio da estação, o maior da região, somente superado pelo de Bauru. Em segundo lugar a instalação da Cooperativa de Consumo da Companhia Paulista em Dois Córregos, para atender aos funcionários que residiam, desde Itirapina até Aimorés, próximo à Bauru. O raio de ação dessa cooperativa atinge 8 cidades e 15 estações. À guisa de informação as outras cooperativas foram instaladas em Campinas, Rio Claro, São Carlos, Betedouro e Bauru. Mesmo em 1964 a importância regional dessa cooperativa era significativa: dos 570 pedidos mensais, 220 eram da cidade e os demais da sua área de ação. Por fim, Dois Córregos foi até 1941, sede da Quarta Divisão da C.P.S.F., que abrangia o trecho compreendido entre Itirapina e Bauru, ano em que a sede foi transferida para Bauru. A presença dessa sede na cidade implicou na existência de vários serviços ferroviários o que explicava o grande número de funcionários da cidade e a conseqüente influência que essa classe profissional exercia sobre a vida urbana da época. Apesar de adquirirem quase todos os produtos de que necessitavam, na cooperativa da cidade, o que limitaria sua participação no comércio da época, a sua presença nos demais serviços urbanos intensificava em muito a vida da cidade.

Em 1930, aproximadamente, o traçado ferroviário da região foi transformado (figura nº 3), com a ligação direta de Dois Córregos-Jaú Pederneiras-Bauru, já com bitola larga, até hoje existente. Assim a anti-

a linha principal é transformada em ramal (ainda com baldeação em Dois Córregos), terminando a ferrovia em Iguatemi. O trajeto do novo ramal passou a ser o seguinte: Dois Córregos-Mineiros do Tietê-Capim Fino-Falcão Filho-Campos Sales-Barra Bonita (1929)-Iguatemi. Percebe-se facilmente que o novo ramal não possui a importância do anterior, além do mais permanece com bitola estreita e tração a vapor (lenha).

A transferência da sede da 4a. Divisão para Bauru em 1941, no prazo de aproximadamente um ano, provocou a saída, nesse mesmo espaço de tempo, de mais ou menos 400 famílias, ou seja, mais de 1500 pessoas se admitimos como média, 4 membros por família; essa evasão representaria, aproximadamente, 20% da população urbana que, em 1940, era de 5.940 habitantes. Com essa transferência Dois Córregos deixou de ter os seguintes serviços: posto de conserto e revisão, furação de dormentes e, em escala bem menor, depósito de engenharia civil, via permanente, posto de exame, estação e sub-estação da linha elétrica, vagão-trole (11).

Essas funções foram as mais importantes que a cidade de Dois Córregos praticou, durante o período que estamos estudando. Outras, evidentemente, se desenvolveram paralelamente, também visando a atingir a mesma clientela regional: a industrial, com características artesanais, e de prestação de serviços, a administrativa, que serão estudadas no capítulo seguinte.

Pelo que vimos até aqui, podemos depreender que os laços entre Dois Córregos e sua zona rural eram bastante estreitos, ou seja, o domínio da cidade sobre sua zona de influência se fazia de modo quase que absoluto, o que deve ter-se verificado em todas as cidades da região.

A urbanização, relativamente grande, com as cidades dispostas ao longo dos eixos ferroviários (da Paulista, Douradense e romais), a serviço de um sistema de produção fez com que todas as áreas produtoras de café fossem decompostas em áreas de influências dominadas por esses mesmos centros urbanos. A precariedade do transporte rodoviário - na época se comportou como obstáculo ao deslocamento da população rural em direção aos centros urbanos mais importantes, no caso Jaú, o que muito condicionou essa população rural à sua sede.

Ainda não se havia estabelecido uma nítida hierarquia urba-

na regional, mesmo porque, dentro de um sistema de produção, não se de-
finiam condições que pudessem levar à hierarquização urbana, e Jaú, ape-
sar de já ser a maior cidade da região, não tinha características de
centro regional, e Baurur estava em fase de crescimento acelerado, pela
ocupação do oeste do Estado. Assim, a procura de produtos e serviços -
mais raros, por parte da população de Dois Córregos, era feita direta-
mente na cidade de São Paulo.

Quadro n° 18

População de Dois Córregos, Jaú e Bauru

em 1900 e 1920

	População Municipal	
	1900	1920
Jaú	37.412	42.856
Bauru	7.815	20.386
Dois Córregos	8.977	19.590

O desenvolvimento da cultura cafeeira e a posição geográfica foram os dois importantes elementos originais que justificaram o acentuado crescimento de Jaú, colocando-a como a cidade mais importante da região.

Sua grande produção de café, que em 1905 era de 1.476.568 - arrobas colocava outros municípios em situação de acentuada inferioridade (vide "Povoamento e Estruturação Inicial da Região"). Essa grande produção era o resultado da grande porcentagem e continuidade de terras férteis, aliada à grande área que o município de Jaú possuía, já que abrangia distritos que, em diferentes épocas, foram sendo elevados a municípios. Vimos na parte referente à zona de influência de Dois Córregos, que essas condições possibilitaram grande número de pés-de-café e uma grande população rural e, como decorrência, um maior crescimento da cidade de Jaú.

Sua posição geográfica com relação ao transporte ferroviário lhe foi altamente favorável. Jaú permaneceu como ponta de trilhos desde a chegada da ferrovia, em 1887, até o início do século XX. Durante esse período a produção de café de uma vasta e rica área, localizada a Oeste e Norte, será por ela drenada e sua influência sobre essa área, por sua vez, sempre marcante (Itapuí, Bocaina, Bariri, etc.). Pelo relatório da Cia. Paulista (12), um dos motivos do prolongamento de seus trilhos até Pederneiras (1903), Apudós (1903) e Bauru (1906), foi o fato de também esses municípios embarcarem seus produtos, inclusive café, em Jaú. O papel de Jaú como estação de embarque, pode ser avaliado pelos dados referentes ao ano de 1901 (13).

Quadro n° 19

Origem do embarque de café em Jaú - 1901

Ribeirão Bonito	187.690	sacas
Morro Pelado	27.862	"
Campo Alegre	30.525	"
Brotas	35.134	"
Espraiado - B -	22.880	"
Torrinha - B -	43.914	"
Ventania - DC -	29.304	"
Dois Córregos	61.367	"
Mineiros do Tietê	9.953	"
Jaú	566.586	"
Saldanha Marinho DC	19.919	"
Capim Fino - ME	42.167	"
Falcão Filho - BB	30.355	"
Campos Sales	63.272	"

É evidente que a grande produção cafeeira do município, mais seu importante papel como ponta de trilho justificaram o grande crescimento da cidade de Jaú, em meados do início do século XX. Para as áreas

a que acima nos referimos, é possível admitirmos uma função regional - mais significativa por parte de Jaú.

Portanto, a não hierarquização regional, que permitiu a Dois Córregos exercer um domínio bastante acentuado sobre sua área de influência, mais a numerosa população rural da época, em virtude da fase pioneira por que passava a região, dava à cidade de Dois Córregos um movimento comercial bastante intenso, ainda lembrado pelos antigos moradores.

Esse esquema de forma de domínio foi-se alterando com a ação de vários fatores, que se intensificaram a partir da década de 1930.

B) As Alterações na Vida de Relações a Partir da Década de 1930

Vamos, a seguir, estudar os fatos que, gradativamente, foram modificando as relações entre Dois Córregos e sua zona de influência e, conseqüentemente, a sua forma de domínio.

O primeiro foi o desenvolvimento dos transportes rodoviários e dos sistemas de comunicações. É na década de 1930/40 que o transporte rodoviário começa a se intensificar na região, mais maleável e ramificante do que a ferrovia; convém lembrar que o Ford foi introduzido nas zonas pioneiras em 1924 (14).

Além do automóvel e do caminhão, a "jardineira" teve grande papel nas ligações inter-municipais e regionais, circulando por estradas municipais.

Na região, já bem servida pelo transporte ferroviário, os veículos motorizados não funcionaram de início como concorrentes, mas sim como complemento: facilitou o transporte do café da fazenda até a cidade, conforme demonstrou Carlos Quirino Simões (15), com o exemplo seguinte: uma carroça com 15 quilos de café, para percorrer 50 km levava um dia para ir, um dia para voltar e um dia para descansar, enquanto que, o caminhão fazia esse percurso em 5 horas, transportando 50 sacos de café, possibilitou a ocupação de áreas mais distantes da cidade. A ocupação do extremo norte e sul do município, como vimos na "Zona de In

fluência de Dois Córregos" pelo algodão e pelo gado, deve muito à utilização do caminhão.

Porém, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da rede rodoviária caracterizou-se pela convergência em direção de Jaú, que se torna nó - regional rodoviário (16). O deslocamento do fazendeiro, com seu caminhão, e do trabalhador rural, com a jardineira, em direção a Jaú tornou-se mais fácil, esse fato torna-se importante na década de 1940/50, já que o número de veículos licenciados em Dois Córregos no ano de 1940 era muito pequeno, predominando os de tração animal, como demonstram os dados abaixo.

autos e motocicletas	16
caminhões	14
carro-de-toi e carroças	395
troles, semi-troles, aranhas	57

O desenvolvimento do transporte rodoviário acentuou um segundo fator, que se processou de modo progressivo: o da concentração de certos serviços e comércio, que continua até hoje, em Jaú, a cidade - mais importante da época e que estava fadada a ser o centro regional.

Alguns deles foram implantados em Jaú, vindos de fora, podendo corresponder tanto a iniciativas públicas como particulares. No primeiro caso, temos a instalação da agência do Banco do Brasil e do Estado, do I.B.C., da Delegacia Regional de Ensino Elementar, da Delegacia Regional da Casa da Lavoura, do Centro Regional da Cia. Telefônica, da Residência de Conservação do Departamento Estadual de Estrada de Rodagem, e outros. No segundo caso, no geral mais recentes, temos filiais, representantes, concessionários de importantes empresas. A relação é bastante grande e se refere a vários ramos de atividade, é o caso de representantes de firmas exportadoras de café e outros produtos agrícolas (Anderson Clayton, João Moreno Zanzogo), concessionárias de empresas de veículos (Mercedes Benz, Tratores Deutz, Valmet, Volkswagen, G.M. etc.) filiais de lojas de tecidos (Pervantucasas, M.M., Buri, Riachuelo) e outras (Drogasil, Regional), centro regional de distribuidores de gás (Supergás), da Ultrafertil, etc., etc.

Outros serviços e comércio foram sendo criados pelo próprio

dinamismo urbano, não só devido ao aumento interno da população, mas também, e, principalmente, à medida que a cidade se definia como centro regional: atacadistas, hospitais, comércio varejista especializado, escolas e muitos outros.

Não podemos esquecer-nos nesse processo de concentração de serviços e comércio, da concentração financeira em Jaú, drenando capitais da região, através de seus bancos e particulares.

O processo de concentração de serviços em Jaú, paralelo ao desenvolvimento dos transportes rodoviários, foi básico para se entenderem as alterações ocorridas entre Dois Córregos e sua área de influência. Possibilitou que parte da população rural, e também urbana, se deslocasse para Jaú, senão para a satisfação de boa parte de suas necessidades, pelo menos para a de algumas, o que foi estimulado pelos sistemas de comunicação, através da propaganda: em um número do jornal da cidade de Dois Córregos, datado de 24.1.65, dos 25 anúncios publicados, 14 eram de Jaú, 5 de São Paulo, 3 de Dois Córregos e 3 de outras cidades da região. O papel das emissoras de rádio tornou-se grande: não só as de Jaú, bastante ouvidas em Dois Córregos, como a própria emissora de Dois Córregos com elevada porcentagem de anúncios de Jaú. O domínio de Dois Córregos sobre sua região deixa de ser absoluto; houve um relaxamento e uma rarefação nos laços que as unem: alguns comerciantes de tecidos e armarinhos chegaram a afirmar que de 70% a 80% da população rural do município realizam hoje compras nas grandes casas de tecidos de Jaú, a comercialização de parte significativa do café da região passou a ser feita em Jaú, onde se concentram os principais agentes de casas comissárias, escritórios de grandes empresas de exportação, a cooperativa da região.

A atual estrutura sócio-econômica do homem rural, resultado das sucessivas transformações da economia rural, deve ser levada em conta no estudo das relações cidade x campo, já que a população rural da zona de influência de Dois Córregos não se comporta da mesma maneira quanto a essas relações; depende de sua posição na estrutura sócio-econômica.

Foi constatado que grande parte dos trabalhadores rurais, inclusive certos meeiros, aproveitam ainda mais os serviços e o comércio que a cidade de Dois Córregos oferece, onde são mais conhecidos. A não ser em casos excepcionais, seu baixo nível de aquisição não justifi

ca sua constante ida para Jaú. No caso de proprietários rurais, pecueiros, arrendatários, já há outra perspectiva; suas relações com Jaú e, secundariamente, com outros centros (Bauru, São Carlos, Araraquara, Piracicaba), são bem mais intensas, o que é facilitado pelos meios de transportes próprios que geralmente possuem, a procura de melhores preços e serviços mais variados, a necessidade de aquisição de materiais vários para o estabelecimento rural (implementos, inseticidas, etc.) não se limitam com exclusividade à influência de Jaú.

Os outros elementos devem ser considerados para melhor entendimento das alterações ocorridas nas relações entre Dois Córregos e sua região. Um quarto elemento é a ação de compradores e vendedores que passaram a agir diretamente na zona rural de Dois Córregos, diminuindo ainda mais o seu domínio; esse tipo de comércio sempre existiu na região, mas acentuou-se com o comércio, principalmente depois de 1940/50; são os compradores de café, arroz, etc. de outros municípios (Bocaina, Rio Claro, etc.); as empresas que coletam o leite diretamente nas fazendas (Nestlé), são os vendedores que atuam junto a algumas "vendias" de certos fazendeiros rurais, como a de Vestania, São José do Matão, Guarapuã, além dos "ambulantes" que correm inúmeras fazendas.

Por fim, as alterações ocorridas na economia rural tiveram influência básica no estudo que estamos fazendo. Dete aqui uma análise retrospectiva do desenvolvimento agrícola no município.

O café, durante o seu período áureo, correspondeu a uma monocultura na região de Dois Córregos e abrangia uma área cultivada bem superior à atual: em 1905 era cultivado, em 2960 alqueires, o que correspondia à 74,1% da área cultivada e, em 1920, a área cultivada subia para 3850 alqueires mas a porcentagem diminuiu para 65,7%.

A população rural estava maciçamente ligada à cultura cafeeira, população rural que aumentava à medida que as matas iam sendo substituídas por pés-de-café. Em 1934, o café já era plantado em 4405 alqueires, (Quadro nº 20).

Quadro n° 20

	Alqueires plantações	% em relação área cultivada	n° de cafeeiros	Produção (arrobas)
1905 (1)	2950	74,1 %	5.018.500	322.356
1920 (1)	3650	65,5 %	7.500.000	153.000
1934 (1)	4405	-	7.785.700	300.000
1944 (2)	1873	-	3.700.000	-
1950 (2)	1525	-	3.680.000	-
1970 (3)	1165	28,0 %	1.550.000	74.000

(1) F.F.de Camargo- Utra citada (2) Censo Federal - 1940 (3) IBGE

Perisamos, mais uma vez, que essa população estava ligada a uma forma de trabalho e de remuneração (pagamento em cada três meses) que muito colatoraram para suas vinculações diretas com a cidade de Dois Córregos, as tradicionais compras, por parte dos rurais, aos sábados, davam um aspecto quase que festivo à cidade, muito lembrado por seus antigos comerciantes.

A partir da década de 1930 verificar-se-á a decadência, progressiva e contínua, dessa cultura, pela ausência de novas áreas de matas e de solos próprios, pela queda do rendimento dos pés-de-café e seu progressivo aspecto anti-econômico, pelas crises do mercado, materializada no abandono ou arrancamento dos pés-de-café e na diminuição da área plantada, que hoje atinge apenas 1165 alqueires, em áreas descontínuas e com alguns pés novos (Quadro n° 20).

Como consequência da decadência da cultura cafeeira na região, verificou-se o esvaziamento rural, cujos migrantes deslocavam-se para novas áreas, fato bastante negativo para a cidade de Dois Córregos (Quadro n° 23).

Dois produtos tornam-se importantes a partir do início da década de 1940: o algodão e o gado. O primeiro teve aspecto cíclico, bastante rápido, cuja principal fase podemos localizar entre 1935-1946, e desenvolveu-se em áreas até então não aproveitadas, localizadas no extremo norte e sul do município, nos "taixões de serra" do Tietê e do

Jacaré-Pepira. Foi durante essa época uma cultura de grande importância, chegando a ser plantado, em 1949, em 7.018 alqueires, e justificou a existência de três máquinas de beneficiamento da cidade. Há vários anos essas máquinas não mais existem e o algodão é plantado atualmente em apenas 72 ha. Durante a fase cíclica, o caroço era vendido para Anderson Clayton e Sombra, enquanto que as fibras eram vendidas para grandes-firmas de São Paulo (Quadro n° 22).

Quadro n° 21

Área total cultivada no Município de Dois Córregos

(em Ha.)

	1944 (1)	1950 (1)	1956 (1)	1971 (2)
Algodão	5808	2178	120	72
Arroz	726	578	1800	3055
Cana-de-açúcar	194	805	2300	2472
Feijão	484	120	320	56
Milho	480	1500	1800	2100
Fumo	-	-	3	20
Mandioca	-	-	30	28
Melancia	-	-	-	2
Atacaxi	-	-	2	1
Café	4533	4729	2557	2820
Laranja	-	-	-	7
Banana	-	-	21	54

(1) Departamento Estadual de Estatística

(2) I.B.G.E. - Dois Córregos

Quadro n° 22

Produção de Algodão, Cana-de-açúcar e Café em

Dois Córregos

	Algodão (arrota)	Cana-de-açúcar (Ton.)	Café (n° de Pés)
1940 (1)	150.733	78	3.524.311
1944 (3)	280.000	8.000	3.700.000
1951 (3)	20.000	31.000	3.233.300
1960 (3)	6.000	138.000	2.556.200
1968 (2)	2.935	133.980	2.456.000
1970 (2)	2.800	161.000	1.550.000

A pecuária tem-se desenvolvido, lenta, mas progressivamente até os dias atuais, e é praticada quer nos "baixões de serra", principalmente na porção sul do município, quer em antigas áreas de café, quando também se comporta como fator do despovoamento rural. Em 1940 o número de bovinos era de 12.525 cabeças e hoje atinge 25.000.

Fato mais significativo, contudo, foi o desenvolvimento da cultura canavieira, a partir da década de 1950 (principalmente a partir de 1953), e que nos últimos anos representa o produto rural mais importante do município (Quadro n° 21 e 22).

O desenvolvimento dessa cultura está ligado à instalação de uma usina açucareira no município, a CAISA (Companhia Agro-Industrial-Santa Adelaide), fato semelhante que ocorre em alguns municípios vizinhos: em Jaú, com a instalação das usinas Diamante e Lambari da Barra Bonita, com as usinas da Barra e Barreirinho, em Brotas a Usina Varjão.

O sítio onde a usina da CAISA se instalou, explica, em parte, as áreas hoje canavieiras do município, polarizando-se ao seu redor, levando-se em conta o aspecto anti-econômico do transporte a grande distância da cana cortada em direção da usina. Localizam-se elas na

porção NO., Norte e Centro-norte do município, justamente áreas essencialmente cafeeiras no passado e até hoje das mais povoadas do município.

Dois fatos novos e importantes ocorreram com o desenvolvimento da cultura canavieira. O primeiro é a estagnação da população rural, que vinha diminuindo progressivamente desde a década de 1930, ao redor dos 7.500 habitantes, num período que podemos localizar entre 1950 e 1964. O segundo é a fixação da população de origem rural na periferia da cidade, dando origem às vilas. É através do desenvolvimento das vilas que, na realidade, a cidade de Dois Córregos aumenta demograficamente, a partir de 1950. A época da origem das vilas está bastante relacionada com o desenvolvimento da cultura da cana (quadro n° 24).

O primeiro caso demonstra, ao que tudo indica, que a cana-de-açúcar não agiu, durante a década de 1950, como importante elemento de despovoamento de sua zona rural. Note-se que a cultura foi introduzida durante uma época em que o êxodo rural vinha se processando desde a década de 1930, em virtude da decadência da produção cafeeira. Ela teria agido, durante o período de 1950 a 1964, como um novo mercado de trabalho, absorvendo parte da mão-de-obra excedente, ante a cultura continuamente decadente do café, principalmente porque as épocas de suas colheitas são diferentes: a do café, de abril a junho, e a da cana, de julho a novembro, - aproximadamente.

As fazendas de café que foram também se dedicando à cultura da cana, puderam ocupar seus empregados com maior continuidade de tempo, já que, além da carpa do café e às vezes da cana, essa última, como cultura temporária, implica em plantios periódicos, aumentando, ainda mais, o tempo de trabalho oferecido.

A formação da importante empresa agro-industrial, representada pela CAISA, colatorou também para a formação de um novo mercado de trabalho: possui 158 empregados na usina e 243 na lavoura. Excluído os residentes na cidade, quase 1.000 pessoas e seus familiares, inclusive, na zona rural estão diretamente dependentes da usina.

Assim, mesmo considerando que a economia canavieira, pelas suas características, exige, em comparação com a do café, menor mão-de-obra permanente na fazenda (estímulo ao trabalho sazonal com forma de pagamento assalariado, menor necessidade de trato durante o ano, etc.), ela possibilitou durante o seu processo de evolução, nas fazendas cafeeiras

ras, um maior mercado de trabalho. É possível que isso não tenha ocorri-
do nas fazendas da usina (17). Em 1964 a usina já possuía 16 fazendas -
totalizando uma área de 3595 hectares, onde se obtém hoje quase 40% da
cana necessária para a indústria açucareira, já que nela a penetração
da cana, em detrimento da do café, foi bastante rápida.

No segundo caso, a formação das vilas, a população de ori-
gem rural que nelas se estabeleceu, foi atraída pelas condições do tra-
balho sazonal da cana, portanto, população que continua ligada às ati-
vidades rurais, como demonstram pesquisas nela realizadas. O aumento -
das vilas, contudo, se verificou justamente na época em que a população
rural permaneceu estagnada, resultando, evidentemente, no aumento geral
da população do município.

A stordagem a ser feita não pode, então, restringir-se aos
limites municipais, mas sim, em termos espaciais mais amplos, abrangendo
os municípios vizinhos, onde o deslocamento da população rural foi
também grande: 35% da população das vilas, conforme amostragem realiza-
da em 1965, provinham de zonas rurais de municípios vizinhos (portanto,
65% da zona rural de Dois Córregos), o mesmo se verificando com 40% dos
trabalhadores rurais da CAIBA.

Dessa forma, o movimento cidade x campo, praticado pela po-
pulação rural de Dois Córregos foi mascarado pela chegada de rurais de
municípios vizinhos.

Convém apresentar um outro fato, de menor importância, que
teria colatorado para a não diminuição da população rural durante esse
período: o aumento da produção de gêneros alimentícios, principalmen-
te arroz e, em menor escala, de milho e de outras culturas como a mar-
dioca, melancia, atacaxi, laranja, banana, etc. (Quadro nº 20). Destaca-
mos também o plantio de eucaliptos, estimulado pela usina para fins de
energia: em 1970 existiam 3 000 hectares de eucaliptos plantados no mu-
nicípio.

Na verdade, com o fim do regime do colonato, ligado ao café,
e com a ampliação do regime assalariado, bastante ligado à cultura da
cana, foram sendo abandonadas as culturas de subsistência das fazendas-
cafeeiras. O crescimento da população urbana de Dois Córregos, nas
vilas, ampliou o mercado consumidor de produtos alimentícios, que esti-
mulou essas culturas na zona rural do próprio município.

A produção da cana no município, excluindo-se a destinada às duas fábricas de aguardente, está condicionada à capacidade de consumo da usina, daí ter um desenvolvimento limitado: a área plantada se estabilizou, durante a década de 1960 entre 2.000 e 2.500 alqueires, o que representa de 20 a 25% da área cultivada, não adquirindo assim os aspectos nefastos de uma monocultura canavieira (Quadro n° 21 e 22). O que pode ocorrer, como realmente ocorre, é o aumento da produção pelo aumento do rendimento, basicamente nas terras da usina, que fornecem quase que 40% da cana consumida.

A formação dessa grande empresa agro-industrial apresenta aspectos importantes: a formação de um mercado de trabalho, aplicação de novas técnicas rurais, assistência médico-educacional, ampliação das arrecadações municipais. Mas, em termos de vida de relação, alguns aspectos negativos, por sua vez, se evidenciam: no processo da coleta, beneficiamento e distribuição a cidade tem pequena participação, parte significativa de seus funcionários, que antes se abasteciam na cooperativa de consumo, hoje se abastecem em "vendas" rurais restringindo as funções da cidade, a necessidade de uma mão numerosa na época da colheita - foi um dos principais estímulos da origem das vilas da cidade.

De 1964 até 1970, verificar-se-á uma nova, e acentuada diminuição da população rural que de 7.205 habitantes cai para 4.102. O Estatuto do Trabalhador Rural foi o grande responsável por esse esvaziamento rural, sem que tenha havido uma diminuição da área cultivada e sem influir no crescimento da cidade; que praticamente permanece quase que estagnada nessa fase. Novamente o êxodo é feito em direção de novas áreas.

Essa rápida diminuição da população rural é também consequência da contínua diminuição do número de pés-de-café, que até hoje continua a haver.

Da análise que acabamos de fazer, podemos destacar quatro importantes fatos resultantes das alterações ocorridas na vida de relações entre Dois Córregos e sua região:

- a diminuição da população de sua área de influência,
- o processo de centralização de serviços em Jaú, e o consequente relaxamento dos laços existentes entre Dois Córregos e sua região,
- a diminuição da importância da função ferroviária da cidade,

- o aumento da população urbana, a partir de 1950, através do desenvolvimento das vilas, ante as novas situações de sua economia agrícola.

A evolução na forma de domínio sobre sua região é, na verdade, paralela à organização e hierarquização de uma região cada vez mais polarizada por Jaú, e cujos centros menores ficarão cada vez mais dependentes à medida que vão perdendo o domínio absoluto que exerciam sobre sua área.

Todo esse processo possibilitou, enfim, que a concorrência urbana (18) pudesse verificar-se mais livremente, com evidentes prejuízos para as cidades menores. Kayser (19) nos mostrou que, para as regiões desenvolvidas, mas válido também para a nossa, que esse processo de centralização leva à perda de independência dos poderes da cidade, para as outras cidades.

A análise da população urbana de Dois Córregos mais o da sua área de influência, torna-se importante para melhor caracterizar o que pretendemos demonstrar. Para tanto vamos admitir que sua zona de influência corresponda, em linhas gerais, aos seus limites municipais.

Quadro n° 23

População Rural e Urbana de Dois Córregos

Ano	População Urbana	População Rural	Total
1872	-	-	2.825
1894	1.229	7.756	8.985
1920	-	-	19.590
1934	4.660	12.914	17.577
1940	5.591	10.405	15.996
1950	5.464	7.577	13.041
1960	7.272	7.415	14.687
1964	8.500	7.500	16.000
1970	8.970	4.102	13.407

Notamos, pelo quadro acima, que a fase de Dois Córregos, co-
mo antiga "cidade do café", representou também a época de uma intensa -
urbanização.

Para uma população urbana de 1.229 habitantes, em 1896, se
contrapõem 4.660 em 1934. Não nos foi possível fazer uma comparação com
os censos anteriores ao de 1934 porque nêles não se faz a distinção en-
tre população urbana e rural. Podemos, contudo, admitir que, em 1920, a
população da cidade já deveria atingir, aproximadamente, 4.000 habitan-
tes, caso representasse na época 20 % da população do município, o que
é razoável, já que em 1934, essa porcentagem era, comprovadamente, de
26,5 %. Assim, durante êsse espaço de tempo, 21 anos (1896-1920), a po-
pulação da cidade teria triplicado, ritmo de crescimento que até os di-
as atuais não mais se tem repetido. Êsse ritmo de crescimento superou-
o próprio crescimento natural da população, para cujo cálculo usamos -
os registros de nascimento e de óbitos no Cartório do Registro Civil. Os
dados referem-se à população de todo o município, já que nos foi impos-
sível fazer a distinção entre a população rural e urbana. De 1901 até
1920, o crescimento natural do município foi de 5.056 habitantes, en-
quanto que o aumento da população foi de 10.613. Dessa maneira, Dois
Córregos comportava-se como área de imigração.

A população rural, por sua vez, sofria progressivos aument-
tos: de 7.756 habitantes em 1848, aumentava para mais de 15.000 em 1920.

Com a década de 1930, verificar-se-á dois processos inver-
sos, e cujas razões acatamos de analisar:

- uma diminuição da população rural, que se estagna de
1950/64, para, a seguir, sofrer nova e acentuada diminuição;

- um insignificante aumento da população da cidade, que che-
ga a diminuir na década de 1940, mas retomado de modo significativo de
1950/64. Nos últimos anos verifica-se nova estagnação da população urba-
na.

referências do Capítulo III

- (1) Recenseamento Imperial de 1872.
- (2) Em 28.3.1865, pela Lei Provincial n° 28, a Capela do Divino Espírito Santo de Dois Córregos foi elevada à freguesia (distrito de uma paróquia), como consequência dessa Lei foi também criado o distrito pertencente ao município de Brotas.
- (3) Em 16.4.1874, pela Lei Provincial n° 42, Dois Córregos foi elevada à município e o antigo patrimônio à vila, a sede municipal adquiriu foros de cidade pela Lei Municipal n° 114, de 10.10.1898.
- (4) J. F. de Camargo - obra citada.
- (5) Recenseamentos Federais, o de 1934 refere-se ao Recenseamento realizado pelo Estado de São Paulo.
- (6) J. F. de Camargo - obra citada.
- (7) Livro para Qualificar os Cidadãos Votantes - obra citada.
- (8) Conforme trabalho estatístico encontrado no I.B.G.E. de Dois Córregos.
- (9) Dos 12 prefeitos da cidade durante 1905-1945, 8 foram fazendeiros.
- (10) Como exemplo podemos citar a formação de um banco por um dos grandes proprietários rurais, em 1921, que refletiu não só o dinheiro-então existente, mas também a necessidade de um estabelecimento de crédito numa época em que a rede bancária era quase inexistente.
- (11) Dados obtidos na chefia da estação de Dois Córregos.
- (12) Citado por Odilon M. de Mattos - "A Evolução Ferroviária de São Paulo" - obra citada, pag. 556-558.
- (13) Adolpho A. Pinto - "História da Viação Pública em São Paulo"- 1902.
- (14) P. Monteig - obra citada - pag. 176.
- (15) Carlos Guirino Simões - "Rede Rodoviária do Estado de São Paulo - Anais do II Congresso - pag. 87-112 .
- (16) Renato S. Mendes - "As Estradas de Rodagem de São Paulo" - Anais do II Congresso Brasileiro de Geografia - Florianópolis - 1940 - C.n.G. - Rio - 1944 - Vol. IV - pag. 591/601.

- (17) Em 1954 a usina já possuía 15 fazendas totalizando uma área de 3.595 hectares.
- (18) J. Tricart - "Cours de Géographie Humaine, Fascicule II, L'Etat Urbain - 3^e Edition - Centre de Documentation Universitaire, Paris.
- (19) B. Kayser - "La Domination Urbaine" - obra citada.

o o o

CAPÍTULO IV

AS FUNÇÕES ATUAIS DE DOIS CÓRREGOS

A) Aspectos Gerais

No capítulo anterior, analisamos a evolução da vida e relações entre Dois Córregos e sua região, através das funções que tiveram importante papel nesse sentido. No presente capítulo vamos enfocar basicamente as funções atuais da cidade, o que não impede, quando assim for necessário, de realizarmos uma retrospectiva histórica.

Como as funções atuais de Dois Córregos refletem um processo evolutivo sócio-econômico, um primeiro problema que se coloca no estudo dessas funções é o de seqüência que tiveram dentro de um processo histórico. Nesse sentido, sabemos que a seqüência mais frequente é a sucessão de funções, onde essas funções se relacionam e se sucedem continuamente.

Foi o que ocorreu em Dois Córregos, onde não houve casos de justaposição de funções, isto é, sem relações com as funções já existentes.

Exemplificando, para comprovar. As funções religiosas e a de residência de proprietários rurais são as mais tradicionais da cidade, e ligadas à origem do próprio núcleo, como já vimos em diferentes partes - dê-se trabalho. Relacionada com essas primitivas funções, temos a fase embrionária de outras funções terciárias. A função político-administrati

va foi, evidentemente, decorrente da elevação do antigo núcleo à sede municipal em 1874.

A partir do momento em que a cidade foi estimulada pela cultura cafeeira, seu papel como centro comercial se define. Paralelamente, e através do processo de seqüência que acima referimos, funções ligadas aos serviços se sucedem, refletindo um determinado grau de centralidade. Entre essas funções de serviços, tanto aquelas resultantes de iniciativas particulares, como públicas, a de transporte ferroviário assumiu papel de destaque sobre as demais (Vide Capítulos I e III).

A importância e a diversificação do equipamento urbano estiveram sempre condicionadas pela importância numérica do mercado e pelo nível médio de vida da população sob a influência da cidade; nesse sentido estiveram sempre em nível que caracteriza os pequenos centros locais.

A função industrial na sua origem, de aspecto artesanal, esteve ligada ao consumo urbano, à uma clientela regional próxima e também teve, muitas vezes, aspecto de prestação de serviços: seleiro, ferreiro, construção urbana, etc. Se hoje algumas indústrias ainda mantêm essas características, outras já evoluíram para uma forma de produção mais moderna e para uma clientela extra-regional. Assim, também a função industrial obedeceu a uma seqüência de relacionamento com as funções já existentes.

Durante essa evolução histórica, a importância de determinadas funções foram-se alterando, dependendo não só do tipo de relações entre Dois Córregos e sua região, mas também das características da população da própria cidade, tudo isso nas diferentes épocas.

Nos primórdios da cidade, por exemplo, as atividades ligadas às funções político-administrativas e de residência de proprietários rurais se destacavam. Durante o período áureo do café a função comercial foi valorizada, juntamente com a função ferroviária. Nos dias atuais a atividade industrial torna-se importante, em termos de valor de produção, e a função de residência de rurais se acentuou, atraindo agora as populações rurais das vilas.

Um segundo problema para o estudo das funções de Dois Córregos refere-se ao das funções básicas-não básicas, já que se torna necessário distinguir, nesse tipo de estudo, as atividades que visam a satisfazer às necessidades da população da cidade (não básica), daquelas que

representam a "base econômica da cidade", isto é, aquelas que explicam sua existência, que, voltadas para o exterior, trazem os recursos necessários à vida da cidade caracterizando a sua vida de relações (1), já que cidade alguma pode viver por si mesma.

Na verdade, é através do estudo do comportamento que elas tiveram durante a evolução histórica da cidade de Dois Córregos, que podemos melhor entender o problema das funções de Dois Córregos, no passado e, conseqüentemente, nos dias atuais.

Da constatação, primeiro de como evoluiu a população rural e urbana de Dois Córregos, de fins do século XIX até os dias atuais (Quadro nº 23) e, em segundo, de como evoluiu as relações entre Dois Córregos e sua zona de influência, que vimos no capítulo anterior, podemos, de início, depreender que até os anos trinta, Dois Córregos praticou fundamentalmente funções "básicas" para uma zona de influência pequena, mas cuja população crescente estava intimamente a ela ligada. Essas funções se desenvolveram não a partir de um centro organizador, mas, ao contrário, a partir das necessidades da economia cafeeira numa região então pioneira, ou em processos de post-pioneirismo.

Com a década de 1930, quando se verifica não só o empobrecimento quantitativo da população rural, mas também o progressivo relaxamento dos laços entre Dois Córregos e sua zona de influência, constata-se o início das limitações das funções externas da cidade.

Com o empobrecimento de sua zona de influência, as funções, da cidade de Dois Córregos tiveram que se apoiar cada vez mais na sua própria população urbana, o que implicou numa grande valorização das funções "básicas", que, por sua vez, foram limitadas pela concorrência de Jaú. Dois Córregos passou assim a desenvolver gradativamente funções ligadas à própria cidade.

Como, em princípio, o efetivo da população, ligado às funções não básicas, é determinado pelo efetivo da população básica, diminuindo esta, aquela também diminui. Temos, assim, a estagnação, e até mesmo a decadência, da população urbana de Dois Córregos durante os anos trinta e quarenta. Passa, destarte, gradativamente, de uma "cidade nova" das primeiras décadas do século, com significativo ritmo de crescimento demográfico e econômico, a uma cidade estagnada, cujo crescimen-

to demográfico supera cada vez mais as condições de trabalho, limitadas, por sua vez, pelo precário dinamismo interno. Passa a se comportar como uma cidade emigratória.

O aumento da população urbana, a partir de 1950, já vimos, - não deve ser encarado unicamente como resultado do desenvolvimento de suas funções básicas. Deve-se, isso sim, ao aumento da população das "vilas", a partir de 1950, em sua maior parte localizado na chamada zona suburbana constituídas, por trabalhadores rurais que se deslocam diariamente para os estabelecimentos da redondeza (2). A população com maior tradição, urbana, localizada dentro do antigo perímetro urbano, permaneceu praticamente inalterada, como demonstra o quadro abaixo.

Quadro nº 24

População Urbana e Suburbana
de dois bairros

Ano	População Urbana	População Suburbana	População total da Cidade
1950	4.223	1.239	5.464
1960	4.642	2.630	7.272
1964	4.642	3.858	8.500
1970	-	-	8.973

Esse tipo de crescimento urbano "amarrado" a antiga população rural, agora residente nas vilas suburbanas, à cidade. Composta em sua maioria por pessoas de baixo poder aquisitivo, raramente desloca-se para centros mais importantes à procura de produtos e serviços menos frequentes. Ainda mais, foi esse tipo de crescimento urbano, abrangendo uma população basicamente dedicada à atividade primária, que possibilitou o desenvolvimento maior das funções não básicas. A revitalização de certas

atividades terciárias por que passa a cidade, deve-se fundamentalmente a esse fato.

Essas alterações funcionais podem ser constatadas, se relacionarmos o setor terciário ao primário, ou à população rural do município. Como não temos elementos para determinar a população ativa ligada às funções básicas e não-básicas durante todo esse processo, a análise das relações entre os setores primário e terciário é um artifício que pode dar uma idéia do que acabamos de explicar.

Quadro n° 25

Setores da População Ativa de

Dois Córregos

Setores	1898	1920	1940	1950
Primário	2004	4748	3458	2911
Secundário	128	518	201	480
Terciário	207	582	1514	1291

Em 1898 uma população terciária de 207 pessoas (admitindo-se que todas elas estariam localizadas na cidade) atendia, além da população urbana de 2004 pessoas do setor primário (que, por sua vez, deveriam estar localizadas na zona rural) ou então, a 7756 pessoas da zona rural, essa relação passou a ser, em 1920, de 582 pessoas do terciário para 4748 do primário ou para 15990 da população rural. Em 1950, essa relação passou a ser de 1291 pessoas do terciário para 2911 do primário ou para 7271 da população rural. Essa tendência, apesar da ausência de dados referentes aos setores da população ativa no censo de 1960, deve ter aumentado até os dias atuais.

Em outras palavras, nas primeiras décadas do século, um pequeno setor terciário atendia a uma população rural grande, ocorrendo, com o tempo, um aumento do setor terciário e também, além da população ur

tana, a uma população rural cada vez menor.

Esse fato reflete, em parte, a baixa qualidade consumidora - da população, rural e urbana, do início do século em bens e serviços em comparação com a atual, exigindo um equipamento urbano mais modesto. Mas também reflete uma valorização constante das funções não-básicas, já que, enquanto a população rural, isto é, a clientela regional de Dois Córregos, diminui constantemente, o mesmo não acontece com a população urbana.

Uma complementação que se poderia fazer às colocações que estamos apresentando, seria a valorização do terciário em função do desenvolvimento da atividade industrial, teoricamente mais ligada às funções-básicas. Não é isso, contudo, que os dados referentes à população secundária demonstram: em 1965 o seu total era inferior ao de 1950, abrangia apenas 386 pessoas.

Contudo, dois fatos novos ocorreram: inicialmente o grande aumento, nos últimos anos, do valor da produção industrial, o que pode ser constatado no quadro n° 26, apesar da pequena população secundária.

Quadro n° 26

Produção Agrícola e Industrial de

Dois Córregos - em valor

Ano	Produção Agrícola	Produção Industrial
1955 (3)	138.783,00	73.000,00
1960 (4)	145.570,00	137.164,50
1970 (5)	5.036.191,00	14.550.151,00

Em 1955, o valor da produção agrícola correspondia quase que ao dobro do correspondente à produção industrial. Essa proporção sofreu alterações aceleradas nos anos seguintes: cinco anos após, em 1960, o valor da produção industrial dobrou, quase que atingindo o valor corres-

pendente ao da produção agrícola, cujo aumento foi muito pequeno. Dez anos depois, a situação se altera radicalmente: o valor da produção industrial, continuando com seu acelerado ritmo de crescimento, atingiu a importância de 14 milhões de cruzeiros, a essa altura, três vezes maior do que a produção agrícola.

Nesse sentido, não se pode negar a importância da função industrial para a cidade de Dois Córregos, onde o aumento da produtividade é patente.

O segundo fato: a indústria do início do século, de características artesanais, atendia a uma clientela local e tinha muitas vezes características de "serviços". A decadência das funções externas da cidade. Hoje, muitas das 30 indústrias do município ainda conservam essas características. Como veremos, porém, da parte referente à função industrial, apenas cinco das indústrias de Dois Córregos abrangem, aproximadamente 80 % da mão-de-obra e 90 % do valor de produção total do município.

Essas colocações nos induzem a algumas deduções:

- numericamente, a população secundária não tem estimulado as atividades terciárias, já que seu número permanece pequeno;
- a maior parte da atividade industrial de Dois Córregos, considerando-se apenas as poucas indústrias que são responsáveis pela quase totalidade da produção industrial e mão-de-obra utilizada, já se comporta como função básica típica, perdendo sua dependência ao consumo local e apresentando aspectos de indústrias mais modernas.

3) As Funções Terciárias de Dois Córregos

Nessa parte do trabalho iremos limitar-nos à caracterização das funções terciárias atuais de Dois Córregos, já que a sua análise e evolução já foram feitas na primeira parte deste capítulo e no capítulo anterior. Essa caracterização servirá também para comprovar idéias anteriormente apresentadas.

Feito um levantamento junto às atividades terciárias praticadas pela cidade, um primeiro fato que se destaca é o da modéstia do

seu equipamento urbano, definindo muito bem Dois Córregos, como um centro local.

Quadro n° 27

Relação dos Estabelecimentos Comerciais em

1968 e 1923 (6)

<u>Ramo</u>	<u>1968</u>	<u>1923</u>
Comércio de Tecidos (armários, tazar)	29	17
Secos e Molhados	29	25
Bares e Similares	28	10
Açougues	8	12
Lojas de Calçados	6	13
Material de Construção	5	-
Papelaria	3	1
Quitanda	3	-
Mercearia	3	-
Relojoaria	2	2
Farmácia	2	4
Lojas de Móveis	2	-
Peças e Acessórios	2	-
Comércio de Gás	1	-
Loja de Máquina de Costura	1	-
Loja de Perfume	1	-
Ótica	1	-
Drogas Veterinárias	1	-
Bijuterias	1	-
Aparelhos Elétricos	1	-
Depósitos de Bebidas	1	-
Cooperativa	1	-
Comércio de Jóias	1	-
Confeitarias	-	6
Ferragens	-	2
Bilhetes de Loteria	-	2
Artigos para viagem, couro, etc.	-	2

Quadro, n.º 28.

Relação dos "Serviços" em 1964 e 1923 (6)

<u>Ramo</u>	<u>1964</u>	<u>1923</u>
Lavanderia (tinturaria)	3	-
Barbearia	6	4
Oficina mecânica	6	-
Pôsto de Gasolina	4	-
Instituto de Beleza	4	-
Médicos	4	-
Dentista	4	-
Conserto de calçados	4	-
Conserto de rádio e aparelho elétrico	5	-
Escritório contábil	3	-
Alfaiate	3	-
Fotógrafo	3	-
Banco	3	1
Hotel	2	2
Protético	1	-
Ferreiro	2	5
Torneiro Mecânico	2	-
Conserto de Estofado	1	-
Pensão	1	3
Transportadora	1	-
Conserto de Acumuladores	1	-
Cinema	1	-
Cocheira com carro de aluguel	-	1
Garage	-	2
Funileiro	-	1
Folheiro	-	1
Advogados	4	-
Escolas (Grupo, Colégio Estadual e Esc.de Comércio)	3	-
Caixa Econômica	1	-
Cartório de Registro Civil		
Coletoria Estadual		
Forum		
Correios e Telégrafo		
Delegacia e Cadeia		
SESC		
Casa da Lavoura		
Casa da Criança		
Pôsto de Assistência Social		
Prefeitura		
Culto		
Santa Casa da Misericórdia		
Delegacia		

Comparando-se os estabelecimentos comerciais e os ligados aos serviços existentes em 1923 com aqueles existentes em 1964, notamos que não houve modificações radicais entre essas duas épocas. Verificou-se apenas uma pequena ampliação no número de estabelecimentos (por exemplo, os estabelecimentos comerciais aumentaram de 93, em 1923, para 132 em 1964) e ainda uma diversificação, também pequena, de novos ramos, normalmente mais especializados, ligados ao setor terciário, na verdade fa-to bastante relacionado com a valorização das funções não-básicas (quitandas, bijuterias, mercearias, institutos de beleza, lavanderias, etc.), com a maior exigência da população urbana e com a instalação de servi-ços ligados ao setor público.

Uma segunda observação é o predomínio, em número, de estabelecimentos voltados ao comércio e aos serviços, ligados às necessidades internas da cidade, não só pelas suas próprias características, como os exemplos acima citados, como também por serem muito pequenos, sem características de função regional.

Preocupados que estávamos em analisar as funções verdadeiramente básicas da cidade, selecionamos para pesquisa direta aquelas atividades mais significativas nesse sentido. Exemplificando: quanto à atividade comercial foram entrevistados os principais estabelecimentos da cidade, os mais procurados pelos rurais e foram preteridos aqueles estabelecimentos muito pequenos ligados basicamente ao consumo urbano. Mesmo para os principais estabelecimentos constata-se que eles desempenham tam bém importante função não-básica.

Diante da dificuldade de obtermos dados estatísticos mais precisos, quase sempre nos limitamos, para caracterizar as funções básica-não básica dos estabelecimentos na porcentagem da clientela da cidade, da zona rural do município e de fora do município. Poucas vezes, como no caso da procedência dos alunos do colégio, dos pacientes atendidos pela Santa Casa, conseguimos dados absolutos, precisos.

1. A Função Comercial

Dos estabelecimentos comerciais existentes na cidade, desta-cam-se, em ordem de ocorrência, os ligados ao ramo de secos e molhados (29), os ligados aos ramos de tecidos, bazares, armarinhos (2), bares

(28), açougues (8) e lojas de calçados (6), apenas esses cinco ramos totalizam 100 estabelecimentos comerciais dos 132 existentes, o que caracteriza muito bem o equipamento comercial da cidade (Quadros 27 e 28).

Tentando caracterizar a função de Dois Córregos como centro distribuidor de produtos externos, foram realizadas pesquisas nos 17 principais estabelecimentos comerciais da cidade (secos e molhados, tecidos, cooperativas, óticas, etc.) o que demonstrou um certo equilíbrio entre as vendas para a cidade e a zona rural.

Quadro n° 29

Localização da Clientela dos Estabelecimentos

Comerciais de Dois Córregos - Cálculo em %

Estabele- cimentos.	Dois Córregos		Localização da Clientela				
	Cidade	Rural	Mineiros do Fietê	Torrinha	Barra Bonita	Brotas	Outros Municípios
n° 1	50 %	30 %	5 %	5 %	5 %	-	5 %
n° 2	80 %	20 %	-	-	-	-	-
n° 3	-	80 %	10 %	4 %	-	-	6 %
n° 4	80 %	-	5 %	5 %	5 %	5 %	-
n° 5	55 %	30 %	5 %	5 %	5 %	-	-
n° 6	100 %	-	-	-	-	-	-
n° 7	30 %	70 %	-	-	-	-	-
n° 8	40 %	-	12 %	10 %	2 %	10 %	36 %
n° 9	40 %	50 %	5 %	5 %	-	-	-
n° 10	50 %	50 %	-	-	-	-	-
n° 11	25 %	70 %	2 %	2 %	1 %	-	-
n° 12	40 %	50 %	-	5 %	5 %	-	-
n° 13	50 %	40 %	-	-	-	-	-
n° 14	60 %	-	10 %	10 %	10 %	-	10 %
n° 15	70 %	15 %	5 %	5 %	-	5 %	-
n° 16	30 %	50 %	3 %	3 %	-	3 %	-
n° 17	20 %	20 %	10 %	20 %	10 %	20 %	-

A variação das porcentagens está intimamente ligada com o tipo de atividade desempenhada pelo estabelecimento comercial; exemplificando. O estabelecimento nº 3 não realiza vendas para a cidade porque ele corresponde à uma cooperativa de fazendeiros, a ausência de consumo pela população rural nos estabelecimentos nº 4, 8 e 14 é explicada por eles corresponderem à cooperativa dos funcionários da Cia. Paulista de Estrada de Ferro (nº 4) e a duas distribuidoras de bebidas (nº 8 e 14), que são justamente as que possuem maior raio de ação. O nº 17 representa um comércio especializado (ótica) o que justifica sua significativa venda para fora do município.

Os dois principais ramos comerciais - secos e molhados e tecidos - não têm demonstrado um razoável ritmo de desenvolvimento, mas, ao contrário, têm por vezes sofrido graves crises. Constatou-se, nas entrevistas realizadas, uma gradativa diminuição das vendas para a zona rural, o que tem sido compensado pelo aumento da porcentagem das vendas para a cidade refletindo os novos tipos de relações que foram estabelecidos entre a cidade de Dois Córregos e sua zona.

Esses comerciantes realizam suas compras principalmente em São Paulo e, em segundo lugar, em Bauru, onde se localizam sucursais de inúmeras grandes empresas comerciais, como também algumas indústrias locais (Quadro nº 30). Isso faz com que a participação de São Paulo nesse ramo seja limitada, no campo de tecidos seu domínio é absoluto. Com menor intensidade seguem Piracicaba, Campinas e Araraquara. Só então surge Jaú que, apesar de ser o centro sub-regional, não possui importante papel no abastecimento dos comerciantes da cidade. A pequena participação de Jaú explica-se pelo fato de nesta cidade as firmas atacadistas serem de origem local e redistribuírem produtos de empresas de São Paulo, cuja aquisição por parte dos comerciantes de Dois Córregos, normalmente é feita sem a intervenção de viajantes, ou seja, diretamente. São empresas comerciais mais modestas, comparadas às de Bauru.

Aquisição de Mercadorias Pelos Estabelecimentos Comerciais de
Dois Córregos - Cálculo em %

Procedência	Estabelecimentos																
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
São Paulo	-	-	80	3	20	25	20	10	20	35	30	35	30	40	90	100	100
Bauru	30	-	-	-	30	30	30	-	35	25	20	30	45	40	2	-	-
Jaú	10	40	-	-	-	-	35	-	-	3	10	10	-	-	-	-	-
Dois Córregos	2	-	-	-	18	5	30	6	3	10	5	2	-	-	-	-	-
Araraquara	-	-	-	-	-	40	5	-	8	10	10	5	-	-	-	-	-
Piracicaba	4	-	-	3	10	-	5	-	8	-	10	8	8	-	-	-	-
Campinas	4	-	-	-	-	-	-	-	10	3	10	7	15	-	-	-	-
Jundiaí	-	-	-	90	-	5	-	-	6	-	-	-	-	10	2	-	-
Rio Claro	-	-	-	-	10	-	-	30	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Sta. Bárbara d'Oeste	-	-	20	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Lineira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Agudos	-	-	-	-	-	-	-	30	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São Carlos	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Bocaina	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Itu	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Barra Bonita	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lençóis Paulista	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Outras cidades com baixa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Minas	-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Paraná	60	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

No caso das cidades mais importantes, anteriormente citadas, a compra é feita principalmente por meio de viajantes que representam - grandes firmas atacadistas, ou a própria fábrica, que possuem nessas cidades filiais regionais com área de ação previamente estabelecida. Exemplificando com o caso de Baurú, onde temos as seguintes filiais: Natarazzo, Sombra, Anderson Clayton, Dias Martins, Nestlé, C.A.C. etc.

Além do grosso das mercadorias, que são adquiridas nas firmas sediadas nas cidades a que nos referimos, uma parte menor de mercadorias é adquirida em variado número de cidades, onde se situam pequenas e médias indústrias, através da ação de inúmeros viajantes. O número dessas cidades fornecedoras tem aumentado nos últimos vinte anos, e não se caracterizam por uma localização especial: apresentam uma certa rarefação espacial: Bocaina (faldes), Lençóis Paulista (macarrão), Santa Bárbara d'Oeste (tecidos), Agudos (bebidas), Limeira (açúcar, sapato), Franca (sapato), etc.

Essa rarefação dos centros distribuidores está ligada além da importância de determinado ramo industrial numa certa cidade, ao desenvolvimento dos transportes rodoviários. Até uns vinte anos atrás o transporte das mercadorias era feito especialmente pela ferrovia, o que agia como um critério selecionador dos centros fornecedores: São Paulo, Campinas, Baurú, etc., isto é, de cidades situadas ao longo das ferrovias, principalmente da Cia. Paulista. Nas últimas duas décadas o desenvolvimento dos transportes rodoviários não só justificou a decadência do transporte ferroviário, pelas vantagens que êle apresenta (o tempo de entrega, entrega a porta, melhor segurança) mas também abriu possibilidades de fornecimento por parte de outros centros, agora ligados só pelas rodovias. Hoje mais de 80 % das mercadorias recebidas são transportadas por transportes rodoviários.

O domínio do comércio varejista pode ser demonstrado pela clientela rural, que faz compra diretamente no talcão, usando seus próprios veículos (carroças, pernas, caminhões, charrretes, etc.) para o transporte das mercadorias.

As únicas exceções, ou seja, firmas que extravasam de modo significativo a área urbana e municipal são empresas de secos e molhados e duas distribuidoras de bebidas, que fornecem seus produtos para

alguns comerciantes de Dois Córregos e das cidades vizinhas, utilizando seus próprios caminhões. Suas porcentagens de venda para fora do município são, respectivamente, de 20 %, 40 % e 60 %. Apenas a empresa de secos e molhados, em toda a cidade, se comporta também como atacadista, porém em escala bastante pequena: suas vendas para outros municípios atingem apenas 20 % do total, enquanto que 50 % é feita para a própria cidade, basicamente a varejo.

Como no caso das empresas industriais, as comerciais apresentam pequena longevidade. De todas elas apenas seis são anteriores a 1950 e apenas quatro anteriores a 1940; porém em cinco dessas ¹⁵⁶⁴ empresas verificou-se mudança de proprietário, refletindo o pequeno número de estabelecimentos comerciais da cidade. Esses fatos demonstram as seguintes características do comércio de Dois Córregos:

- a existência dos estabelecimentos comerciais deve-se à capacidade de iniciativa de seu empresário, desaparecendo com ele;
- normalmente, não é continuado pelos seus filhos, que se deslocam para outras atividades, em cidades maiores;
- a pequena importância econômica desses estabelecimentos não atraem os descendentes do empresário na continuação da gestão da empresa;
- apenas os estabelecimentos comerciais de maior importância econômica tiveram continuidade, por membros da família, ou por novos proprietários.

A função de Dois Córregos como centro de comercialização de produtos rurais possui hoje pequena importância. As principais culturas de sua área de influência são a cana e o café. No caso da cana não possui participação alguma na coleta, beneficiamento e distribuição do produto, o que é feito, evidentemente, pela própria usina e, em escala inferior por alguns engenhos de pinga. Toda a produção de açúcar da usina é por ela encaminhada à cooperativa dos usineiros.

A cultura cafeeira, limitada em 1968 em 2.300.000 pés (em 1934 o número de pés atingia a 6.553.974) é colhada, beneficiada e distribuída apenas em parte pela cidade, onde existem três máquinas de beneficiamento de café. Parte considerável da produção cafeeira é vendida pelos fazendeiros a máquinas localizadas em Bocaina, Torrinha (por ques

tão de mercado) e, principalmente para Jaú, onde a Cooperativa dos Cafeicultores da Zona conta com 28 cooperadores de Dois Córregos. Duas das três máquinas vendem o café beneficiado principalmente para Jaú, onde se localizam representantes de firmas de Santos (João Batista Moreno, representante de Pinho Guimarães) e firmas também exportadoras (Anderson Clayton). A terceira máquina vende seu café diretamente para Santos.

Em grau de importância tem menor ao café e à cana, seguem o arroz (21.000 sacos), feijão (2.178 sacos) e milho (34.758 sacos), cuja produção visa especialmente ao abastecimento da cidade, onde se localizam três máquinas de beneficiamento de arroz e, recentemente, uma de milho. Já vimos que parte da produção do arroz e do milho é comercializada nas fazendas, pelos compradores que percorrem a zona rural.

As demais culturas atingem produção insignificante, e às vezes esporádicas, resultam em parte do estímulo exercido pela cidade: frutas, mandioca, hortaliças, etc. Um único fato a destacar é a plantação de essências praticada na parte sul do município pela Dierberger, mas que envia toda a sua produção diretamente para São Paulo.

2. As Funções Ligadas aos "Serviços"

Quanto à função educacional a cidade de Dois Córregos conta, no ensino médio, com um colégio estadual e com uma escola de comércio.

O atual Colégio Estadual é um dos mais antigos da região: foi criado em 1946 apenas com o curso ginasial; em 1949 foi criado o curso Normal, em 1953 o Científico e em 1963 o Aperfeiçoamento.

Essa maior antiguidade lhe concedeu uma influência regional - tem maior do que a atual, já que a criação de novos ginásios estaduais nas cidades vizinhas foi limitando a afluência de alunos dessas cidades, mineiros do Tietê, Torrinha e Brotas. A escolha de Dois Córregos por parte dos alunos dessas três cidades explica-se pelo menor tempo de viagem, com relação às outras cidades que pudessem oferecer êsses mesmos cursos, além de outras facilidades ligadas aos transportes.

A importância dessa influência regional para a vida social da cidade foi bem grande. Em 1964, apenas a cidade de Brotas possuía também o curso Normal, o que tornava ainda significativa a afluência de

alunos dessas três cidades para frequentarem os cursos Científicos, Normal e Aperfeiçoamento. Dos 145 alunos que frequentavam o 2º ciclo em 1964, 63 (42 %) eram de Dois Córregos, 43 (29 %) de Torrinha, 27 (18 %) de Mineiros do Tietê e 15 (10 %) de Brotas, já com curso Normal.

A menor influência regional da Escola de Comércio explica-se por ser um curso noturno. Mesmo assim, dos 232 alunos, 19 tinham como residência Mineiros do Tietê, 14 Torrinha e 4 Santa Maria da Serra (em 1964 Santa Maria da Serra não contava com ginásio estadual, recorrendo os alunos dessa cidade à Torrinha, o que não era possível para o curso comercial, que Torrinha não possuía). Brotas não aparece nessa relação - por já contar com sua escola de comércio.

Esses dados são altamente mutáveis, dependem apenas da criação, ou não, de cursos do segundo ciclo em Torrinha, Mineiros do Tietê e Brotas. Quando isso acontecer sua influência regional nesse campo tornar-se-á insignificante.

A participação da população rural no ensino médio era praticamente nula em 1964. Dos 633 alunos que frequentavam as duas escolas de nível médio, apenas 16 tinham origem rural, ou mais precisamente, procediam de certos "bairros" que correspondiam sempre às paradas de trem da linha da Cia. Paulista: Ventania (9 alunos), Lacerda Franco (4), Tabuleiro (2) e Canela (1), as duas últimas paradas localizavam-se, respectivamente, em Torrinha e Brotas. Via de regra são filhos de ferroviários, que vivem e trabalham nessas paradas de trem, aproveitando-se das vantagens oferecidas pelo transporte ferroviário nas suas relações com Dois Córregos.

Quadro nº 31

Procedência de Alunos - 1964

	Colégio Estadual		Escola de Comércio	
	valor	ats. valor	valor	ats. valor
Primeiro Ciclo				
Dois Córregos	252	100%	141	100%
Segundo Ciclo				
Dois Córregos (cidade)	53	36%	52	57,1%
Ventania	7	-	2	-
Lacerda Franco	4	-	-	-
Torrinha (2 de Tabuleiro)	43	29%	14	15,3%
Mineiros do Tietê	27	18%	19	20,8%
Brotas	15	10%	-	-
Santa Maria da Serra	-	-	4	-

Na parte referente à função médico-hospitalar, Dois Córregos contava 1965 com três médicos, uma Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, um Posto de Saúde. Ainda, em termos assistenciais, possuía uma Casa da Criança e um asilo. Como se vê, um equipamento médico-hospitalar significativo, apesar de algumas deficiências. O número de médicos, por exemplo. A relação n° de habitantes/médico comprova essa afirmativa:

Quadro n° 32

Relação número de Habitantes/Médico em Dois Córregos em 1965

	População	n° de médico	Relação pop./médico
Município	16.000	3	5.333 hab./médico
Cidade	8.500	3	2.830 hab./médico

É bem verdade que esse baixo índice tem que ser corrigido pelo grande número de doiscorreguenses que se deslocam para outros centros médicos de maior importância, como, por exemplo, Jaú, São Paulo, Campinas. Mas também temos que levar em conta o significativo número de clientes de municípios vizinhos que se dirigem para Dois Córregos à procura de assistência médica, devido à precariedade de serviços médicos - nesses municípios, como é o caso de Limeiros do Tietê e Torrinha.

Dois Córregos possui 42 leitos, na Santa Casa, o que dá uma relação de 380 habitantes/leito para o município, e de 202 habitantes / leito para a cidade.

Dos três médicos, dois são de clínica geral e um é especialista em otorrinolaringologia. Apenas esse último e a Santa Casa possuem uma clientela de significação regional, já que os outros dois médicos e as demais instituições assistenciais, possuem ações praticamente circunscritas aos limites municipais.

Procedência de Pacientes

Procedência	Santa Casa - 1964	Otorrinolaringologista
Dois Córregos - cidade	46 %	32,3 %
Dois Córregos - rural	30 %	13,3 %
Mineiros do Tietê	8 %	8,0 %
Torrinha	3 %	12,7 %
Brotas	5 %	14,5 %
Barra Bonita	5 %	10,4 %
Outros Municípios	3 %	8,7 %

Apesar de normalmente restrita aos limites municipais, a função político-administrativa é uma importante forma de domínio que a cidade impõe à área municipal.

Além dos poderes executivo e legislativo, a cidade de Dois Córregos é também sede de comarca. Na cidade estão sediados todos os órgãos referentes a essa função: a prefeitura e a câmara dos vereadores, o judiciário, os cartórios (de Registro Civil, de Registro de Imóveis e Anexos, e o de Notas e Offícios - dois), os referentes à segurança pública (delegacia, destacamento policial, cadeia). A cidade torna-se, assim, o centro com que, obrigatoriamente, a população de todo o município está vinculada quanto a esses tipos de serviços.

A comarca de Dois Córregos abrange também o município de Mineiros do Tietê, o que amplia para esse município o âmbito das funções ligadas ao poder judiciário.

A tradicional função ferroviária tem decaído gradativamente de importância, à medida que o número de funcionário diminui. Vimos que até 1941, quando a cidade abrigava a sede da Quarta Divisão da Cia.

Paulista (7) a cidade contava com mais de 600 ferroviários, número que caiu para 210 com a transferência dessa Quarta Divisão para Bauru, naquele ano.

Hoje conta apenas com aproximadamente 80 funcionários, reflexo da constante transferência de funcionários para outras cidades; essa transferência é o resultado da diminuição, cu término de determinados serviços ferroviários em Dois Córregos, da década de 40 para cá. Entre eles destacamos:

- o fim do ramal para Barra Bonita e Iguatemi, 1967, até então Dois Córregos se comportava como ponto de baldeação (figura n° 3);
- a racionalização ou modernização de certos serviços, que implicou na necessidade de um número menor de funcionários; por exemplo, a instalação de um sistema de controle de tráfico automático;
- a decadência no embarque e desembarque de mercadorias, devido à concorrência da rodovia, justificando a diminuição de funcionários ligados a esse setor.

A função ferroviária foi no passado um elemento dinâmico para a cidade de Dois Córregos, ante o elevado número de funcionários, ou de pessoas deles dependentes, fato que hoje não ocorre mais. Como resquício do passado, encontramos na cidade um grande número de aposentados. A antiga função ferroviária de Dois Córregos, explica a proporção elevada de funcionários antigos e, automaticamente, o grande número de aposentados. Obrigados a deixarem as casas das colônias da Cia. Paulista, com sua passagem para a aposentadoria, continuaram morando próximo a elas, no chamado Bairro Paulista e também na Vila Mira Lopes; calcula-se o número de 200 aposentados que vivem em Dois Córregos, cujos filhos na sua grande parte, deslocaram-se para centros maiores, à procura de novas oportunidades.

Um fato que merece destaque: com a encampação da Cia. Paulista pelo Governo do Estado, a cooperativa dos ferroviários desligou-se da Cia. Paulista, constituindo-se em uma unidade à parte. Até então essa cooperativa atendia apenas aos ferroviários, e sua área de ação estendia-se de Itirapina até Almorés, próxima a Bauru; 60% de suas vendas era feito para os ferroviários residentes ao longo do trecho acima descrito. Com a sua nova constituição jurídica, a cooperativa abriu suas

vendas para os não ferroviários, e tem hoje suas vendas limitadas unicamente à população da cidade de Dois Córregos, perdendo assim sua influência regional que até então possuía. Em suas vendas para a população urbana, apenas 40 % é realizada com ferroviários.

Outras funções, de influências nitidamente municipais são a religiosa e a financeira, essa última realizada por três bancos, um local e uma caixa econômica federal. Essa última tem uma influência marcante, no sentido de drenar as economias locais e investir várias atividades econômicas. Não pudemos melhor interpretá-la por carência de dados.

Quanto à atual função residencial para os não ligados às atividades urbanas, é possível destacarmos dois casos específicos.

O primeiro refere-se aos proprietários rurais que moram na cidade. Conforme dados retirados do Livro de Lançamentos de Imposto Rural da Prefeitura, em 1964, constatou-se que dos 344 proprietários rurais, 99 moram na cidade.

Quadro n° 34

Residência dos Proprietários Rurais do Município de Dois Córregos - 1964

Residência	n° de Propriedades	n° de Proprietários
Dois Córregos	115	102
Torrinha	8	7
São Paulo	8	7
Jau	8	6
Mineiros do Tietê	7	7
Barra Bonita	3	3
Piracicaba	4	2
Santos	3	2
Brotas	1	1
Igarapú do Tietê	1	1
Dourados	1	1
Santa Maria da Serra	1	1
Tupã	1	1
Americana	1	1
Barretos	1	1
	Sub-total	143
Nas fazendas	284	225
	Total	368

Notamos pelo quadro n° 34 que apenas 60 % dos fazendeiros moravam em 1964 em suas fazendas, 27,7 % moravam na cidade de Dois Córregos, 7,5 % (26 proprietários) moravam em municípios vizinhos.

Entre os que moram em Dois Córregos, encontramos desde os pequenos sitiante até os grande proprietários, com significativa porcentagem d'esses últimos.

Quadro n° 35

Fazendeiros Residentes em Dois Córregos por Área das Propriedades 1964

Propriedades em Hectares	N° de Fazendeiros per tamanho propriedade	N° de Fazendeiros da residentes na cidade	Porcentagem de Fazendeiros residentes na cidade por tamanho de propriedade
0 - 10	32	10	31,0 %
10 - 25	58	21	36,2 %
25 - 50	72	15	20,8 %
50 - 100	71	17	23,9 %
100 - 250	90	26	28,8 %
250 - 500	23	4	17,0 %
500 - 1000	7	4	57,1 %
+ 1000	11	5	45,5 %

Os grandes proprietários correspondem hoje, tanto aos descendentes dos primeiros grandes fazendeiros de café, cuja vinda para a cidade data das primeiras décadas do século como aqueles de origem humilde, descendentes de italianos, ou de "nacionais" de enriquecimento muito mais recente.

Destacamos também os pequenos sitiante, cuja gleba se localiza próxima à cidade. Praticam deslocamentos diários entre seus sítios e a cidade. Participam ativamente do trabalho rural, explorando direta

mente suas propriedades. Um caso mais recente é o de certos proprietários de origem urbana, como médico, advogado, comerciante, etc., que têm na atividade rural, pelo menos no início, uma segunda fonte de renda, nem sempre o trabalho é por eles dirigido.

Apesar da função de residência para proprietários rurais ser antiga na cidade de Dois Córregos, nota-se nos últimos anos, os dados - são de 1964, uma tendência crescente nesse sentido, havendo casos de fazendeiros que mantêm dois locais de residência, a cidade e a fazenda, esse mecanismo tem sido facilitado pelo uso dos veículos motorizados.

O segundo caso de função residencial refere-se aos trabalhadores rurais e nos últimos 15 a 20 anos têm-se deslocado para a periferia da cidade, dando origem às chamadas vilas, localizadas normalmente no perímetro suburbano. Vimos que esse fato tem sido o principal fator do aumento da população da cidade de Dois Córregos. Conforme pesquisa realizada nas vilas, grande parte dos trabalhadores nelas residentes têm desenvolvido ainda atividades ligadas à zona rural, não possuindo ainda características de população verdadeiramente urbana.

Vimos no capítulo anterior as razões de sua origem. Resumindo, essa origem está ligada ao desenvolvimento da cultura canavieira, paralelo à decadência contínua do café, à transformação de algumas áreas agrícolas em pastagem, e ao Estatuto do Trabalhador Rural.

O estabelecimento do salário rural transformou todo um sistema de relação tradicional que se praticava entre os proprietários rurais e os trabalhadores. Ante as novas leis trabalhistas que devem ser cumpridas, famílias de trabalhadores perdem algumas regalias que possuíam como o baixo aluguel, o usufruto da horta, lenha, leite, etc., ou então teriam que pagar por elas um preço atualizado. Além do mais não era mais conveniente para o proprietário manter na sede de seu estabelecimento rural um número grande de famílias, cujos chefes deveriam ter uma situação legalizada dentro das novas leis trabalhistas. O resultado foi o deslocamento dessas famílias para a periferia da cidade próxima, onde seus membros seriam contratados como diarista, empreiteiro, volante, etc. provocando o esvaziamento demográfico das sedes dos estabelecimentos rurais, onde permaneceram poucos trabalhadores com suas famílias, como mensalistas, moradores, etc. Portanto, houve o abandono dos trabalhos complemen-

tarefas que ocupavam o colono o ano todo nas fazendas.

Dentro desse esquema, o subemprego passou a caracterizar - grande parte dessa população de origem rural, que, durante determinados períodos é requisitada em menor escala para outras atividades rurais, como a carpa, culturas de cereais, etc.

Apesar de variar conforme a época do ano, diariamente é grande o deslocamento dessa população para a zona rural, principalmente por caminhões. Podem ser contratados diretamente pelos fazendeiros ou pelos "empreiteiros", isto é, pessoas que agem como intermediários entre os proprietários e os trabalhadores.

Esses empreiteiros, que correspondem a um tipo de atividade diferente do empreiteiro tradicional que participa diretamente do trabalho rural, levando às vezes pessoas de sua família. Em função de um acordo realizado com um fazendeiro, toma por empreita um serviço rural - relativamente grande, por um determinado preço. Esse serviço pode ser o corte da cana referente à uma determinada área. A seguir ele "contrata" trabalhadores, no caso residentes nas vilas da cidade, para realizar esse trabalho por empreita, pagando aos trabalhadores uma determinada remuneração. A diferença entre o que recebe do fazendeiro e o que paga para os trabalhadores é o seu lucro. O fazendeiro fica assim desvinculado de qualquer relação empregatícia com os trabalhadores.

O ingresso desses elementos nas funções tipicamente urbanas tem sido bastante lenta. O que se verifica, com mais regularidade, é o ingresso de suas esposas e filhas em atividades como empregadas domésticas, lavadeiras, etc., na cidade, mas é bastante significativa a participação desses dois elementos no corte da cana.

C) A Função Industrial

1. A Apresentação do Centro

De acordo com o Registro Industrial de 1965, conforme dados fornecidos pelo I.B.C.E. local, existiam no município de Dois Córregos - 39 estabelecimentos classificados como industriais, dos quais 36 na zo

na urbana. O confronto desses dados com as informações obtidas no próprio local permite-nos aceitá-los com reservas. Apesar disso, pela ausência de fontes mais precisas, nêles basear-nos-emos para as análises necessárias.

Quadro nº 35

As Indústrias de Dois Córregos, por Ramo, Valor das Vendas, Mão-de-Obra

Ocupada e Ano da Fundação (8) - 1965

	Valor das Vendas	Total de Ano da Pessoas Fundação	
1. Benefício de Arroz	1.024,30	1	1963
2. Cia. de Fôrça e Luz	42.555,00	15	1929
3. Indústria de Vinagre	315,00	1	1955
4. Calçados	22.894,00	9	1965
5. Beneficiamento e Comércio de Café	22.808,15	3	1952
6. Urnas Mortuárias	81.494,70	13	1964
7. Calçados	158.626,70	55	1961
8. Móveis	40.898,00	16	1969
9. Artefatos de Madeira (portas, etc.)	3.733,90	2	1947
10. Salaria	906,07	1	1957
11. Beneficiamento de Arroz	799,70	1	1948
12. Torrefação e Moagem de Café	7.442,02	1	1950
13. Pães, Biscoitos	1.394,01	1	1957
14. Móveis e Colchões	-	1	1947
15. Móveis	3.126,45	2	1961
16. Beneficiamento de Arroz	2.500,00	1	1936
17. Beneficiamento de Café	7.000,00	1	1926
18. Padaria	4.516,84	2	1956
19. Beneficiamento de Arroz	45,00	1	1963
20. Refrigerantes	5.480,75	2	1962
21. Capotas e Estofados	700,00	1	1957
22. Tipografia	5.923,65	2	1957
23. Beneficiamento de Café	3.959,00	1	1963
24. Padaria	8.709,61	1	1961
25. Torrefação e Moagem de Café	7.286,00	1	1962
26. Calçados	26.897,50	11	1962
27. Matadouro	489,40	1	1954
28. Padaria	29.576,48	2	1949
29. Beneficiamento de Arroz	649,00	1	1963
30. Padaria	17.186,00	2	1962
31. Padaria	10.895,40	1	1963
32. Beneficiamento de Arroz	4.123,60	1	1944
33. Serralheria	11.560,00	3	1959
34. Móveis	635,80	3	1965
35. Calçados	32.780,00	8	-
36. Móveis	-	1	-
Indústrias localizadas na zona rural			
37. Aguardente	18.783,50	7	1952
38. Olaria	536,00	1	1959
39. Açúcar e Alcool	2.329.196,00	192	1959
Total	<u>2.927.647,53</u>	<u>357</u>	

Esses 39 estabelecimentos ocupavam 367 pessoas e o valor das vendas efetuadas neste ano de 1965 foi de 2.927.647,53 cruzeiros. A pequena importância da atividade industrial pode ser ainda demonstrada pelos seguintes aspectos:

- dos 39 estabelecimentos industriais, 21 ocupavam apenas uma única pessoa, que correspondia ao seu proprietário;

- apenas a Cia. Agrícola e Industrial Santa Adelaide, usina de açúcar situada na zona rural do município, atrange 52 % da população secundária do município (192 empregados) e participava com 77 % das vendas industriais durante o ano de 1965 (Cr- 2.329.196,00).

- além dessa usina, existiam apenas seis indústrias com mais de nove trabalhadores, sendo que a maior atrangia 55.

O pequeno número de indústrias com significação econômica-fêz com que limitássemos a pesquisa direta a apenas 10 dos maiores estabelecimentos, para a análise dos demais nos baseamos principalmente nas fontes estatísticas.

2. A Gênese da Atividade Industrial

Como foi visto no capítulo anterior as atividades industriais em Dois Córregos se intensificaram com o processo de urbanização-verificado no início do atual século. Nessa fase inicial duas forças de produção tiveram papel primordial no desenvolvimento dessas atividades industriais.

A primeira foi a matéria-prima, é o caso de produtos rurais principalmente o café, que justificou as inúmeras máquinas de beneficiamento, algumas localizadas, na época, na zona rural; é o caso da madeira, então abundante na região, que explica a existência das fábricas de móveis (existiam três fábricas em 1923), ramo industrial que já possui na cidade um certo aspecto tradicional.

O imigrante, basicamente o italiano, atuou como um segundo elemento primordial do desenvolvimento da atividade industrial em Dois Córregos, quer através de sua técnica artesanal, quer através de sua capacidade de iniciativa. Conforme informações obtidas oralmente, os sequeiros, ourives, marceneiros, ferreiros, etc. que se estabeleceram na

cidade a partir de fins do Século XIX eram italianos que inicialmente foram trabalhar na zona rural, mas já dotados de uma técnica artesanal. As pequenas economias que possuíam eram suficientes para o início de suas novas e modestas atividades.

A pequena importância do mercado local, a pequena intensidade das forças de produção, como o capital, mão-de-obra, máquinas, energia, sempre delimitaram o desenvolvimento dessas atividades industriais, além, evidentemente, da concorrência dos centros realmente industriais, cujos produtos podiam chegar com relativa facilidade por meio do transporte ferroviário. Essa limitação implicou, além da modéstia da empresa industrial, na sua pequena duração, raríssimas conseguem sobreviver ao seu chefe fundador; em grande parte elas refletem o esforço, a capacidade de iniciativa, a tenacidade de certos imigrantes que atuam num quadro praticamente desprovido daqueles elementos que podem dinamizar a atividade industrial.

Os ramos industriais que conseguiram surgir e, até certo ponto, se manter, são significativos:

- as máquinas de beneficiamento, principalmente as de café, que se justificam pelas suas próprias características;
- as indústrias alimentícias, normalmente as de consumo imediato, voltadas a um consumo local: padarias, doces, biscoitos, etc.;
- a produção de artigos duráveis ou semi-duráveis, de necessidade urbana e rural, passíveis de sobreviverem dentro de uma produção artesanal (seleiro, folheiro, ferreiro, ourives, cutileiro, sapateiros, alfaiates, etc.) cuja técnica normalmente foi importada com o imigrante. Alguns ramos possuíam consumo regional mais significativo, como é caso da fabricação de móveis e telhas.

Essas características da origem das atividades industriais exercem uma ponderável influência no quadro geográfico-econômico das indústrias atuais.

3. O Quadro Geográfico-Econômico Atual

A análise do número de trabalhadores por estabelecimentos industriais nos servirá de base para caracterizar a sua importância.

Quadro nº 37

Número de Trabalhadores por Estabelecimento Industrial - 1965

de empre- gados	Número de Estabelecimentos	
	Cidade	Zona Rural
1	20	1
2	7	-
3	2	-
7	-	1
8	1	-
9	1	-
11	1	-
13	1	-
15	1	-
16	1	-
55	1	-
192	-	1
Total	36	3

Pela relação acima, nota-se não só o pequeno número de estabelecimentos industriais existentes, mas o grande domínio dos pequenos estabelecimentos com características acentuadamente artesanais. Não são incluídas nesta relação as oficinas de reparação e consertos, que totalizam o número de 21. Levando-se em conta apenas as indústrias localizadas na sede, 20 das 36 ocupavam apenas uma única pessoa (administrador, operário e outros empregados) durante o ano de 1965. Vinte e nove dos 36 estabelecimentos ocupavam menos que cinco pessoas. Os sete estabelecimentos restantes ocupavam 8, 9, 11, 13, 15, 16 e 55 pessoas. A única grande indústria do município é a usina de açúcar que ocupava 192 pessoas.

É bem verdade que esses dados referentes ao número de pes

soas ocupadas pelas indústrias do município, e que corresponde ao número oficialmente registrado, não corresponde à realidade e pode ser facilmente duplicado, sem se cometer exagero algum. Mas iremos nelas nos basear, não só porque essa imprecisão se verifica também nos registros industriais dos demais municípios do Brasil, mas também pela necessidade de comparações.

Continuando essa análise. A importância dessa usina de açúcar, que ocupava mais da metade da população secundária, se acentua, se levarmos em conta o valor das vendas, também do ano de 1965, que representavam 77 % das vendas totais do município.

Se levarmos em conta apenas as 36 indústrias urbanas, constatamos que as suas seis maiores (de 11 a 55 empregados) totalizam 71% da mão-de-obra industrial e 64 % do valor das vendas.

Fica assim configurado, para o caso da estrutura dos estabelecimentos, o domínio numérico daqueles pequenos, sem expressão no tocante à mão-de-obra e ao valor das vendas. Os poucos estabelecimentos mais importantes absorvem grande parte desses dois aspectos industriais, mas cabe à usina de açúcar, dentro do âmbito municipal, um domínio maciço.

Quadro nº 38

Valor das Vendas Industriais - 1965

Indústrias Urbanas		
as seis maiores	360.355,90	
as outras 3	195.766,13	579.132,03
 Indústrias Rurais		
Usina	2.329.196,00	
outras duas	19.319,50	2.348.515,50
		<hr/>
Total		2.927.647,53

Relacionando essa estrutura dos estabelecimentos com a estrutura das empresas, nota-se o domínio de pequenas empresas que controlam um só estabelecimento, cabendo sua direção ao próprio proprietário. Empresas de capital fechado, são todas elas de origem local, o que pôde ser comprovado pelo levantamento da origem do capital.

É significativo o fato, constatado nas pesquisas diretas, que o capital sempre resultou de economias acumuladas em atividades urbanas, ou resultou de economias acumuladas no setor terciário (viagem, bar, dentista, etc.) ou então resultou de economias acumuladas no próprio setor secundário, como antigos empregados de indústrias do mesmo ramo ao qual se dedicam agora (móveis, sapatos); a continuidade das atividades paternas raríssimas vêzes ocorre.

Constatou-se ainda que esse capital quase sempre se originou junto às classes sociais humildes. A ausência de transferência de capital de origem rural relembra idéias muitas vêzes levantadas sobre a "mentalidade rural" dos empresários rurais, incapazes de se transferirem para as atividades industriais, participando diretamente de gestão industrial.

Não só o capital tem sua origem ligada às atividades urbanas, mas o próprio proprietário da indústria tem formação urbana, o que quer dizer que entre os atuais proprietários das indústrias nenhum deles se transferiu da atividade rural para a urbana. Quando muito, seu pai. Essa é a diferença, comparando o empresário industrial atual com o do início do século, quando, conforme foi visto anteriormente, a transferência da atividade rural para a urbana foi um dos fatores da atividade industrial da cidade. Compreende-se essa diferença, se recordarmos que no início do século era o próprio imigrante que se transferia de atividade.

Quanto aos ramos industriais as indústrias de Bois Corrêgos apresentavam a seguinte distribuição:

Quadro nº 39

Os Estabelecimentos Industriais por Ramo de Atividade - 1965

	Nº de Estabe- lecimentos	Nº de Em- pregados	Valor das Vendas
<u>Na Zona Urbana</u>			
Calçados	4	83	251.148,20
Artefatos de Madeira	8	37	130.588,85
Panificadoras, Doces, etc.	6	9	72.278,34
Máquinas de Beneficiamento (café - arroz)	11	13	57.836,77
Cia de Força e Luz	1	15	42.555,00
Rezidas	2	3	5.783,75
Outras (selaria, serralheria, tipografia, mata-douro)	4	7	18.875,12
Sub-Total	36	157	579.132,03
<u>Na Zona Rural</u>			
Usina de Açúcar	1	192	2.329.146,00
Fábricas de Aguardente	1	7	18.743,50
Olaria	1	1	536,00
Total	39	357	2.927.647,53

Levando-se em conta apenas as indústrias urbanas, nota-se o papel preponderante ocupado pelas fábricas de calçados e as ligadas à madeira (móveis em geral). A primeira ocupa 50 % da população secundária e 43 % do valor das vendas, enquanto que a segunda ocupa, respectivamente, 22 % e 21 %. Em conjunto ocupam, na mesma ordem, 72 % e 64 %.

No ramo de calçados, as quatro fábricas situam-se entre as mais importantes da cidade (uma delas é a mais importante) enquanto que no ramo de móveis, apesar das oito indústrias existentes a produção se concentra em apenas duas fábricas, responsáveis pela quase totalidade da mão-de-obra e do valor das vendas no ramo.

As máquinas de beneficiamento de café e arroz, as paviadoras e a Cia. de Força e Luz representam os outros três ramos industriais que ainda possuem significativa importância na atividade industrial da cidade. Os demais ramos industriais não ocupam posição de destaque.

A relação atual dos ramos industriais de Dois Córregos de mostra em grande parte uma semelhança com a situação do início do século. Algumas permanecem dependentes da produção rural que necessitam de um tratamento inicial para a sua comercialização: as máquinas de beneficiamento, enquanto que o arroz é vendido em grande parte na própria cidade, o café por sua vez é na sua maior parte vendido para os representantes de Jaú ou de Santos. As indústrias rurais (usina de açúcar, fábrica de aguardente, clara) estão totalmente vinculadas à matéria-prima de origem rural. Outras indústrias continuam ligadas a certas necessidades do consumo urbano, ou tanto refratárias à concorrência da moderna indústria: padarias, tipografia, selaria, serralheria, metalúrgica. Mesmo no caso das indústrias de refrigerantes e de vinagre salienta-se o consumo municipal. A primeira, fundada há quase 60 anos (hoje com novo dono) tem 80% de sua produção vendida na cidade e na zona rural municipal, consumida principalmente por pessoas de menor poder aquisitivo, o mesmo se verifica com a fábrica de vinagre de álcool, já bem mais recente.

As indústrias de calçados e de móveis foram as únicas da cidade que evoluíram e tendem a apresentar novas características. Indústrias já tradicionais na cidade, ligadas nas suas origens às necessidades urbana, apresentam em alguns casos aspectos de modernas indústrias; esse fato deve-se não só à capacidade empresarial de seus proprietários, mas também às características do mercado desses ramos industriais: tecnicamente e economicamente são viáveis em pequenas cidades. Quanto à tradição técnica desses dois ramos industriais, nota-se que quase todos os seus proprietários foram aprendizes em sua profissão, quer como empregados, quer como filho do antigo dono, esse caso mais raro. O fato é significativo para as indústrias ligadas à madeira que como já vimos, era ainda abundante na região no início do século, mas que agora é adquirida no Paraná; o desaparecimento regional dessa

matéria-prima não implicou no desaparecimento desse ramo industrial. As melhores indústrias desses dois ramos industriais possuem um raio de venda realmente grande, atingindo, através de seus viajantes, todas as regiões do Estado (onde se destaca a Sorocabana e a Paulista), Guanabara, Norte do Paraná, que chega, em alguns casos, a absorver 50 % da produção industrial. O consumo municipal atinge, quando muito, 20 %.

Quanto ao problema da matéria-prima, o seu comportamento varia, evidentemente, conforme o ramo industrial. Com exceção das máquinas de beneficiamento e, da fábrica de vinagre (80 % de sua matéria-prima é representada pelo álcool fornecido pela usina de açúcar) e das indústrias rurais que se abastecem de matérias-primas locais, as demais indústrias recorrem às matérias-primas externas. As indústrias de Dois Córregos, com exceção das que foram citadas, revelam um alto grau de dependência com relação a São Paulo como fornecedores de matérias-primas. Não se levando em conta as indústrias locais, que, pelas suas próprias características, estão ligadas às matérias-primas (usina de açúcar, fábrica de aguardente, olaria), as matérias-primas locais para as indústrias da cidade limitam-se ao café, arroz, álcool da usina, pneus velhos... O mesmo acontece com os centros regionais que têm pequena influência no fornecimento de matérias-primas: Jaú, com caixas de sapatos e Bauru com algodão. São Paulo se destaca acentuadamente como o grande-centro fornecedor, quer na quantidade, como na diversidade. O Paraná se destaca como único fornecedor de madeiras e compensados, o que se explica pela importância das indústrias de móveis na cidade. Os derivados do couro (vaqueta, camurça, sola, raspa) além de São Paulo, são fornecidos principalmente por Mococa e Campinas. Outras cidades do Estado se comportam como fontes de matéria-prima, mas já sem grande importância no total das compras, apresentando, contudo, localização um tanto caótica. Com relação a essas cidades, o único critério que se pode deduzir é um ligeiro destaque dos centros localizados ao longo da Paulista, hoje também servido por rodovias: Jundiaí (algodão, rótulo), Campinas (elástico vaqueta), Americana (tecido), Itirapina (sola), Rio Claro (sola). A importância de outros estados não é acentuada: Guanabara (plástico, placas de borracha, tampas), Rio Grande do Sul (essências para refrigerantes).

Essas matérias-primas são adquiridas na sua maior parte através de viajantes, o que colabora para explicar a localização um tanto caótica de centros fornecedores de matéria-prima de menor importância. Constatou-se, ainda, o domínio, já acentuado, do transporte rodoviário sobre o transporte ferroviário. Esse último, antes o responsável pela grande parte da matéria-prima transportada, hoje participa no máximo em 20 %, ficando o restante para o transporte rodoviário. Apesar de não termos conseguido um número suficiente de informações para poder comprovar a idéia, acreditamos que antes do desenvolvimento rodoviário as indústrias de Dois Córregos eram abastecidas, além da cidade de São Paulo, pelas cidades dispostas ao longo da Paulista e, até certo ponto, as matérias-primas regionais seriam mais valorizadas. O desenvolvimento dos transportes rodoviários teria colaborado para maior dispersão dos centros fornecedores.

No tocante ao problema da mão-de-obra, quanto à sua origem, ela é de maneira esmagadora, composta por pessoas que nasceram na própria cidade seguidas por aquelas que nasceram na zona rural do próprio município e, em bem menor proporção, nos municípios vizinhos como Torrinha, Brotas, Mineiros do Tietê, etc. Sua formação técnica, seu aprendizado e possível especialização são feitos na própria fábrica.

Em termos de tendência constatamos que, se no seu conjunto, a maior parte das indústrias da cidade de Dois Córregos mantém ainda fortes características das do passado, algumas poucas, no caso as seis maiores indústrias de sapatos e móveis, são as responsáveis pela maior parte da produção e mão-de-obra industrial, e se encontram desvinculadas de uma clientela local. São as que apresentam os maiores índices de aumento da produção industrial.

Referências do Capítulo IV

- (1) Philippe Pinchemel e Françoise Carrière - Le Fait Urbain en France, - pag. 247-9, Armand Colin, Paris, 1963.
- (2) Pelo Decreto-lei de 15.4.40, foi criada a zona urbana e suburbana de Dois Córregos, cujos limites não obedeceram a critérios bem definidos. De um modo geral, os limites urbanos abrangeram as partes - mais bem definidas da cidade, em termos de concentração de imóveis, e os limites suburbanos, as áreas vizinhas, muitas vezes também tipicamente urbana, porém com predomínio de uma ocupação mais rarefeita. Em 1969 elas foram revogadas, passando a existir unicamente o limite urbano, agora ampliado. Esse assunto será retomado no capítulo referente à cidade de Dois Córregos .
- (3) Dois Córregos - Coleção de Monografias, n° 139, I.B.G.E.
- (4) Dados retirados do "Cuadro Econômico - 1950" de Dois Córregos, elaborado pelo agente de estatística local.
- (5) Idem , referente ao "Cuadro Econômico - 1970".
- (6) Os dados referentes a 1968 foram obtidos junto ao I.B.G.E. da cidade de Dois Córregos e aqueles referentes a 1923 foram extraídos do jornal "A Semana" de 1.3.1923, que apresentou nesse número numa relação dos estabelecimentos comerciais e de serviços de Dois Córregos.
- (7) A Quarta Divisão da Cia. Paulista abrangia o trecho de Itirapina - até Tupã, na época o extremo da ferrovia na Alta Paulista. Hoje as quatro divisões da Cia. Paulista estão sediadas em Jundiáí, Campinas, São Carlos e Bauru.
- (8) Registro Industrial de 1965 - Ministério da Indústria e Comércio - Centro de Estudos Econômicos - Divisão de Estatística Industrial e Comercial.

CAPÍTULO V

A CIDADE DE DOIS CÓRREGOS

A) Aspectos Gerais da Cidade de Dois Córregos

1. O sítio urbano

A cidade de Dois Córregos encontra-se instalada em dois interflúvios, grosso modo paralelos, dispostos no sentido de SO. para NE., elaborados pelos afluentes da margem esquerda do Rio do Peixe, que representa o papel de eixo principal do relevo local. Esse rio nasce no reverso da "cuesta" e tem uma direção geral de SE. para NO., comportando-se - assim como um rio consequente.

O interflúvio onde se instalou antigo patrimônio religioso - que deu origem à cidade, daí o chamarmos - para facilidade de explicação - de número um, é ocupado de modo ~~mais~~ intenso pela cidade ~~nas~~ suas duas vertentes e apresenta dimensões mais modestas do que o número dois (que no caso seria o segundo interflúvio ocupado pela cidade), quer em sua largura, quer em suas altitudes, o interflúvio número dois é ocupado pela cidade apenas na baixa vertente voltada para o Córrego Lagado, ou seja, uma das vertentes externas do interflúvio número um.

O interflúvio número um é ladeado pelos Fundo e Lagado, que aproximam-se cada vez mais à medida que correm para os seus ~~desagüaçõ~~ - ros, o Rio do Peixe, onde estão separados por 240 metros; provocam assim

um afinilamento do interflúvio que, portanto, se alarga em direção de Sudoeste, atingindo a largura de 740 metros na altura da Rua Doze, próximo ao pontilhão da C.P.E.F.

O perfil longitudinal desse interflúvio (Figura nº 10), se tomarmos por base a Rua XV de Novembro - que o atravessa nas suas partes mais altas - apresenta-se inclinado em direção do Rio do Peixe, que se encontra a 635 metros de altitude; o declive se acentua próximo a esse rio: subindo-se o interflúvio, a partir do Rio do Peixe, o desnível altimétrico é de 25 metros para os primeiros 280 metros, desnível que, a seguir, só se verificará nos 640 metros seguintes.

A cidade não conseguiu ainda se estender por toda a porção - Sudoeste do interflúvio - aquela oposta ao Rio do Peixe - que continua - com altitudes superiores a 700 metros, desfazendo-se no espigão do Rio do Peixe, que o separa das cabeceiras dos rios que descem o front da "cuesta" voltada para o Tietê, que, por sua vez, limita o município na sua porção Sul.

Os rios Lageado e Fundo, assim como o Peixe, que tangencia a extremidade NE do interflúvio, apresentando-se ligeiramente encaixados, chegando a provocar o afloramento da camada basáltica no fundo de seus leitos sobre a qual repousam arenitos triássicos do grupo São Bento que constituem os interflúvios sobre os quais está a cidade de Dois Córregos. As cheias do tipo torrencial são praticamente inexistentes, mesmo em épocas de anormalidades pluviométricas.

Em seu sentido transversal (Figura nº 11), o interflúvio número um apresenta um tipo ligeiramente plano apenas no espaço compreendido pelas ruas XV de Novembro e Treze de Maio. Suas vertentes são bastante pronunciadas. Se tomarmos como base a Rua 4 de Fevereiro (popularmente conhecida como a da "Estação"), a principal artéria que corta o interflúvio transversalmente, a diferença altimétrica entre sua parte mais alta neste trecho (667 metros) e o Córrego do Lageado (654 metros) é de 13 metros para uma distância de 200 metros, enquanto que para o Córrego Fundo (647 metros) a diferença é de 20 metros, para uma distância de 300 metros. A concavidade do seu perfil longitudinal fica assim bem definida.

O segundo interflúvio ocupado pela cidade possui, como já dissemos anteriormente, maiores dimensões; suas altitudes ultrapassam os

700 metros e sua largura chega a atingir 2 quilômetros.

É ocupado pela cidade apenas na metade mais baixa da vertente direita do Lageado. Apresenta neste trecho um declive mais acentuado do que a vertente esquerda do mesmo rio, correspondente ao interflúvio número um: para um trecho de 300 metros apresenta um declive de 33 metros.

É em sua meia encosta que se estendem os trilhos da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, a 682 metros de altitude, e que atraiu a cidade em sua direção, mas cujos trilhos passaram, por sua vez, a representar um obstáculo à expansão da cidade em direção de suas partes mais altas, como veremos na expansão da área urbana.

Dentro de um quadro mais amplo, o topo do interflúvio número um, deveria representar a base de uma bacia com rede difusa, que apresentava ligeira concavidade e que tinha como eixo principal o Rio do Peixe. Essas bacias ocorrem com frequência ao longo de ambas as margens do Rio do Peixe, cujas vertentes são amplas e suaves e terminam no topo sub-horizontal de seus dois interflúvios, que apresentam níveis superiores a 700 metros.

Uma dessas bacias teriam se instalado os córregos Fundo e Lageado que, correndo em direção do Rio do Peixe, foram se entalhando no relevo, transformando o fundo dessa bacia no interflúvio número um, ainda mais rebaixado, enquanto suas vertentes a externas atingem cotas mais elevadas, até atingirem os bordos da bacia.

2. As construções urbanas

Sabe-se que as construções correspondem a um dos principais elementos da paisagem urbana, e são o resultado da ação de fatores que podem agir conjuntamente: a evolução histórica da cidade, a evolução sócio-econômica de sua população, a dimensão e conformação dos lotes urbanos, a influência da arquitetura.

Um dos aspectos marcantes das construções urbanas de Dois Córregos, excluindo-se as vilas, é a sua relativa antiquidade. Em média, possuem de 30 a 50 anos, datando assim de 1910/40, reflexo de sua importante fase de urbanização e do conseqüente maracmo econômico que adveio com a década de 30.

Necessário se torna distinguir os imóveis em três grupos básicos: os imóveis residenciais, os ligados à produção industrial e os ligados aos serviços do comércio.

Os imóveis residenciais são, evidentemente, os mais numerosos, dominando a paisagem urbana. Essas construções são, predominantemente, simples em sua origem, simples no material empregado, na área construída, no estilo arquitetônico, etc., o que reflete, além da estrutura fundiária, a estrutura socio-econômica da população da época.

Em sua grande maioria, a população era constituída por assalariados de limitado poder de compra, de hábitos humildes, com pequena formação escolar (em 1898 dos 8.985 habitantes da cidade, 7.162 eram analfabetos), e, o que é importante, sem tradição urbana, originários - que eram, em sua grande parte, da zona rural. É o caso dos imigrantes, que da zona rural se deslocaram para a cidade, onde se dedicaram a funções urbanas.

Nessa época o problema da especulação fundiária já se apresentava, ante as frentes pequenas das casas, apesar da grande profundidade dos terrenos, com presença, no fundo, de quintais plantados, dando o tradicional aspecto "verde" na parte central de cada quadra. É importante lembrar que o preço do terreno era avaliado pela metragem que possuía de "frente", fato também bastante generalizado nos dias atuais.

A ausência de numerosas construções suntuosas, da fase áurea do café, o que não ocorreu em Jaú, revela, por sua vez, a pequena classe de grandes fazendeiros, que não conseguiram constituir-se em uma sociedade relativamente numerosa. A construção desses casarões na região, foi sempre feita pelos primeiros grandes fazendeiros de café, que, no caso, eram membros de famílias brasileiras, ditas hoje de "tradicionais", e não pelos italianos. Em Dois Córregos suas propriedades eram superiores a 1.000 alqueires, superando algumas delas os 2.000 alqueires. Segundo informações recebidas, não atingiam o número de dez. Suas casas na cidade, ainda existentes, se destacam, quando muito, pelo grande espaço construído e não pela imponência da construção.

Com o decorrer do tempo, principalmente a partir da década de 1940, alguns dos antigos imóveis, principalmente os mais modestos, foram sendo substituídos por outros, mais sólidos, bastante relacionados-

com a formação de uma população de mentalidade mais definitivamente urbana. São imóveis mais influenciados pelas inovações técnicas (por exemplo, material de construção mais moderno e padronizado) e apresentam um estilo arquitetônico um tanto padronizado, agora dentro dos moldes urbanos.

Observa-se nos últimos 10 ou 15 anos um acentuado processo de reformas de prédios antigos, bem superior ao processo de construções novas. Esse fato reflete, uma alteração na estrutura social: assiste-se, atualmente, a uma tendência de definição social, em termos de pequena e média classe média, principalmente por parte das novas gerações já ligadas a uma sociedade de consumo, com todas as características peculiares, tendência que tem sido estimulada pelos novos meios de comunicação e transporte. A adaptação dos imóveis residenciais a essas novas tendências é uma decorrência natural.

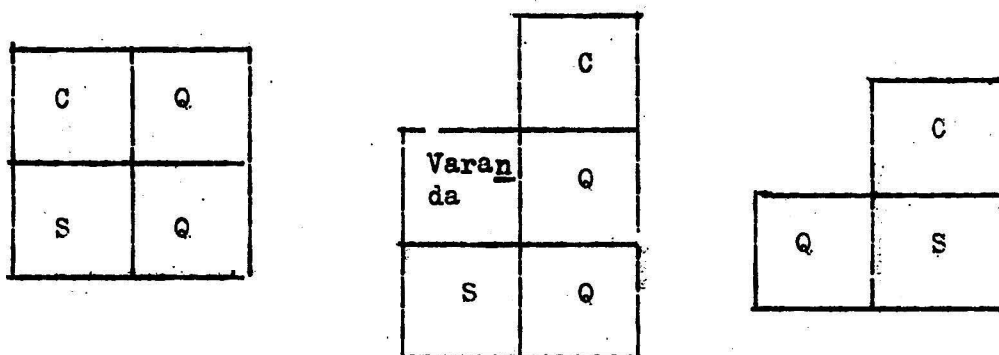
Só que a construção de novos imóveis para a classe média - tem sido limitada pelo seu alto preço, com relação ao baixo preço do terreno. Este, por sua vez, resultante da pequena valorização fundiária. Em outras palavras, a valorização do imóvel é muito pequena, não atraindo investimentos maiores em construções. Assim, a reforma do imóvel tem sido a solução preferida, pelo seu preço de custo inferior. Mas, nos dois casos, mais acentuadamente no caso das novas construções, a influência de uma arquitetura mais moderna é grande, o que tem colaborado para "atualizar" em parte o aspecto antigo da cidade. No caso da reforma de imóveis, essa influência limita-se à fachada do imóvel e em alguns materiais de construção; as tentativas de adaptar o plano da casa às exigências de um conceito de vida mais moderno existe, só que os obstáculos da rigidez do plano do imóvel são grandes. No fundo esse problema - reflete o choque entre o surgimento de uma classe social e a quase ausência de imóveis à ela adaptados.

As vilas correspondem à principal área contínua de construções recentes, datando quase todas elas, dos últimos 20 anos. Em 1965 a pesquisa de amostragem provou que 65 % das casas tinham menos de 6 anos.

O aspecto bastante modesto dos imóveis é a característica dominante. São, é verdade, em sua maioria de tijolos (85 % cf. amostragem), sendo mais raras as de madeira, pau-a-pique, e com telhas como co

bertura, mas o fôrro é ausente de tôdas elas e o piso quase sempre de tijolo e, algumas vêzes, de terra; 40 % possuem apenas quatro cômodos e 35 %, 5 cômodos. O uso da forna é generalizado, o problema da água e da luz varia conforme a localização da vila.

Tipos de planta das casas das vilas



Esse tipo de casa modesta não é encontrado unicamente nas vilas, mas também como nos trechos da parte antiga da cidade onde o preço do terreno se apresenta muito baixo, quer devido à impropriedade do relêvo ou à precariedade de serviços públicos.

Seus ocupantes são maciçamente compostos por trabalhadores rurais, de poder aquisitivo muito baixo.

A relação que tentamos apresentar nessa parte do trabalho, entre a estrutura sócio-econômica e o imóvel, não são tão simples, já que as relações de causalidade não são tão automáticas, como lembra Tri cart (1). O que traçamos foi uma linha geral de interpretação das tendências sem transformá-las em regras rígidas.

A inadaptação da estrutura sócio-econômica da população ao imóvel é sensível, o que na verdade reflete um período de transformações sócio-econômicas, como tentamos caracterizar, apesar de essas transformações não serem muito rápidas.

Exemplificando: na elaboração da planta funcional da cidade,

preferimos não fazer a clássica distinção entre residências modestas, médias e ricas pelo fato de o imóvel não refletir sempre, pelas suas aparências externas, o seu conteúdo social. É possível que uma moderna residência tenha sido construída e se configura como residência rica dentro do conjunto de Dois Córregos, mas é também possível, como ocorre realmente, que ela resultou de um empréstimo realizado por uma caixa econômica, solicitado por um assalariado urbano. De forma oposta, um modesto e velho imóvel, pelo menos em sua aparência externa pode abrigar um próspero comerciante, ou um rico fazendeiro. Outros exemplos poderiam ser citados.

A maior parte dos imóveis voltados ao comércio, construídos especialmente para esse fim, datam também das primeiras décadas do século, em função do intenso comércio da época. Caracterizam-se por suas fachadas com inúmeras portas estreitas e altas, simplicidade de estilo, ocorrendo o mesmo fato com o material de construção. Quase todos eles apresentam dualidade de funções: são imóveis mistos, com a função comercial na parte da frente e a residencial na parte dos fundos.

A adaptação do imóvel, residencial em sua origem, à função comercial e também à função de determinados serviços, é uma constante em Dois Córregos, principalmente na parte mais central da cidade. Decorre, fundamentalmente, da pequena importância econômica desses empreendimentos. É significativo notar que esse caso de adaptação corresponde, via de regra, a empreendimentos mais recentes.

Os próprios imóveis voltados à produção industrial resultam também, em grande parte, de adaptação de imóveis originariamente ligados ao comércio, serviço ou residência, sofrendo as adaptações necessárias. As causas são as mesmas da adaptação do imóvel comercial. Mesmo assim, a maior fábrica de móveis e a fábrica de urnas mortuárias, têm sofrido várias ampliações e adaptações, principalmente no caso da primeira, justificando a construção de novos imóveis, mas com características de "barracões".

Algumas máquinas de beneficiamento se destacam também pelo seu aspecto de barracão, normalmente rústico. O único estabelecimento industrial, construído com certos requisitos técnicos, é o pertencente

à maior fábrica de calçados da cidade.

Destacando-se do conjunto relativamente modesto dos imóveis da cidade, os de utilidade pública caracterizam-se por sua imponência : o Fórum, a Prefeitura, a Santa Casa, o Colégio, o Grupo Escolar, etc., o que é explicado pela origem do capital para suas construções: resultaram de capitais, normalmente externos, de vertas estaduais, por exemplo, desvinculados, portanto, das condições financeiras da cidade. Outros imóveis imponentes que se destacam na paisagem urbana, estão também ligados a determinados serviços: o prédio da Cia. Paulista, a Igreja, etc.

3. Os espaços vazios

Veremos com mais detalhes na "Evolução do Espaço Urbano" , que o plano da cidade de Dois Córregos correspondeu, desde sua origem, ao "tabuleiro de xadrez" , e que foi sendo ampliado à medida que a cidade crescia, refletindo as concepções urbanísticas da época, e, num segundo plano, o problema fundiário. A criação recente das vilas na periferia, com loteamentos arbitrários e desorganizados, quebrou a homogeneidade do plano tradicional da cidade.

Dessa forma os traçados das ruas de Dois Córregos são todos êles resultantes do processo de loteamentos; como a forma básica de loteamento foi o "tabuleiro de xadrez", suas ruas são retilíneas, cortando-se perpendicularmente. Já o traçado das ruas das vilas não apresentam uniformidade. O loteamento das vilas resultaram e foram orientados por uma exagerada especulação fundiária. Dessa forma, as rêsdes resultantes não apresentam traçados regulares e geométricos, as únicas exceções são as vilas Mira Lopes e Jardim Paulista.

As condições naturais tiveram influência quase que nulas no traçado, apesar dos vales relativamente íngremes da cidade.

Dentro do conjunto de ruas que constituem a rêsde de vias da cidade, nenhuma delas foi, em sua origem, favorecida para representar o futuro eixo importante da cidade. A gênese dessas ruas concedeu, em princípio, a tôdas elas as mesmas possibilidades futuras de importância, possuem praticamente a mesma largura, não tendo a acentuada estreiteza das ruas de algumas cidades mais antigas do Estado.

A valorização maior ou menor das ruas resultou da ação de dois elementos, muitas vezes agindo conjuntamente: o primeiro, mais importante, a posição da rua ante a circulação geral da cidade, e, o que é significativo para uma cidade pequena, sua posição ante o acesso à circulação rodoviária, o segundo é a influência do sítio urbano.

Duas foram as ruas mais favorecidas por êsses elementos: a Rua XV de Novembro e a Rua 4 de Fevereiro.

A valorização da Rua XV de Novembro explica-se não só por ser a mais alta do espigão primitivo, cortando-o longitudinalmente por quase toda a sua extensão, desempenhando o papel de "espinha dorsal" da rede de ruas, mas também por ter suas extremidades "abertas", ligadas às duas saídas para estradas de rodagem: sua extremidade Sudoeste é saída para a cidade de Jaú e sua extremidade Noroeste teve papel de importância no passado, quando era saída para a antiga estrada de Brotas, que, com a construção da rodovia estadual, aproximadamente há trinta anos, - foi transformada em caminho rural. Acrescente-se, ainda, que mesmo antes da época dos veículos motorizados, essa rua era valorizada pelas suas relações com a Praça da Matriz, o mesmo ocorrendo com a Rua Treze de Maio.

A Rua 4 de Fevereiro, conhecida popularmente como a da "estação" possui, por sua vez, uma posição estratégica, por ter sido sempre o elo importante entre o núcleo original da cidade, situado no interflúvio número um, conforme denominação anteriormente justificada, e a estação ferroviária, onde desemboca diretamente, e todo o núcleo criado ao redor dela de fácil circulação entre essas duas partes da cidade, onde a ponte construída sobre o Córrego Lageado exerceu importante papel: o obstáculo do rio foi superado pela necessidade de circulação; - algumas transversais ficaram muito tempo interrompidas por êsse córrego, enquanto que outras já dotadas de pontes, não puderam concorrer com a 4 de Fevereiro, por não possuírem a mesma posição ante a circulação geral da cidade, e por terem sido calçadas bem mais tarde. Tudo isso fez com que fôsse sempre a rua escolhida por aqueles que se dirigiam do núcleo primitivo para a estação ferroviária.

Num segundo plano encontra-se a Rua 13 de Maio, favorecida por se localizar paralela à Rua XV de Novembro, constituindo com ela o

mais importante alinhamento de quarteirões da cidade, ao longo do interflúvio. São as duas ruas que ladeiam as mais importantes praças da cidade, e aquelas que, em certo trecho, possuem o seu mais importante setor comercial.

A ação conjunta desses dois elementos agiu também como critério determinante na seleção de ruas que possuíam prioridade no calçamento urbano (e em menor escala em outros serviços públicos), à medida que o desenvolvimento dos veículos motorizados agia também como meio de pressão. As ruas que continuaram a ter leito de terra, contaram com uma menor valorização e permaneceram um tanto deslocadas do conjunto de circulação urbana.

Os recentes planos da Prefeitura, de asfaltar todas as ruas da cidade (com exceção das vilas) e de construir pontes sobre o Lageado em todas as ruas transversais que cortam o rio, abrem novas possibilidades de uma maior integração de suas várias partes.

O papel das ruas na circulação geral da cidade (onde a influência do sítio se faz sentir, como já vimos) e os imóveis por elas servidos são os dois principais elementos que caracterizam funcionalmente a organização das ruas de uma cidade (2).

Sob esse aspecto da organização das ruas, dominam em Dois Córregos as residenciais, menos utilizadas pela circulação dos veículos e servindo imóveis predominantemente residenciais. Para uma pequena cidade como Dois Córregos, onde a segregação social, em termos espaciais, não se definiu, quase todas as ruas residenciais se assemelham, já que a estrutura social dos ocupantes dos imóveis se assemelham bastante: não encontramos ruas com as características daquelas de um bairro rico, e assim por diante. Novamente, exceções devem ser feitas para o caso das vilas, e para algumas ruas localizadas nos extremos do perímetro urbano ante a precariedade dos serviços públicos.

Um segundo tipo de ruas que podemos destacar, são as comerciais, que estão bastante relacionadas com as mais valorizadas pela circulação geral da cidade. Nelas os imóveis comerciais dominantes, não se estendem por todo o seu trajeto, mas limitam-se apenas a determinados trechos, como veremos na parte sobre a estrutura urbana. O maior número de veículos estacionados é um critério para caracterizá-las.

As praças ocupam posição específica na cidade de Dois Córregos. Desde o século passado, não nos foi possível determinar a época - com precisão, a Prefeitura reservou quatro quarteirões do primitivo patrimônio, localizados entre as ruas XV de novembro e 13 de Maio, para uso público, daí a forma quadrangular delas. Essa escolha deve ter resultado não só do fato de essas duas ruas serem, na época, as mais importantes da cidade, mas também, por se prolongarem pelo espigão no sentido longitudinal aos vales, e serem as mais altas e planas do interflúvio. O apossamento por parte da Prefeitura dos quarteirões que se encontravam dentro da área do antigo patrimônio, trouxe, no início do século atual, problemas jurídicos. Em uma publicação datada do ano de 1911 e mandada imprimir pelo Vigário e Fabriqueiro da Paróquia de Dois Córregos, ele requeria o pagamento do fôro por parte da Prefeitura, pelo apossamento que realizou das praças que pertenciam ao patrimônio da Igreja (3).

Duas dessas praças são contínuas e servem, uma como o jardim público, e outra como a "praça da matriz". A primeira possui as características de uma praça de "passeio", típica das cidades paulistas, pelo seu traçado interno, pelas residências razoáveis que a contornam. A segunda é dominada pela Igreja Matriz, contornada por grandes e discretos canteiros, que não possuem os arabescos da primeira. São praças cuja paisagem reflete muito bem as funções que possuem.

Após três quarteirões, em direção Sudoeste, uma terceira praça abriga o prédio da Prefeitura e do Fórum. Essa importante função político-administrativa da praça agiu como importante elemento motor para os melhoramentos recentes e para seu traçado interno, onde os espaços vazios mais amplos se destacam. Uma quadra após, seguindo-se na mesma direção, encontra-se a praça onde há muitos anos se localiza a Delegacia de Polícia e a cadeia. Seu aspecto interno é muito precário, e as casas que a contornam, mais humildes. Recentemente foi instalada nessa praça a unidade bivalente do Estado.

A única praça que foge à origem que acabamos de ver, é a da "estação": teve praticamente, uma evolução espontânea, o que explica seu traçado irregular. Sempre se comportou como um espaço vazio, não muito bem cuidado, diante da estação ferroviária. Recentes melhoramentos

públicos, definiram seu contorno irregular, integrando-a melhor na paisagem urbana. A presença de um hotel e alguns bares lembra, nas devidas proporções, as "praças de estação".

Além das ruas e praças, que correspondem a espaços livres públicos, podemos destacar ainda, numa cidade, os espaços livres particulares, tais como jardins, pátios, quintais, etc.

Nesse sentido um dos que mais se destacam na paisagem urbana, é a faixa de terra, com largura variada, que acompanha o Rio Lageado. Representa quase sempre quintais, laterais ou de fundo, de residências próximas do rio, cujo aproveitamento é dificultado pela inclinação acentuada das vertentes e pelo encaixamento do rio. É ocupada principalmente por pequenas roças e hortas de fundo de quintal, algumas também para fins comerciais. O mesmo ocorre com o Córrego Fundo, no limite Norte da cidade.

Os jardins fronteiros às casas, na verdade parte integrante dos imóveis a que pertencem, são raros em Dois Córregos. A regra geral é a construção do imóvel estender-se até o limite do terreno com o passeio público, fato que também exerce influência marcante na paisagem urbana.

Por fim, como já nos referimos anteriormente, o "miolo verde" no centro de cada quarteirão, consequência direta da grande profundidade dos terrenos, onde o espaço construído se limita à porção volta da para a rua: os fundos são ocupados por vastos quintais, comumente arborizados, que se justapõem. Eles apenas desaparecem nos quarteirões do "centro" da cidade, onde foram recentemente substituídos, devido à valorização do terreno, por ampliações dos imóveis já existentes.

B) A Ocupação do Espaço Urbano e Sua Evolução

1. As etapas da ocupação do espaço urbano

Vimos nos Capítulos I e III que a origem da cidade de Dois Córregos está ligada à criação de um patrimônio religioso, em 1856.

A área original da cidade, que correspondeu a esse patrimônio religioso, localizado num interflúvio, era delimitado pelos Córregos Fundo e Lageado, e seu desaguadouro, o Rio do Peixe. A Oeste o limi

te correspondia à uma linha transversal aos dois córregos, na altura da atual Rua Onze (Figura n° 9).

As primeiras casas construídas localizavam-se na vertente do Rio do Peixe, não só pela água mais abundante, mas também por ser a saída da primitiva estrada que ligava Dois Córregos a Brotas, o que quer dizer, a estrada que, na época, a ligava com a porção Leste do Estado. O local ficou conhecido na região como a "pousada dos dois córregos", sítio que servia de descanso para os que demandavam os sertões do MO, de São Paulo, a caminho de Mato Grosso (4).

Sobre a área desse patrimônio foi traçado um plano em forma de "tabuleiro de xadrez", típico dos patrimônios religiosos criados nessa época.

O loteamento desse patrimônio deu origem à parte mais importante da cidade, onde se encontram o centro, a Praça da Matriz, os centros de recreação, quase todos os órgãos administrativos e públicos, etc. Para uma pequena cidade, 20 alqueires representam uma área significativa. Assim sua ocupação irá se processar aos poucos, conforme a evolução histórica da cidade, variando também a intensidade da ocupação dentro dessa própria área.

Apesar da ausência de dados estatísticos para a cidade de Dois Córregos, durante essa época, podemos afirmar que sua população era muito pequena e crescia lentamente, até fins do século passado. Calculamos em mais ou menos 300 pessoas sua população em 1872 (como já vimos no Capítulo III).

Até então a pequena população se distribuía de modo bastante rarefeito, para o que colaborou o loteamento dos quarteirões em "datas" (5). Eram construções toscas. Além das casas de tijolos, eram bastante comuns as casas de madeira, de palha (a atual Rua Prudente de Moraes era conhecida no século passado como Rua da Palha), de barro, etc.

Essas construções limitavam-se à área do primitivo patrimônio e pertenciam à foreiros que, aos poucos, foram aqui se fixando. As "datas" do patrimônio foram sendo aos poucos apossadas por pessoas que aqui chegavam, o que era feito com a devida autorização da Igreja, que condicionava o uso do solo urbano ao pagamento do fôro.

A ocupação do solo do patrimônio não tinha ainda assumido característica nitidamente urbanas. Era comum a existência de pequenas chácaras que ocupavam mais de uma "data" conforme demonstra um quadro a óleo exposto na Prefeitura. Vários lavradores já moravam no patrimônio.

Em 1878 as atividades dos cidadãos votantes da vila eram as seguintes (6):

negociantes	26	oficial de justiça	1
artistas	18	farmacêutico	1
lavradores	15	professor	1
capitalistas	2	empregado público	1

Aos poucos a tendência dos foreiros que se fixavam no patrimônio religioso, foi a de morar ao longo das ruas XV de Novembro e 13 de Maio, principalmente na primeira, subindo lentamente o espigão, principalmente em direção a suas partes mais altas e planas, quando então o sítio da Matriz exerceu significativa atração (Figura n° 12).

A primeira vez que a cidade se expandiu para além dos limites do primitivo patrimônio foi a partir de 1886. Com a chegada, nesse ano, dos trilhos da ferrovia, que passou pelo interflúvio vizinho, o número dois, à meia altura da vertente direita do Córrego Lageado (682 m), onde foi construída a estação. Outro fato importante localizado nessa vertente e que colaborou para a expansão da cidade nessa direção, foi o antigo cemitério da cidade, que aqui permaneceu até os primeiros anos do século atual.

A estação conseguiu atrair a expansão da cidade em sua direção, criando nas áreas vizinhas um núcleo urbano, o que foi estimulado pela importante função ferroviária de Dois Córregos, como já vimos anteriormente, que provocou também a construção nessa parte da cidade das "colônias" para os funcionários da Cia. Paulista.

O acesso à vertente direita do Lageado dar-se-á basicamente pela atual Rua 4 de Fevereiro, por ser a transversal que, prolongando-se a partir do interflúvio número um em direção do interflúvio vizinho, desemboca diretamente na estação.

Essa expansão da cidade obedeceu ao plano já traçado no patrimônio religioso, o loteamento caracterizou-se pelo prolongamento das transversais (cuja circulação era algumas vezes interrompidas no Córrego Lageado) e pela construção de ruas paralelas às anteriores do interflúvio número um. Em outras palavras, o plano em forma de "tabuleiro de xadrez" foi ampliado.

Essa etapa da expansão do espaço urbano já era decorrência do desenvolvimento da cultura cafeeira, que deve ter-se iniciado no município durante a década de 1880, justificando a chegada dos trilhos da ferrovia em 1886. Tendo o café representado papel fundamental no povoamento da região e na urbanização da cidade, é evidente que a dinamização das construções urbanas está intimamente a ele ligada.

A população da cidade começou a aumentar lentamente nas duas

últimas décadas do século passado, acelerando-se nas primeiras décadas do século atual.

Os 300 habitantes avaliados para 1872, teriam aumentado, admitindo-se ainda uma população urbana pouco superior a 10 %, em 1890, para pouco mais de 500 habitantes (a população do município era nesse ano de 4.154 habitantes) atingindo 8 anos mais tarde (1898) 1.229 habitantes. Em 1912, para uma população municipal de 15.914 habitantes, a população da cidade já devia ter superado a casa dos 2.500.

Até, aproximadamente, 1910, o espaço urbano correspondia à grande parte ao antigo patrimônio e seu prolongamento em direção à estação ferroviária, mas sua ocupação não se verificava com a mesma intensidade em toda sua extensão. O espaço urbano mais ocupado correspondia:

- às quatro ruas do interflúvio número um, paralelas aos dois córregos: ruas XV de Novembro, 13 de Maio, Tiradentes e Prudente de Moraes;

- às duas ruas da vertente do interflúvio da estação ferroviária, também paralelas às quatro anteriores: ruas Altino Arantes e Jorge Tibiriçá;

- à Rua 4 de Fevereiro, a transversal que representou o papel de espinha dorsal na comunicação entre os dois interflúvios;

- as demais transversais são pouco habitadas, com exceção das partes situadas no interflúvio número um, junto à atual parte mais central da cidade: ruas 24 de Outubro, Fernando Costa, Pe. Domingos Ciudad.

Esses dados são comprovados pelos dados extraídos do "Livro de Registro de Imóveis" na época entre 1892 e 1911, que demonstram um predomínio de transações de imóveis nessas ruas. Durante esses 19 anos, o número de transações comerciais de imóveis, por rua foi o seguinte:

- Rua XV de Novembro	95
- Rua 13 de Maio	56
- Rua Tiradentes	43
- Rua Prudente de Moraes	38
- Rua 4 de Fevereiro	30
- Rua 24 de Outubro	16
- Rua Fernando Costa	16

- Rua Pe. Domingos Ciudad	10
- Rua Altino Arantes	15
- Rua Jorge Tibiriçá	10

Os pontos extremos do patrimônio, no sentido Noroeste-Sudoeste, possuíam pouquíssimas construções.

Convém lembrar que, em 1911, conforme planta encontrada em publicação da Paróquia de Dois Córregos (7) a área do patrimônio abrangia cerca de 80% da cidade; os 20% restantes correspondiam, principalmente, à parte que se expandiu em direção à estação ferroviária (Figura n° 9).

A população da cidade continuou a aumentar depois de 1910, em ritmo relativamente acelerado até a década de 1930, fase áurea da produção cafeeira do município, atingindo 4.660 habitantes em 1934 e 5.591 em 1940.

Durante esse espaço de tempo, o aumento da população se traduziu mais na ocupação intensiva do espaço já ocupado, do que em conquista de novas áreas. Quanto ao primeiro caso, as "datas" de terra vão deixando de ser usadas como unidade de terreno urbano, e sua fragmentação em lotes menores é progressiva e as transversais são cada vez mais ocupadas.

Quanto à conquista de novas áreas, de 1910 a 1930 a expansão da cidade se verificou nas seguintes áreas: - ao longo do interflúvio número um, em direção SO, pelo prolongamento das quatro transversais; - a Rua Cel. Simões, paralela e a mais próxima do Córrego Fundo, foi aberta. A década de 1930 assiste à ampliação de pequenas áreas periféricas: os dois quarteirões à esquerda da Rua Joaquim Pereira; - o povoamento do interflúvio número um, em direção ao Oeste, atinge os trilhos da Cia. Paulista; - nessa última parte da cidade, os espaços vazios localizados mais para o Norte são ocupados principalmente por dois campos de futebol.

Durante a década de 1940, a cidade praticamente não se expande; a população da cidade diminui de 5.591 habitantes, em 1940, para, 5.454, em 1950, refletindo as novas relações de Dois Córregos com sua região, conforme já analisamos anteriormente.

Até essa fase, a expansão da cidade se traduziu no espaço

pela contínua ampliação do plano em forma de "tabuleiro de xadrez". Essa solução urbanística superou sempre outros elementos que poderiam influenciar no plano de uma cidade.

É a partir da década de 1950 que haverá uma retomada no crescimento da população urbana, refletida na criação progressiva das vilas, demonstrando a nova fase de crescimento da cidade, agora em função do acentuado ~~trabalho~~ rural. A relação das vilas que segue, dá uma perfeita idéia da época em que surgiram:

Quadro n° 40

Época dos loteamentos das vilas

- 1951 Vila São Sebastião	100 lotes
- 1952 Vila Bandeirantes	-
- 1952 Vila Santo Antônio	95 "
- 1952 Vila Mira Lopes	92
- 1953 Vila Carvalho	-
- 1953 Vila Nova	-
- 1955 Vila Viotto	11 "
- 1956 Vila Santa Tereza	67 "
- 1959 Vila Ferreira	47 "
- 1959 Vila São Pedro	-
- - Vila São Paulo	83 "
- 1964 Vila Jardim Paulista	491 "

Praticamente todas essas vilas resultaram do loteamento de chácaras e pastos localizados na periferia da cidade.

Sua proliferação está ligada, além dos fatores genéticos - que já estudamos, à um tipo de especulação econômica. Quando a imobiliária Botucatuense adquiriu, em 1951, um alqueire de terras para lotear, dando origem à Vila Bandeirantes, despertou o interesse local para tal

tipo de negócio, resultando disso um número de loteamento realizado pelos proprietários das vilas periféricas, que até hoje supera as reais necessidades de residência, o que é comprovado pelos inúmeros lotes desocupados de algumas vilas, que se constituem em amplos espaços vazios.

Com raríssimas exceções, êsses loteamentos foram muito mal feitos, sem se levar em conta um crescimento mais orgânico e funcional da cidade. As aberrações referentes à desconexão entre as vilas e o núcleo - mais antigo da cidade - são inúmeros, do que resultaram sérios problemas urbanísticos.

Acreditamos que as chácaras foram loteadas como se estivessem na zona rural, como algumas realmente estavam (parte delas estavam localizadas na zona suburbana e parte bastante pequena dentro do perímetro urbano), não se tendo verificado um controle mais rígido por parte da Prefeitura, o que possibilitou em muitos casos, uma desenfreada especulação imobiliária.

Essas vilas quebraram o tradicional esquema de "tabuleiro de xadrez", dando um aspecto bastante caótico e desorganizado à periferia.

2. Fatores e obstáculos na orientação da expansão do espaço urbano

Adotando como ponto de partida a área do antigo patrimônio, - podemos destacar vários fatores que tiveram influência na orientação do crescimento do espaço urbano, quer facilitando essa expansão, quer criando para ela obstáculos bastante fortes.

Vimos que a chegada da ferrovia em Dois Córregos atraiu a cidade para a direção da Estação, rompendo com o obstáculo do Córrego Lageado. Se a estação e os núcleos de "colônias" da Cia. Paulista exerceram êsse papel positivo, o leito ferroviário, que contorna as partes SE-Sul e SO da cidade, agiu, por sua vez, como um obstáculo à expansão urbana. Na sua parte localizada na vertente do interflúvio número dois, a influência foi mais acentuada pois praticamente ela representou o papel do limite Sudoeste da cidade. Em apenas dois trechos ela pode ser ultrapassada: através de uma cancela, que representa a saída para a rodovia estadual em direção a Torrinha, o que possibilitou um pequeno alinhamento de casas - à sua margem direita, e, através de uma passagem de nível, caminho para um

núcleo colonial da Cia. Paulista, praticamente o único grupo de imóveis construídos a SE da linha ferroviária. Só recentemente, com o loteamento de uma vasta área situada também ao sul da ferrovia, que deu origem à Vila Jardim Paulista (1964), vemos uma tendência do povoamento aumentar nessa parte da cidade.

Nos limites Sudoeste da cidade, o obstáculo representado pelos trilhos da ferrovia, agora cortando obliquamente o interflúvio-número um, não conseguiu impedir o grande número de loteamentos realizados após a ferrovia, transformando essa parte da cidade naquela que possui o maior número de vilas. Isso se deve, em primeiro lugar, à facilidade oferecida pelo relevo para a continuidade da ocupação do sítio urbano, que aqui se apresenta ligeiramente plano, representando o prolongamento na direção do Sudoeste, do topo do interflúvio inicial da cidade. Em segundo lugar, o leito ferroviário encontra-se na parte inferior de uma passagem de nível, permitindo uma livre circulação, ao nível da Rua XV de Novembro, em direção da estrada estadual. É a passagem obrigatória entre a cidade e as vilas situadas após a ferrovia e ainda com a saída para Jaú.

Os loteamentos se comportam como um segundo fator. Eles exercem um papel muito grande na orientação da expansão no espaço urbano, em virtude do loteamento, ou não, de determinados sítios e chácaras, ou parte deles, da periferia da cidade. A localização das vilas é explicada por esse fato. Por questões de ordem puramente pessoal, alguns sítios lotearam suas propriedades, determinando, assim, a orientação da expansão do sítio urbano. Da mesma forma, outros sítios periféricos até hoje não foram loteados, o que representa um obstáculo à expansão urbana. É o caso de um sítio situado entre o Córrego Lageado e a ferrovia, a Sudoeste da cidade, que se comporta como um prolongamento da zona rural "para dentro" da cidade. Praticamente é o que ocorre em quase toda a sua periferia.

A ação da Prefeitura para determinar a orientação mais racional na expansão do espaço urbano, realizando para tanto desapropriações, é fato praticamente inexistente em Dois Córregos, até os dias atuais. Em grande parte isso se deve ao problema financeiro causado pelas desapropriações.

Relacionados com os loteamentos, certos elementos naturais, especialmente os rios e o relêvo, tiveram papel de destaque. No primeiro caso, o Córrego Fundo, ao noroeste, e o Rio do Peixe, à nordeste, representam os limites naturais da cidade. No momento em que o rio ou a zona ribeirinha representam um obstáculo natural à expansão da cidade, esse fato age como elemento de desvalorização do terreno para loteamento urbano, podendo então ser utilizado como limite das propriedades rurais.

O Córrego Lageado, por sua vez, representou sempre um obstáculo à circulação entre os interflúvios da cidade. Só que, localizado entre as duas partes principais da cidade, sempre existiu a preocupação de superar esse obstáculo que interrompia o trajeto de várias ruas, justificando a construção de algumas pontes, no geral simples. Só recentemente, nos últimos dez anos, com a construção de modernas pontes em todas as ruas que o atravessam, e o calçamento das mesmas, esses obstáculos desapareceram.

Quanto ao papel do relêvo, o topo relativamente plano do esplanado inicial agiu como orientador na evolução da ocupação do sítio urbano, no seu sentido longitudinal, papel oposto representando os trechos dos vales, principalmente na baixa vertente do Lageado e do Fundo, onde a maior inclinação sempre agiu como elemento de repulsão à instalação dos imóveis.

Por fim, as saídas para as estradas municipais e estaduais. Entre elas, a saída para a rodovia em direção a Jaú foi a que exerceu maior atração, como já vimos na parte referente ao papel das ferrovias, devido ao relêvo e à passagem de nível. Mas o papel, em si, de saída para uma rodovia não pode ser menosprezado na evolução do espaço urbano, pelas facilidades que a localização às margens da estrada oferece a uma população pobre. Essa saída para Jaú representa, basicamente, a espinha dorsal de circulação para as inúmeras vilas que foram criadas na parte sudoeste da cidade. É o eixo através do qual a população dessas vilas se comunica com a parte da cidade propriamente dita.

Já a saída para a rodovia em direção a Torrinha não teve essa força de atração, pela ação conjunta de alguns fatores. Para atingir a rodovia, é necessário também vencer o obstáculo dos trilhos da ferro-

via, mas, diferente do que ocorre com a saída para Jaú, onde o leito ferroviário se encontra na parte inferior de uma passagem de nível, na saída para Torrinha o cruzamento da ferrovia é feito ao nível do leito ferroviário, exigindo a presença de uma cancela, representando um sério obstáculo à livre circulação da população. Além do mais, o desnível acentuado do relevo, no sentido transversal à estrada logo, à sua saída de Dois Córregos, devido ao corte realizado para o rebaixamento do leito da rodovia, explica a existência de barrancos que agem como obstáculos para a instalação de imóveis.

Das saídas para as estradas municipais, apenas duas exerceram papel de atração para a expansão do espaço urbano, porém nunca isoladamente. A primeira é a saída para Guarapuã, que, aos poucos, assume aspecto de uma rua nas partes próximas à cidade. Essa expansão, espontânea foi estimulada com a construção da usina de açúcar CAISA, a 6 quilômetros de distância, que se liga à cidade por essa estrada. A construção do cemitério (há mais ou menos 60 anos) e da Santa Casa de Misericórdia (há mais ou menos 20 anos) ao lado dessa saída, tiveram principalmente a primeira, influência bem menor. É a única rua da cidade cuja origem corresponde a um antigo caminho rural. A segunda é a saída para a antiga estrada de Brotas, após o Rio do Peixe. Logo em seu início foi realizado um loteamento que deu origem à Vila Santa Tereza, a única nessa parte da cidade. O loteamento, é certo, foi a causa imediata da origem dessa vila, mas a sua localização está altamente dependente de uma via de acesso à cidade, no caso representado por essa estrada municipal.

Como conclusão da ação conjunta dos fatores que orientaram a ocupação do espaço urbano, podemos afirmar que os limites da área construída em Dois Córregos se apresentam relativamente bem determinados, o que normalmente não ocorre em cidades maiores. Não se verifica em Dois Córregos uma lenta rarefação entre o espaço urbano, intensamente ocupado, e o espaço tipicamente rural. Para uma pequena cidade, os fatores que orientam a evolução do espaço urbano, exercem uma influência mais nítida, em termos de delimitação.

Quando muito, apenas certas vilas, cuja intensidade de ocupação não é grande, podem apresentar alguns aspectos de transição en-

tre o espaço tipicamente urbano e o rural, seria o caso da vilas si tuadas a Sudoeste da cidade, e mais ainda a Vila Jardim Paulista. nas partes periféricas da cidade, onde elas não existem, o limite do espaço urbano construído termina de modo quase que brusco, em função dos limites das propriedades rurais contíguas.

C) A Estrutura Urbana

1. Aspectos gerais

É difícil traçarmos no espaço urbano de Dois Córregos seto res menores que possuam uma unidade característica de um "bairro" no sentido geográfico do termo. Os elementos funcionais, sociais e morfológico que o caracterizam (o), não se apresentam, generalizando, de mo do muito diferenciado.

Sua estrutura urbana não apresenta a complexidade dos gran des centros urbanos: é simples, como sói acontecer nas pequenas cida des.

Pelo mapeamento das formas de ocupação do solo urbano, po demos afirmar que, do ponto de vista funcional, suas áreas não são bem demarcadas. Com exceção das áreas ocupadas por imóveis residenciais, - dominantes por toda a cidade, apenas o "centro" se define espacialmen te, com significativa concentração de imóveis voltados ao setor terciá rio e também, em menor escala, ao setor secundário. Empregamos a ex pressão "centro" aplicada ao nível de uma pequena cidade, que não apre senta a grandeza e a complexidade de um centro importante (Figura n° 13).

Com exclusão do centro, em parte alguma da cidade as ativi dades terciárias encontram-se concentradas espacialmente, constatando se, assim, a inexistência dos "sub-centros", outra característica da estrutura urbana de uma pequena cidade. A pequena distância dos bair ros ao centro facilitando o deslocamento da população entre êsses dois pontos, inclusive a pé, a pequena importância numérica e qualitativa - da população consumidora dos bairros são algumas das razões que expli cam em Dois Córregos a ausência da concentração nêles de imóveis com

função comercial. Caso particular notamos, nesse sentido, no Bairro da Paulista, que será estudado mais adiante.

A descontinua atividade comercial praticada nos bairros da cidade se caracteriza por sua pequena importância econômica e por seu aspecto complementar: bares, um simples bazar ou mercearia, etc.

Os imóveis voltados aos serviços, também concentrados no centro, em alguns aspectos diferenciam-se da localização dos imóveis comerciais, distribuindo-se de modo mais frequente em outras partes da cidade.

A valorização e diversificação mais recente dos serviços é um importante aspecto para entender sua localização fora da área compreendida pelo centro propriamente dito. Além disso, o centro de uma pequena cidade não é suficientemente grande para incluir dentro de seus limites determinados tipos de serviços que possam caracterizar o centro de uma cidade mais importante.

Assim encontramos com certa frequência nos arredores próximos ao centro, imóveis, via de regra mais recentes, voltados a serviços de utilização pública: Prefeitura, Fórum, Cia. Telefônica, os colégios-estadual e comercial, o Grupo Primário, a Delegacia de Polícia, o Posto de Saúde, etc. Além desses, outros se localizam nessas áreas porque alguns serviços são praticados em imóveis mistos, juntamente com a função residencial de seu empreendedor: advogados, médicos, cabeleireiros, dentistas, alfaiates, etc.

Outras atividades de serviços localizam-se em áreas distantes, periféricas ou quase periféricas, que ocorre em outras cidades iguais a Dois Córregos, por razões semelhantes: a estação ferroviária, em virtude da própria ferrovia; o cemitério, campos de futebol, a Santa Casa, clube de esporte, asilo, etc., por serem atividades que erigem áreas mais amplas e de baixo valor fundiário, o que não ocorre na área central.

A função industrial, diferente do que ocorre com a terciária, e mais especificamente do que a função comercial, encontra-se bastante rarefeita por toda a cidade, inclusive no próprio centro, com suas oficinas e indústrias.

Sabemos, e já vimos na parte referente à função industrial,

da pequena importância, em termos de dados globais, dessa atividade em Dois Córregos, onde se encontra poucas e pequenas indústrias. Entre as causas mais imediatas da rarefação da atividade industrial podemos destacar:

- sua relação com a residência de seu empresário industrial, isto é, o interesse do proprietário da indústria em localizá-la próximo à sua residência ou, quando não, na própria residência,

- a existência de um imóvel disponível, na fase da instalação da indústria, com características próprias para determinada atividade industrial, ou então, de um imóvel passível de ser adaptado a esse ramo industrial;

- o valor do aluguel do imóvel, que torne esse novo empreendimento viável economicamente, o que limita sua localização na área central, pelo valor mais alto do aluguel e também por não estar sempre condicionado à um consumo urbano;

- a existência de determinados serviços públicos, como calçamento, água, luz, etc. apesar de sua pequena significação para várias indústrias.

Essas razões explicam a localização das indústrias sempre em áreas bem ocupadas da cidade, já que ela é ausente nas vilas, onde também é ausente o empresário industrial.

Notamos, assim, também pelas próprias características da atividade industrial de Dois Córregos (vide Função Industrial), que as indústrias não conseguem se concentrar em determinadas áreas pela ação convergente de certos fatores, como circulação, mão-de-obra, valor fundiário, sítio urbano, etc. Portanto, as consequências que as atividades industriais provocam no espaço nunca se apresentam com nitidez. Poucos imóveis existem que refletem a presença de uma atividade industrial, mas a sua grande dispersão pela cidade torna-se quase que imperceptíveis na paisagem, para o que colabora, muitas vezes, a adaptação do imóvel à função industrial.

O problema da adaptação do imóvel à determinada função diferente para a que foi construído, é um fato em comum tanto para as funções secundárias como para as terciárias, principalmente de imóveis residenciais para indústria e serviço; com menor frequência verificam-se

outros tipos de adaptação: de comércio para indústria, de comércio para serviço, e assim por diante.

Esse fato está bastante ligado à pequena duração dos empreendimentos comercial e industrial, como já vimos anteriormente, e da pequena importância econômica dessas iniciativas. Não é difícil encontrar nos imóveis que já atrigou mais de uma ou duas funções. Esse fato mascara muitas vezes as formas de ocupação do solo em Dois Córregos, com exceção do centro da cidade. Serviços e comércio existem, e inclusive determinadas indústrias, cuja presença na paisagem urbana pode passar despercebida por essa razão.

A ocupação do solo urbano pela função residencial, dominante por toda a cidade, não se define, por sua vez, do ponto de vista social. Além das vilas, a exceção é feita para partes da cidade onde o preço do terreno se apresenta com baixo valor, é o caso de ruas periféricas do núcleo mais antigo da cidade (como as ruas Capitão J.J. dos Santos e Coronel Simões) devido à precariedade de melhoramentos públicos (não calçamento, por exemplo) e também de áreas onde o relevo impróprio à construção do imóvel (como o fundo do Vale do Lageado). Nessas áreas a população pobre se define muito bem do ponto de vista espacial, o que pode ser facilmente percebido pelos imóveis extremamente simples dessas áreas, alguns antigos.

Nas demais partes da cidade, em linhas gerais, podemos encontrar população de todos os níveis econômicos, quase sempre com o domínio da população pobre, o que propicia um maior espírito democrático. Mas, no fundo, a não segregação espacial das residências ricas reflete a pequena importância numérica dessa classe social, o que a torna incapaz de se isolar; o mesmo problema ocorre "mutatis mutandis", com a classe média, cuja definição social é recente.

Podemos distinguir, nem sempre com muita nitidez, apenas uma parte da cidade onde residem pessoas com poder aquisitivo mais alto: é aquela que contorna o "centro" e a praça da Matriz e do jardim público; essa população não apresenta, contudo, uma unidade social, pois pode abranger desde um comerciário até um rico fazendeiro. Ainda mais, nessa área intercalam-se residências humildes. A seleção social dessa parte da cidade está ligada ao preço do terreno mais elevado da cidade e,

consequentemente, ao valor do aluguel. É a única parte da cidade onde encontramos uma porcentagem relativamente alta de imóveis residenciais de boa construção. Há nela uma tendência de expurgar a população de nível econômico mais baixo, pelas razões acima expostas. Mas o pequeno ritmo de transformações internas na cidade torna esse processo excessivamente lento.

Como consequência dessa não-segregação social, e também funcional, muito nítida, tomando a cidade como um todo e excluindo as áreas acima referidas, decorre uma morfologia de imóveis um tanto uniforme por toda a cidade, onde os imóveis de vários aspectos, refletindo as diferentes posições sócio-econômicas de seus ocupantes e as diferentes épocas de construção, se intercalam continuamente.

Também se coloca para os imóveis residenciais o problema de sua adaptação a um conteúdo social diferente (já visto na parte referente aos espaços construídos). A alteração ocorrida em seu conteúdo social não é acompanhada automaticamente por modificações na sua morfologia, devido a sua maior permanência, o que torna o critério de classificação social, tendo por base o aspecto externo do imóvel, bastante relativo.

Pelo que acabamos de ver, poderíamos destacar a estrutura urbana de Dois Córregos quatro áreas aparentemente concêntricas, é verdade, nem sempre muito nítidas:

- a área central,
- a área periférica ao centro, bastante valorizada, e com importante atividade de serviços,
- a área residencial, bastante uniformizada em sua morfologia, com predomínio da classe média para baixo, sendo a mais humilde do minante, em suas bordas, onde os melhoramentos públicos são precários, ruas com população predominantemente pobre,
- as vilas, formando o último círculo concêntrico, com população predominantemente rural.

Essa caracterização, longe de compará-la à teoria do "Zoning", foi feita com o objetivo de dar uma visão de conjunto à cidade, sem preocupações de transformá-la em regras rígidas.

Dentro dessa estrutura urbana vamos a seguir, estudar apenas

aquelas partes que conseguem individualizar-se pelas características em comum que possuem: o centro, o bairro da Paulista e as vilas.

2. O "Centro"

Apesar de uma pequena população urbana, Dois Córregos possui um centro bem definido, que basicamente corresponde às ruas XV de Novembro e 13 de Maio, nos trechos compreendidos entre as ruas 4 de Fevereiro e Fernando Costa, com ligeiros prolongamentos conforme pode ser notado na planta correspondente (Figura n° 13 e 14).

Nessa área destaca-se de modo acentuado, a Rua XV de Novembro, a principal artéria da cidade, seguida pela 13 de Maio e, posteriormente, pelas transversais.

Essa localização do centro data da fase de urbanização da cidade. Essas duas ruas foram valorizadas pela influência do relevo e por seus papéis na circulação geral da cidade (vide "espaços vazios") e nelas o centro comercial se localizou nas partes próximas à Igreja teoricamente o centro da vida do primitivo patrimônio religioso. A importante posição estratégica da Rua XV de Novembro desempenhou importante papel para a instalação da função comercial e de serviços nos imóveis que a ladeiam.

Essa área tem se comportado como o centro da cidade de Dois Córregos desde sua fase de urbanização, como antiga "cidade do café", o que pode ser comprovado pelos imóveis bastante antigos que a constituem.

Possui a maior densidade de imóveis da cidade, que se apresentam em sua maior parte geminados.

Seus imóveis, principalmente nas duas principais artérias, foram construídos especificamente para a função comercial: suas fachadas são constituídas de altas portas de ferro ou de madeira, que caracterizam os estabelecimentos comerciais antigos, onde a janela é ausente. Os imóveis, voltados exclusivamente para fins residenciais, são raros.

Em quase todos esses antigos imóveis comerciais, a justaposição, no fundo, de uma residência, é uma constante. Essa associação funcional dos imóveis (residência e comércio, residência e serviço, residência e indústria) está ligada à origem da construção e permanece até hoje;

refletiu, e reflete ainda, a pequena concentração de capitais que impediu a verificação da dissociação funcional, em outras palavras, que o imóvel misto evoluísse para imóvel especializado.

Constata-se atualmente que alguns desses imóveis, construídos inicialmente para fins comerciais e residenciais, são hoje ocupados por atividades ligadas aos serviços, o que reflete uma valorização mais acentuada desse setor, com relação ao comércio, se compararmos os dois com a situação nas primeiras décadas do século. Dados nesse sentido são apresentados na parte referente às "funções". Algumas atividades ligadas aos serviços, contudo, instalaram-se em imóveis especialmente construídos para esse fim, principalmente no caso de serviços importantes: dois bancos, cinema, clube, etc.

A presença do setor secundário é feita principalmente por fábricas de pães, biscoitos e doces, seguidas por duas gráficas, duas fábricas de móveis e uma de sapato, também em imóveis quase sempre associados com a função residencial.

No setor comercial, destacam-se os bares, casas de tecidos e armazéns, farmácias e secos e molhados.

É possível distinguir dois prolongamentos do "centro", onde a presença de imóveis residenciais já é maior. O primeiro, ao longo da Rua 4 de Fevereiro, que, como já vimos na parte referente às "ruas" ocupa uma posição estratégica no quadro da circulação urbana, o que permitiu transformá-la em rua de importante circulação. Esse prolongamento apresenta-se estagnado, não apresenta um dinamismo, uma evolução em termos funcionais. A antiguidade dos imóveis e das respectivas funções, o não aparecimento de novas funções terciárias, comprovam essa afirmação. O prolongamento do centro pode ser estendido até o Córrego Lageado, já que na vertente do interflúvio da estação ferroviária a continuação do setor terciário foi estimulado, não pelo "centro", mas pela função ferroviária.

O segundo prolongamento do centro verifica-se ao longo da Rua XV de Novembro, em direção a Jaú, esse sim em fase de elaboração, apresentando, por isso, aspectos mais modernos do que o anterior. O número de lojas, bares, oficinas novas é significativo. Não tanto a atração de Jaú, mas, principalmente, a influência das inúmeras vilas loca-

lizadas na saída de Jaú, é o fator mais importante para justificar a sua presença.

3. O Bairro da Paulista

Uma segunda parte da cidade que podemos distinguir é o bairro da Paulista, não, como dissemos anteriormente, por apresentar uma individualidade muito nítida, mas por apresentar certas características que permitem essa distinção.

Essa parte da cidade, popularmente assim denominada, tem sua existência bastante ligada à tradicional função ferroviária da cidade. É onde moravam os numerosos funcionários da Cia. Paulista quando Dois Córregos era sede da Quarta Divisão da Cia. Paulista.

A construção das colônias para ferroviários, o estabelecimento da Cooperativa de Consumo e do Grêmio dos Ferroviários nessa parte da cidade, muito colaborou para a sua caracterização como bairro de ferroviário. Mesmo nos dias atuais, com a função ferroviária bastante limitada, é o local de residência desses funcionários e também de muitos aposentados.

É bem verdade que o bairro nunca foi exclusivamente ferroviário. Mas o espírito de unidade, bairristico, até hoje existe, para o que colaborou a separação desse bairro do interflúvio número um da cidade pelo Córrego Lageado.

A estação ferroviária e o importante núcleo de ferroviários, nas primeiras décadas do século, justificaram a formação de um embrião de uma segunda área de concentração do setor terciário em Dois Córregos localizado nas ruas 4 de Fevereiro e Altino Arantes, diante da praça da estação. Sem ter elementos dinamizadores, além dos acima referidos, esse embrião não conseguiu evoluir, justificando estabelecimentos comerciais antigos, de segunda ordem, apresentando-se um tanto deteriorado.

No seu conjunto, as construções são modestas, algumas médias, a ausência de construções ricas é total.

4. As Vilas

É o terceiro setor da cidade, com características bem mais definidas e cuja análise já foi feita em várias partes do trabalho. O maior número delas localiza-se na parte Sudoeste da cidade, mas outras foram criadas em partes várias da cidade: a Vila Viotto, ao Norte, a Vila Santa Tereza, a Leste, a Mira-Lopes e Ferreira, a SE, a Vila Jardim Paulista, a Sudeste.

É possível destacar certas diferenças entre algumas delas. As vilas situadas na parte Sudoeste, principalmente após os trilhos da ferrovia, além de apresentar o maior contingente demográfico, são as que têm o maior número de características em comum. São as que abrigam as populações mais pobres, em sua maior parte trabalhadores rurais, dominando os diaristas e volantes e os que trabalham por empreitada. Alguns não são contratados por empreiteiros, pois podem ser empregados fixos de certas fazendas, ou da usina de açúcar, ou então ser meeiros. A transformação para ocupações urbanas (carroceiros, pedreiros, empregados da prefeitura, etc.) ocorre em pequena porcentagem.

Os demais membros da família, como filhos, espôsas, quando trabalham, se dedicam, em sua maior parte, ou ao corte da cana ou como empregadas domésticas.

É a porção da cidade que apresenta os mais graves problemas sociais resultantes não só dos baixos salários e do subemprego mas também das tentativas de adaptação à vida urbana: a mendicância, a prostituição, subnutrição, doenças, desequilíbrios emocionais, etc. são decorrências naturais.

É significativo frisar que boa parte dos chefes-de-família são proprietários das casas onde moram (mais ou menos 85 %, conforme pesquisa feita), todos eles afirmam que só é possível morar na vila em casa própria, ante o aluguel abusivo que é cobrado. O baixo valor do terreno e a construção modesta, tornam o preço de uma residência na vila, bem viável economicamente. A transferência da população da zona rural para a vila está assim, pelo menos em parte, condicionada à possibilidade do homem rural adquirir uma modesta residência, mesmo que se ja a prazo.

As vilas Mira-Lopes e Ferreira ligadas ao Bairro da Paulista, se destacam das demais por serem as únicas que apresentam características bem diferentes. Seus moradores raramente têm origem rural e estão em sua maior parte ligados a funções urbanas, e muitos deles ligados à Cia. Paulista. Seus imóveis são melhores, o loteamento foi relativamente bem feito, essas vilas, na realidade, não se comportam como tais, integradas que foram ao núcleo urbano propriamente dito, bastando frisar que contam com todos os melhoramentos públicos, inclusive o calçamento.

A Vila Jardim Paulista é o mais recente (1964) e o maior loteamento realizado em Dois Córregos (491 lotes), número realmente exagerado para o ritmo de crescimento da cidade. O que explica a grande rarefação de casas nêle construídas. É, por sua vez, o loteamento mais bem elaborado em Dois Córregos, dentro de princípios urbanísticos mais modernos.

Concluindo essa parte referente à estrutura urbana, constatamos que as modificações internas, quer quanto aos imóveis, quer quanto às vias de circulação, são muito pequenas e se verificam de modo bastante lento, o que é óbvio para uma pequena cidade, cujo lento crescimento se traduz nas construções da periferia.

Devido à pequena área ocupada pelas construções urbanas, que se encontram bem concentradas, o deslocamento de pessoas, desde a periferia até o centro, pode ser feito a pé, no prazo máximo de 10/15 minutos. Esse fato explica não só a ausência de transporte coletivo e o pequeno uso da bicicleta, mas também o pequeno uso de veículos particulares para fins de trabalho, limitando sua circulação pelas ruas, apesar de seu número relativamente grande (5). A não especialização funcional das diferentes partes da cidade, limita muito as relações entre suas diferentes partes. O ritmo mais frequente é aquele entre as várias partes da cidade com o centro e seus arredores, para onde converge a população da cidade, para atender à suas várias necessidades de consumo, serviços e recreação.

Como o problema da circulação urbana, principal fator das modificações internas, ainda não se apresenta para a cidade, as necessidades de tais modificações não se têm evidenciado, o que não deve anular o estabelecimento de planos para o futuro, prevendo e orientando as melhores soluções para tais modificações e também, evidentemente, para uma estruturação urbana mais racional.

Referências do Capítulo V

- (1) J. Tricart - Obra citada, pag. 139.
- (2) J. Tricart - Obra citada, pag. 37.
- (3) Padre Francisco Xavier Costabile - Patrimônio com Matriz, Typ. Si-
queira, 1911, São Paulo.
- (4) Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - obra citada.
- (5) Uma data correspondia a 1/4 de quarteirão, ou 22x44 metros.
- (6) Livro para Qualificar os Cidadãos Votantes da Paróquia de Dois Córre-
gos - obra citada.
- (7) Padre Francisco Xavier Costabile - obra citada.
- (8) J. Tricart - obra citada, pag. 147.
- (9) O número de veículos em Dois Córregos em 1970, de acordo com os da-
dos do I.B.C.E. local era o seguinte: Caminhonetas: 139; Jeeps: 61,
Ônibus: 2, Motonetas: 5, Motocicletas: 3; Caminhões: 161; Caminho-
netes: 76; Furgão: 1; Automóveis: 281.

CONCLUSÃO

Não podemos afirmar com precisão até que ponto as características da vida de relação de Dois Córregos podem ser generalizadas para as demais cidades da sub-região de Jaú. Acreditamos que durante a economia especulativa do café, quando essa região se comportava como área homogênea de produção, a vida de relações dessas cidades teriam sido semelhantes ao caso de Dois Córregos.

As pequenas cidades teriam se comportado como centro de absorção de recursos locais, mantendo com suas áreas significativa vida de relações, porém totalmente delas dependentes, na medida em que o centro urbano era delas um instrumento. Teria então se verificado um simples crescimento econômico, refletido no grande comércio da época. Esse crescimento estava altamente vinculado à importância da produção-cafeeira: quanto maior a produção de café no município, maior seria o ritmo de crescimento da população urbana.

Como Dois Córregos, a economia rural de toda essa região é tradicionalmente estimulada por centros dinâmicos externos para os quais fornecem produtos primários de origem rural; essa característica econômica explica uma evolução rural do tipo cíclico, que tem ocorrido nessa região; foi o caso do café, do algodão e também dos principais produtos rurais que hoje nela se produzem. Como essas cidades não têm poderes de decisão sobre as economias de suas zonas, já que essas decisões são tomadas externamente, ficam elas altamente dependentes, nas suas vidas de relações, das alterações ocorridas nas suas zonas. A partir de estímulos que vêm de fora, a zona rural aparelha-se como produtora, e utiliza o centro urbano como instrumento para satisfazer suas necessidades de expansão e consumo.

O atual desenvolvimento da cana-de-açúcar no município de Dois Córregos já corresponde a uma época de diversificação regional da

economia rural da região também resultantes de estímulos externos, como é o caso da mamona e do milho. Esses produtos podem estar agora condicionados à instalação na área de uma indústria que os utilizam como matéria-prima (como é o caso das usinas de açúcar e da refinaria de óleo),

Dos municípios da área de influência imediata de Jaú, seis-possuem hoje, como principal cultura, a cana-de-açúcar (Dois Córregos, Mineiros do Tietê, Barra Bonita, Igarapu do Tietê, Itapuí e Jaú), devi-do à maior proximidade com relação às usinas de açúcar que aqui se esta-beleceram nas duas últimas décadas: em Barra Bonita (Usina da Barra e a Usina Barreirinho), em Jaú (Lantari e Diamante) e em Dois Córregos (San-ta Adelaide). Apesar de não ser o primeiro produto rural, a cana-de-açú-car é muito cultivada em certos municípios como Boracéia, Torrinha: são áreas mais distantes dessas usinas, o que torna o transporte da cana an-ti-econômico, aparecendo o café como principal cultura.

O estabelecimento de uma importante indústria de óleo comes-tível em Bariri, foi o fator de estímulo no plantio da mamona, nesse mu-nicípio em em áreas vizinhas: Itaju, Bocaina, Dourado.

A cultura do milho, generalizada na região, assume, às vê-zes, o primeiro lugar na ordem de importância (Itaju e Bocaina). Além do consumo local, a maior parte de sua produção é vendida para usinas -externas à região (como por exemplo, para Campinas e Araras) e para ata-cadistas de São Paulo e até mesmo para exportação, como é o caso do mi-lho plantado em Brotas.

Apesar da mudança qualitativa no instrumental de produção , no conjunto, entretanto, o esquema que vigora, continua sendo o mesmo. Em pultima análise essa permanência tem sua explicação no fato dos cen-tros não terem gerado um mercado consumidor significativo e na ausên-cia de industrialização.

Na verdade a diversificação espacial, embora não modifican-do o caráter da área nas suas relações com o exterior, implicou no enri-quecimento do papel dos centros urbanos, em particular de Jaú.

A diversificação regional da economia rural é paralela a a organização e hierarquização da região, que deixa de ter o aspecto de uma região homogênea de produção, fato que tem ocorrido principalmente nas últimas três décadas. A definição de Jaú, como centro sub-regional-

é, por sua vez, paralela à diversificação do consumo da população regional por ela polarizada e da perda do forte domínio que cada pequena cidade exercia sobre sua zona de influência.

Jaú sempre se comportou como a principal cidade da região, exercendo relativa influência, mais sobre as cidades localizadas para o Oeste, porém em uma época em que a organização e hierarquização não tinham ainda se verificado. Sua superação por Bauru durante a década de 1940 foi compensada pela sua definição de centro sub-regional e das funções delas decorrentes.

Assim como Dois Córregos, as demais cidades tiveram que enfrentar a concorrência de Jaú, onde foram instalados ou surgiram estabelecimentos vários que caracterizam um centro sub-regional e que passaram a atender a uma clientela regional.

As relações que as pequenas cidades da região de Jaú mantêm com suas zonas rurais imediatas e também com Jaú, podem apresentar aspectos específicos. Mas em todas elas, de 1950 a 1970, verifica-se um processo de aumento da população urbana e de diminuição da população rural.

Para o caso particular de Dois Córregos, o aumento da população da cidade não está, na verdade, ligado a um processo típico de urbanização no sentido em que esse se verifica em virtude da ampliação das funções secundárias e terciárias.

A análise que fizemos do Quadro n° 20 do Capítulo IV demonstrou que a população da cidade de Dois Córregos tem aumentado devido à proliferação das vilas em sua periferia: nessas vilas predominam pessoas ligadas ainda às atividades rurais, enquanto que a população localizada dentro dos limites urbanos, tradicionalmente ligada ao comércio, serviço e indústria, permanece estagnada. Importante frisar que em 1950 a população suburbana, onde se localizavam todas as vilas, já correspondia a 45% da população da cidade, apenas duas vilas, a Mira-Lopes e Ferreira, não possuem um conteúdo humano de origem rural e ligado ainda às atividades rurais.

Percebemos, assim, que o aumento da população da cidade não se deve tanto ao aumento da população secundária e terciária que refletiria o desenvolvimento desses dois setores da economia na cidade e

conseqüentemente, de um processo de urbanização real. Reflete, isso - sim, um progressivo aumento da população primária da cidade.

Essa comparação poderia ter sido feita tendo por base os dados sobre os setores ativos da população. Não a fizemos porque os dados referentes a 1960 não foram publicados, mesmo que o fossem, sabemos que recenseamento não distingue a localização das pessoas ligadas a esses três setores.

Um outro aspecto é o crescente número de sitiantes e fazendeiros que passam a residir na cidade, sem serem absenteeístas. Incluímos ainda os proprietários rurais de origem urbana, médicos, advogados, comerciantes, etc., que, com o sucesso verificado nessa sua nova atividade, transformaram a ocupação inicial em secundária.

Esses fatos não deixam de ter influência na vida da cidade. Criou um novo tipo de deslocamento diário da população entre o local de residência e o local de trabalho. Principalmente através de caninhões, os trabalhadores das vilas são levados para os seus locais de trabalho localizados na zona rural. Permitiu uma participação cada vez maior dessa população de origem rural na vida social da cidade, participação que possui características próprias, dependendo da sua condição de trabalhador rural ou de fazendeiro. Teve influência na orientação de determinadas atividades da cidade, valorizando certas funções terciárias.

Contudo, um limite teórico para a ampliação da população - das vilas, e, portanto, da cidade, é evidente. Primeiro porque, permanecendo ligada às atividades rurais, temos que admitir um limite de mão-de-obra necessário à produção rural do município. Em outras palavras, o mercado de trabalho necessário para a zona rural condicionará o número de trabalhadores rurais residentes nas vilas, excluindo as atividades - que exijam a permanência do trabalhador na zona rural. Em segundo lugar porque a sua transferência para os setores secundários e terciários da cidade é improvável ou, quando muito, por demais lento, ante as limitações que esses dois setores apresentam. A limitação do setor terciário deve-se inicialmente à decadência numérica da população da zona de influência de Dois Córregos, não só pelo êxodo rural, mas também pela concorrência de Jaú, e, posteriormente, apesar da recente valorização desse setor, a que acima nos referimos, devido, em grande parte, ao

aumento da população das vilas, a estagnação dessa última, provocando, como decorrência, também uma limitação das atividades terciárias.

O desenvolvimento do setor secundário seria então o único canal através do qual se poderia verificar um revigoramento do processo de urbanização de Dois Córregos, fortalecendo paralelamente o setor terciário.

Ou então Dois Córregos seria, a médio prazo, tão somente - uma etapa num processo de urbanização. Colocamos, assim, o problema do estudo das tendências da transferência dos habitantes das vilas para as cidades maiores. Um tema de estudo que foge aos objetivos desse trabalho.

É possível que o limite no aumento da população da cidade de Dois Córregos seja um processo já em vigor, já que depois de 1964, quando a população da cidade, portanto, também das vilas, deixou de aumentar. O aumento de quase 500 pessoas entre 1964 e 1970 é, na verdade, o resultado dos novos limites urbanos que foram ampliados por lei datada de 1969, para além dos limites suburbanos que por sua vez foram suprimidos. Assim, a recente diminuição no ritmo de crescimento das vilas estaria relacionada com as limitações do mercado de trabalho, condicionada pela atual situação da economia agrícola do município de Dois Córregos.

Esse tipo de aumento da população urbana pode ser encarado sob dois prismas, ambos discutíveis.

Poderia corresponder a um processo de "ruralização da cidade" no sentido em que a população ativa primária ligada às atividades rurais, que reside na cidade, aumenta numa proporção maior do que as populações ativas secundária e terciária, provocando, conseqüentemente, influências na vida da cidade.

Ou, então, poderia ser considerado como uma "urbanização do campo", refletindo uma tendência do homem rural, ainda ligado ao setor primário, se fixar na cidade, adotando gradativamente nova mentalidade, novos hábitos e costumes.



Foto n° 1 - Fotografia tirada em direção Nordeste. notar o relevo pouco movimentado da área; o "interflúvio n° 1" atravessado - em suas partes mais altas pelas ruas 13 de Maio e XV de Novembro que ladeiam as mais importantes praças da cidade; a pequena ocupação no fundo do Córrego Lageado, a direita; os imóveis mais imponentes, que correspondem quase sempre àqueles ligados aos serviços públicos; a ausência de transição entre a zona realmente urbana e rural; o obstáculo dos loteamentos na orientação da expansão do espaço urbano (parte inferior, a direita); os trilhos e a estação da C.P.E.F. na parte direita da foto, que atraiu a expansão da cidade em sua direção; o traçado das ruas em "tabuleiro de xadrez".



Foto n° 2 - Fotografia tirada em direção quase que oposta da anterior. O "interflúvio n° 1" se prolonga para SO, onde se encontra a saída para a estrada de Jaú e a maior parte das vilas da cidade. A cidade ocupa apenas a baixa encosta do "interflúvio n° 2", a esquerda, de dimensões bem superiores ao anterior. No alto da foto, além da estação, a mais recente vila, Jardim Paulista, - com ocupação bastante rarefeita.



Foto n.º 3 - Os córregos Fundo (a esquerda) e o Lageado (a direita), que ladeiam o "interflúvio n.º 1", aproximam-se a medida que se dirigem para o Rio do Peixe, onde desembocam. A fotografia abrange boa parte da área que correspondia ao antigo patrimônio religioso que deu origem à Dois Córregos. O "centro" da cidade ocupa os quarteirões localizados atrás da Igreja; é a única área onde os "miolos verdes" desaparecem. A estrada - na parte superior da fotografia é a antiga saída para Brotas, e ao seu lado encontra-se a Vila Santa Tereza.



Foto n.º 4 - Foto tirada em direção da estação ferroviária, que se vê ao fundo. Atrás dos trilhos, uma das colônias da C.P.E.F.; as outras estão aquém da estação, a sua esquerda. Das ruas que cortam transversalmente o vale do Lageado destaca-se a Rua 4 de Fevereiro, a direita. Na parte esquerda superior as Vilas Kira Lopes e Ferreira, e no alto, após os trilhos, a saída para Torrinha.



Foto n° 5 - Rua XV de novembro, a principal artéria da cidade; trecho da área central; essa rua se prolonga para SO; ao longo do "interflúvio n° 1". Em seu extremo encontra-se a saída para Jaú e a maior parte das vias da cidade. Os imóveis, na sua origem voltados à função comercial, são tão relacionados com o período áureo do café.

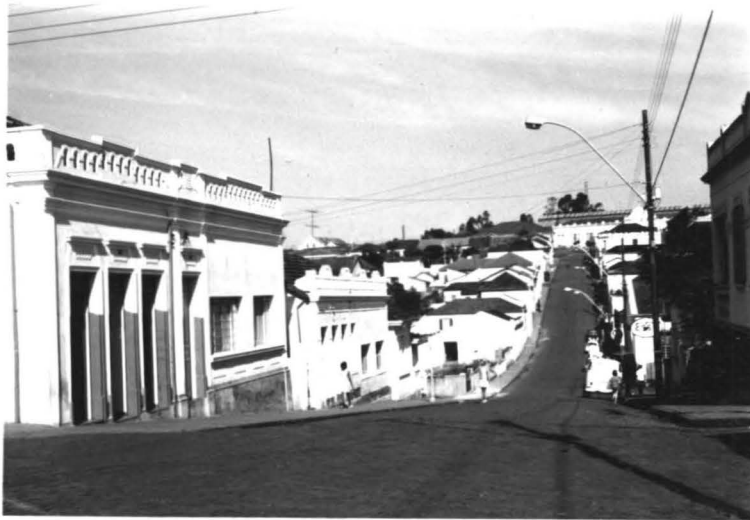


Foto n° 6 - A Rua 4 de Fevereiro - popularmente conhecida como "Rua da Estação" é a principal artéria de ligação entre os dois interflúvios ocupados pela cidade, cortando transversalmente o vale do Lageado. Fotografia tirada da área central em direção da estação.



Foto n° 7 - O período áureo do café não provocou em Dois Córregos o aparecimento de residências majestosas, como ocorreu em Jaú. Na foto, residência de importante fazendeiro do início do século, hoje com funções mistas: residência e comércio.



Foto n° 8 - Aspecto bastante comum das ruas de Dois Córregos; alguns imóveis residenciais recentes, ou reformados, mais voltados à uma classe média, intercalando-se com imóveis antigos, que são dominantes.



Foto n° 9 - Uma das colônias da C.P.E.F., vendo-se ao fundo o prédio da estação ferroviária.



Foto n° 10 - Prédio da estação da C.P.E.F., a imponência de sua construção assim como as "colônias", está relacionada com a importante função ferroviária que Dois Córregos teve até o início do Século XX, quando foi sede da Quarta Divisão da C.P.E.F.



Foto n° 11 - A Vila Mira Lopes é uma exceção no conjunto das vilas da cidade, quer em seu conteúdo social, quer na morfologia dos imóveis. É a única que não é ocupada por trabalhadores rurais e cujo tipo de imóvel assemelha-se bastante aos demais da cidade.



Foto n° 12 - Foto da Vila Santa Tereza. O tipo de cerca é de uso generalizado das demais vilas, situadas na periferia da cidade.



Foto n° 13 - Além das vilas, as ruas situadas nas extremidades da cidade, são as únicas áreas contínuas onde a segregação social, em termos espaciais, se encontra bem definida na cidade, abrangendo elas populações pobres. Na fotografia aspecto da Avenida Um.



Foto n° 14 - Um dos "espaços livres" da cidade: o fundo do vale do Córrego Lageado, que se apresenta ligeiramente encaixado. O encaixamento do rio e a inclinação das vertentes, representaram obstáculos à sua ocupação. É ladeado por fundos de quintais.



Foto n° 15 - Em muitos fundos de quintais voltados para o Córrego Lageado, é generalizada a sua ocupação por hortas.

BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA

1. Alexander, L.W. - Conceito Básico-Não Básico das Funções Econômicas Urbanas, Boletim Geográfico, n° 203, 1968.
2. Andrade, Manoel Correa - Espaço, Polarização e Desenvolvimento, Brasiliense, São Paulo, 1970.
3. Araújo, J.R. de - O Café Riqueza Paulista, B.P.G. n° 23, 1956.
4. Araújo, J.R. de, Filho - Alguns Aspectos da População da Cidade de S. Paulo, Anais da A.G.B., Volume IX, 1957.
5. Azevedo, Aroldo - Monografias Regionais, Editora Nacional, S.Paulo, 1957
6. Azevedo, Aroldo - Embrões de Cidades Brasileiras, B.P.G., n° 25, 1957
7. Azevedo, Aroldo - As Cidades, O Brasil, a Terra e o Homem, Editora Nacional, São Paulo, 1970.
8. Beaujeu-Garnier, J. e Chatot, G. - Traité de Géographie Urbaine, A. Colin, Paris, 1963.
9. Bernardes, L.M.C. - Elementos para o Estudo Geográfico de Cidades, B.G. n° 154, C.N.G., 1960.
10. Bernardes, L.M.C. - O Rio de Janeiro e sua Região, Conselho Nacional de Geografia, 1964.
11. Bernardes, L.M.C. - Regionalização, Curso de Geografia para Professores do Ensino Superior, Fundação I.B.G.E., Rio, 1970.
12. Bernardes, L.M.C. - Redes Urbanas, Curso de Geografia para Professores do Ensino Superior, Fundação I.B.G.E., Rio, 1970.
13. Bonetti - A Teoria das Localidades Centrais Segundo W. Christaller 3, A. Losch, Textos Básicos n° 1. IPGH.
14. Camargo, José Francisco de - Crescimento da População do Estado de São Paulo e seus Aspectos Econômicos, Boletim n° 153 da F.F.C.L. da USP, 3 Volumes, 1952.
15. Camargo, José Francisco de - A Cidade e o Campo, Buriti, S.Paulo, 1968.
16. Capri, Roberto - Os Municípios do Estado de São Paulo de 1913 a 1922, São Paulo, 1922.
17. Chatot, George - Les Villes, Armand Colin, Paris, 1952.
18. Correa, Roberto Lobato - Os Estudos de Redes Urbanas do Brasil, Revista Brasileira de Geografia, Ano 29, n° 4, 1967.
19. Correa, Roberto Lobato - As Regiões de Influência Urbana, Novo Paisa - gens do Brasil, I.B.G., Rio, 1968,
20. Correa, R.L. - Estudo das Relações entre Cidade e Região, R.B.G., ano 31, n° 1, 1969.
21. Costabile, Pe. Francisco Xavier - Patrimônio de Dois Côrregos, Typ. Si queira, São Paulo, 1911.
22. Deffontaines, Pierre - Como se Constituiu no Brasil a Rede Urbana, B.G. n° 14, 1944.

23. Derruau, Max - Précis de Géographie Humaine, Armand Colin, Paris, 1961
24. Dickinson, Robert E. - Ciudad, Region y Regionalismo, Omega, Barcelona 1961.
25. Egas, Eugênio - Os Municípios Paulistas (2 volumes), Seção de Obras D' O Estado de São Paulo, S. Paulo, 1925.
26. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, I.B.G.E., Rio de Janeiro, Volumes XXVIII, XXIX e XXX.
27. França, Ary - A Marcha do Café e as Frentes Pioneiras, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1960 (Guia n° 3 do XVIII Congresso - Internacional de Geografia).
28. Freitas, Afonso A. de - Geografia do Estado de São Paulo, 1906.
29. Geiger, P.P. - Exemplos de Hierarquia de Cidades do Brasil - Boletim - Carioca de Geografia, ano X, n° 3 e 4, 1957.
30. Geiger, P.P. - Evolução da Rede Urbana Brasileira - Coleção O Brasil - Urbano n° 1, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1963.
31. Geiger, P.P. e Davidovich - Aspectos do Fato Urbano no Brasil, Revista Brasileira de Geografia, ano XXIII, n° 2, 1961.
32. Geiger, P.P. - Estôço Preliminar da Divisão do Brasil nas Chamadas Regiões Homogêneas, Revista Brasileira de Geografia, ano 29, n°2, 1967.
33. Geiger, P.P. - Regionalização, Revista Brasileira de Geografia, ano 31 n° 1, 1969.
34. George, Pierre - La Ville, Le Fait Urbain à Travers le Monde, P.U.F. , Paris, 1952.
35. George, P. - Précis de Géographie Urbaine - P.U.F., 1961.
36. George, Pierre - Reflexos Sobre a Noção de Região em Geografia e Sua Aplicação, B.P.G. n° 45, São Paulo, 1968.
37. George, Pierre - Cidades , Redes Urbanas, Região, I.B.G., Rio, 1970.
38. George, P. - Les Méthodes de la Géographie, Presses Universitaires de de France, Paris, 1970.
39. Juillard - Europa Industrial e Brasil: Dois Tipos de Organização de Espaço Periurbano, Boletim Baiano n° 4, 1961.
40. Julliard, E. - Região - Tentativa de Definição, Boletim Geográfico n° 185, 1965.
41. Kayser, Bernard - La Domination Urbaine, Les Études Philosophiques, n° 2, 1962, Presses Universitaires de France, pag. 193/8.
42. Kayser, B. - A Região Como Objeto de Estudo da Geografia, A Geografia Ativa, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1966.
43. Kayser, Bernard - As Divisões do Espaço Geográfico nos Países Subdesenvolvidos, Orientação n° 4, Instituto de Geografia, São Paulo, 1969.
44. Keller, E.C.S. - Notas Sobre a Evolução da População de São Paulo de - 1920 a 1950. Aspectos Geográficos da Terra Bandeirantes, C.N.G., Rio , 1954.

45. Keller, E.C.S. - Rêdes Urbanas - Grande Região Sul, Tomo II, Instituto Brasileiro de Geografia, Rio, 1968, pag. 298/340.
46. Keller, E.C.S. - Rêdes Urbanas - Grande Região Sul, Tomo II, Volume-IV, I.B.G.E., Rio, 1968.
47. Keller, E.C.S. - As Funções Regionais e a Zona de Influência de Campinas, Revista Brasileira de Geografia, ano 31, n° 2, 1969.
48. Keller, E.C.S. - Base Econômica das Cidades, Curso de Geografia para Professores do Ensino Superior, Fundação I.B.G.E., Rio, 1970.
49. Langenbuch, Juergen R. - Organização Urbana do Estado de São Paulo Analizada pela Circulação de Ônibus Intermunicipais, Orientação n° 4, Instituto de Geografia, São Paulo, 1969.
50. Lavedan, Pierre - Géographie des Villes, Collection P. Deffontaine n° 9, Gallinard, Paris, 1959.
51. Livro Para Qualificar os Cidadãos Votantes da Paróquia de Dois Córregos, 1868 em diante.
52. Mamigonian, Armen - Brusque: Estudo de Geografia Urbana e Econômica, Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1960.
53. Marques, Manuel E. de Azevedo - Apontamentos Histórico, Geográfico, Estatístico e Noticioso da Província de São Paulo (1876), Livraria Martins, 2 volumes, 1952.
54. Mattos, Odilon N. de - A Evolução Ferroviária de São Paulo, Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, C.N.G., Rio, 1944, Vol. IV, pag. 156/68.
55. Mattos, Odilon Nogueira de - O Desenvolvimento da Rede Ferroviária e a expansão da Cultura Cafeeira em São Paulo, Edição Especial dos "Diários Associados", São Paulo, 15.7.1954.
56. Mendes, Renato Silveira - As Estradas de Rodagem de São Paulo, Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, C.N.G., Rio, 1941, pag.591/601.
57. Milliet, Sérgio - Roteiro do Café, Bipa, São Paulo, 1946.
58. Mombeig, Pierre - Estudo Geográfico das Cidades, Boletim Geográfico n° 7, 1943.
59. Mombeig, P. - Pionniers et Planteurs de São Paulo, A. Colin, Paris, 1952.
60. Mombeig, P. - Os problemas da Divisão Regional de São Paulo, Aspectos da Terra Bandeirantes, C.N.G., Rio. 1954.
61. Mombeig, Pierre - Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957.
62. Muller, Nice Lecoq - O Fato Urbano na Baixa do Rio Paraíba - São Paulo, Fundação I.B.G.E., Rio de Janeiro, 1969.
63. Muller, Nice Lecoq - Evolução e Estado Atual dos Estudos de Geografia Urbana no Brasil, Boletim Geográfico n° 209, 1969.
64. Mumford, Lewis - A Cultura das Cidades, Itatiaia, Belo Horizonte, 1961.
65. Pereira, R.M., Geiger, P.P., Correa, R.L. - Estudos Básicos para Definição de Planos de Desenvolvimento no Brasil, Revista Brasileira de Geografia, ano 29, n° 1.

66. Petrone, Pasquale - O Homem Paulista, B.P.G. n° 23, 1956.
67. Petrone, Pasquale - A Região de São Luís de Paraitinga, Revista Brasileira de Geografia, ano XXI, n° 3, 1959.
68. Petrone Pasquale - Notas Sobre o Fenômeno Urbano no Brasil, Anais da A.G.B., Volume XII, 1960.
69. Petrone, Pasquale - Aspectos dos Quadros Urbanos da Baixada da Ribeira B.P.G. n° 38, São Paulo, 1961.
70. Philipponneau, Michel - Géographie et Action, Armand Colin, Paris, 1960
71. Phinchemel, Philippe - Rappors Ville et Campagne, Revue Economique, n° 3, 1960.
72. Pinchemel, P. e Carrière, Françoise - Le Fait Urbain en France, A. Colin, Paris, 1963.
73. Pinto, Adolfo - História da Viação Pública em São Paulo, 1903.
74. Pinto, Adolfo Madeira - A Província de São Paulo, 1884.
75. Piza, Marcelino - Os Municípios Paulistas, Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1933.
76. Rochefort, M. - Como a Presença de Uma Grande Cidade Diversifica as Aglomerações de Uma Região, Boletim Baiano de Geografia n° 2, 1960.
77. Rochefort, Michel - Princípios de Classificação dos Centros Industriais Boletim Baiano n° 4, 1961.
78. Rochefort, Michel - Determination de Types de Villes d'un Reseau Urbain. Resumo de Comunicação, XVIII Congresso Intermeridional de Geografia, Rio, 1956; B.P.G. n° 13, 1959.
79. Rochefort, M. - Métodos de Estudos das Redes Urbanas. Interêsse da Análise do Setor Terciário da População Ativa, Boletim Biográfico n° 160, 1961.
80. Rochefort, Michel - Um Método de Pesquisas das Funções Características de Uma Metrópole Regional, Boletim Geográfico, n° 198, C.M.G., 1967.
81. Santos, M. - A Cidade de Jequié e Sua Região. Revista Brasileira de Geografia, ano XVIII, n° 1, 1956.
82. Santos, Milton - Contribuição ao Estudo dos Centros de Cidades: O Exemplo da Cidade de Salvador, B.P.G. n° 32, São Paulo, 1959.
83. Santos, M. - A Cidade Como o Centro de Região, Boletim Geográfico n° 17 1963.
84. Santos, M. - Cidade e Região nos Países Subdesenvolvidos. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
85. Santos, M. - A Medida da Hierarquia Urbana nos Países Subdesenvolvidos, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
86. Simões, Carlos Quirino - Rede Rodoviária do Estado de São Paulo, Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, Rio, Vol. IV, pag. 69/112.
87. Sorre, Max - Les Fondements de la Géographie Humaine, Tome III, Armand Colin, Paris, 1952.
88. Souto Maior, Ariadne Soares - Povoamento; Grande Região Sul, Volume IV, Tomo II, I.B.G., 1968.

89. Tatuteau - A Circulação Urbana, B.P.G., n° 31, São Paulo, 1959.
90. Taylor Griffith - Urban Geography, Methuen, London, 1951.
91. Tricart, Jean - L'Habitat Urbaine, Centre de Documentation Universitaire, Paris, 1951.
92. Tricart, Jean - Contribuição ao Estudo das Estruturas Urbanas, Boletim Geográfico n° 135, 1956.
93. Zaluar, Augusto Basílio - Peregrinação pela Província de São Paulo, (1860-1), Livraria Martins, São Paulo, 1953.

I N D I C E

<u>Introdução</u>	1
<u>Capítulo I</u>	
O Povoamento e a Estruturação Inicial da Região.....	7
<u>Capítulo II</u>	
Dois Córregos e a Hierarquia Urbana	22
A) A Sub-Região de Jaú	22
1. Os Critérios para Delimitação da Área de Influência de Jaú .	22
2. A Área de Influência de Jaú	23
2.1. A Área de Influência Imediata de Jaú	24
2.2. A Área de Influência Atenuada de Jaú	32
B) A Área de Influência de Dois Córregos	35
<u>Capítulo III</u>	
A Evolução na Vida de Relações e das Funções de Dois Córregos ...	45
A) As Funções da Cidade de Dois Córregos em Fins do Século XIX até o Início dos Anos Trinta	48
B) As Alterações na Vida de Relações a Partir da Década de 1930 .	56
<u>Capítulo IV</u>	
As Funções Atuais de Dois Córregos	70
A) Aspectos Gerais	70
B) As Funções Terciárias de Dois Córregos	76
1. A Função Comercial	79
2. As Funções Ligadas aos "Serviços".....	85
C) A Função Industrial	93
1. A Apresentação do Centro.....	93
2. Gênese da Atividade Industrial	95
3. O Quadro Geográfico-Econômico Atual	96
<u>Capítulo V</u> - A Cidade de Dois Córregos	105
A) Aspectos Gerais da Cidade de Dois Córregos	105
1. O Sítio Urbano	105
2. As Construções Urbanas	107
3. Os Espaços Vazios	112

B) A Ocupação do Espaço Urbano e Sua Evolução	116
1. As Etapas da Ocupação do Espaço Urbano.....	116
2. Fatores e Obstáculos na Orientação da Expansão do Espaço Urbano	122
C) A Estrutura Urbana	126
1. Aspectos Gerais	126
2. O "Centro"	131
3. O Bairro da Paulista	133
4. As Vilas	134
Conclusão	137
Bibliografia Citada e Consultada	150

o o o

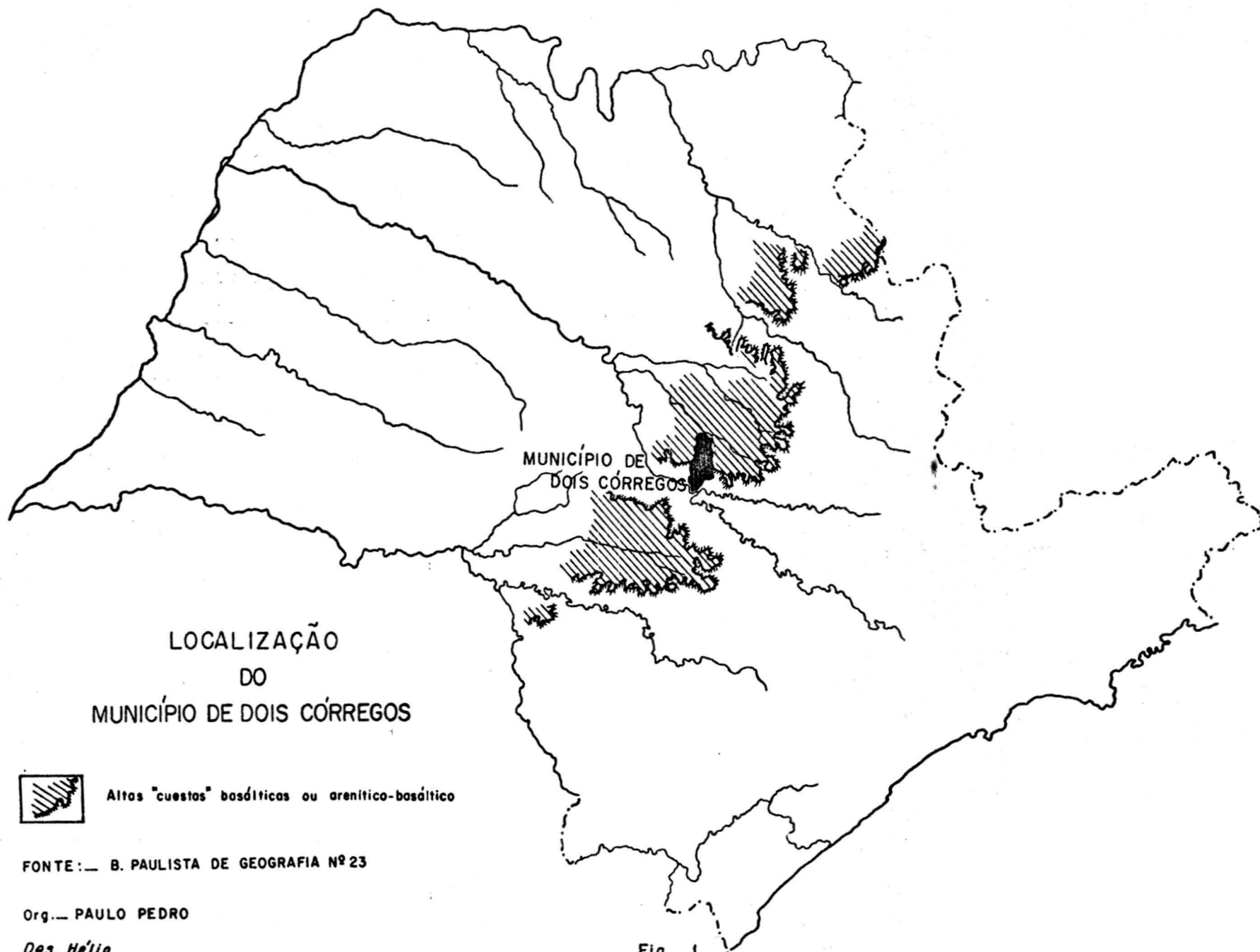
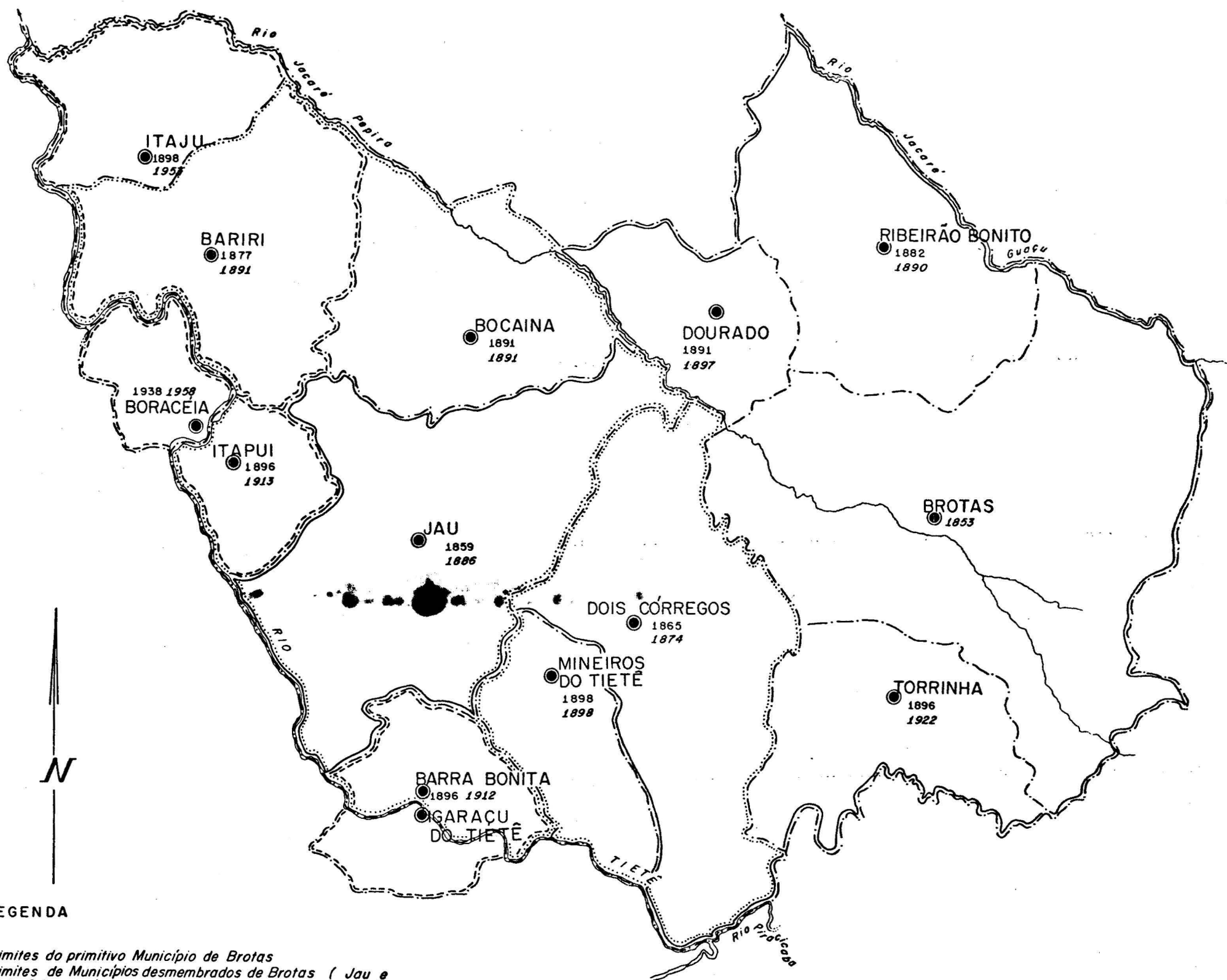


Fig. — 1

EVOLUÇÃO POLITICO-ADMINISTRATIVO DA ÁREA ENTRE OS RIOS JACARÉ-GUAÇU E TIETÊ

ESCALA

0 5 10 15 20 km



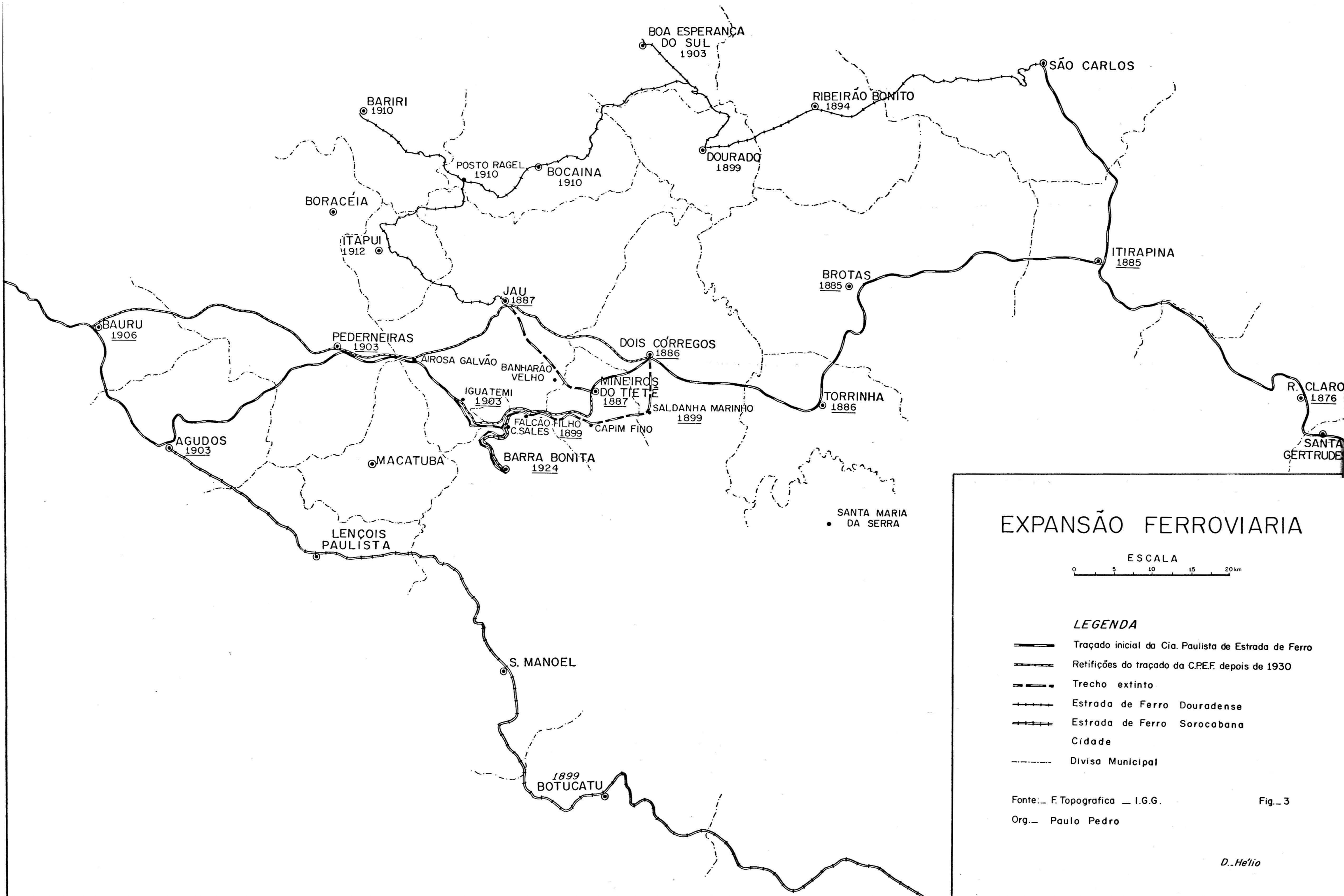
LEGENDA

- Limites do primitivo Município de Brotas
- Limites de Municípios desmembrados de Brotas (Jau e Dois Córregos) e que realizaram incorporações posteriores
- Limites de Municípios desmembrados de Jau (Bariri, B. Bonita e Itapui) e que realizaram incorporações posteriores
- Atuais limites Municipais
- 1865 Ano da incorporação
- 1874 Ano da elevação à Município

Fig. - 2

Org. - Paulo Pedro

Des. - Hélio



EXPANSÃO FERROVIARIA

ESCALA
0 5 10 15 20 km

- LEGENDA**
- Trçado inicial da Cia. Paulista de Estrada de Ferro
 - Retificações do traçado da C.P.E.F. depois de 1930
 - - - Trecho extinto
 - Estrada de Ferro Douradense
 - Estrada de Ferro Sorocabana
 - Cidade
 - - - Divisa Municipal

Fonte: F. Topografica - I.G.G.
Org. - Paulo Pedro

Fig. 3

D. He'lio

ESTRADAS DE RODAGEM DA REGIÃO DE JAU

ESCALA
1 : 250 000

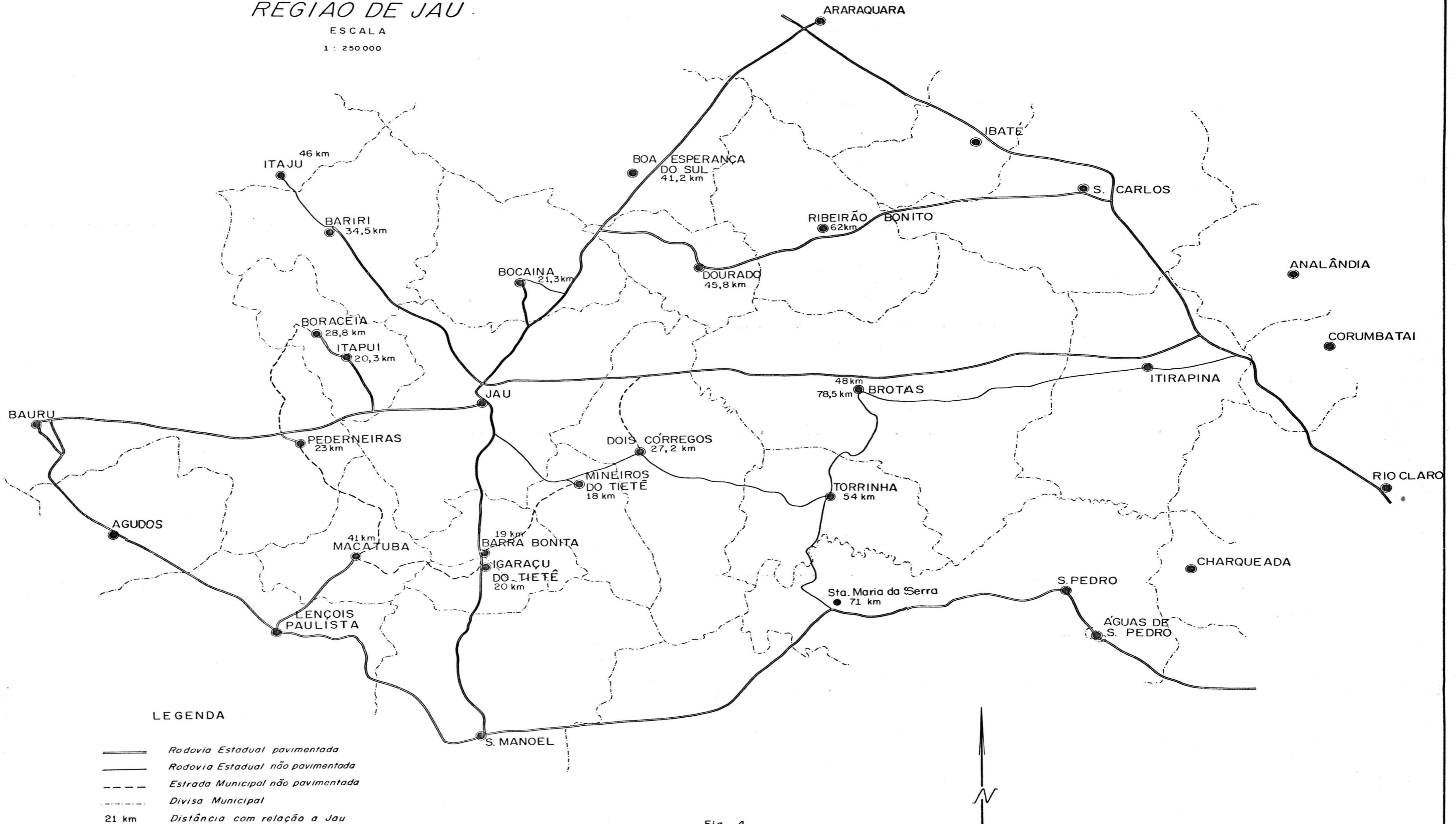


Fig. - 4



Org. — Paulo Pedro
Des. — Hélio



LEGENDA

- Área de influência imediata
- Área de influência atenuada

- CIDADE
- VILA
- Estrada federal ou estadual
- Estrada municipal
- Estrada de ferro
- Rios e córrego
- Divisa municipal

FONTE: F. Topográfica — IGG. Fig. 5
 Org. — PAULO PEDRO
 Des. — Hélio



PROCEDÊNCIA DA CLIENTELA AOS SERVIÇOS DE JAU

- | | | | | | | | |
|--|--|--|------------------------------|--|---|--|--------------------------|
| | Médico-Hospitalar | | Faculdade de Filosofia | | Municípios abrangidos pela Anderson Clayton & Cia S.A. de Jau | | Revendedores de veículos |
| | Cooperativa dos cafeicultores da zona de Jau | | Cias distribuidoras ou S.As. | | | | |

MUNICÍPIOS ABRANGIDOS PELA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DE DETERMINADOS SERVIÇOS PÚBLICOS DE JAU

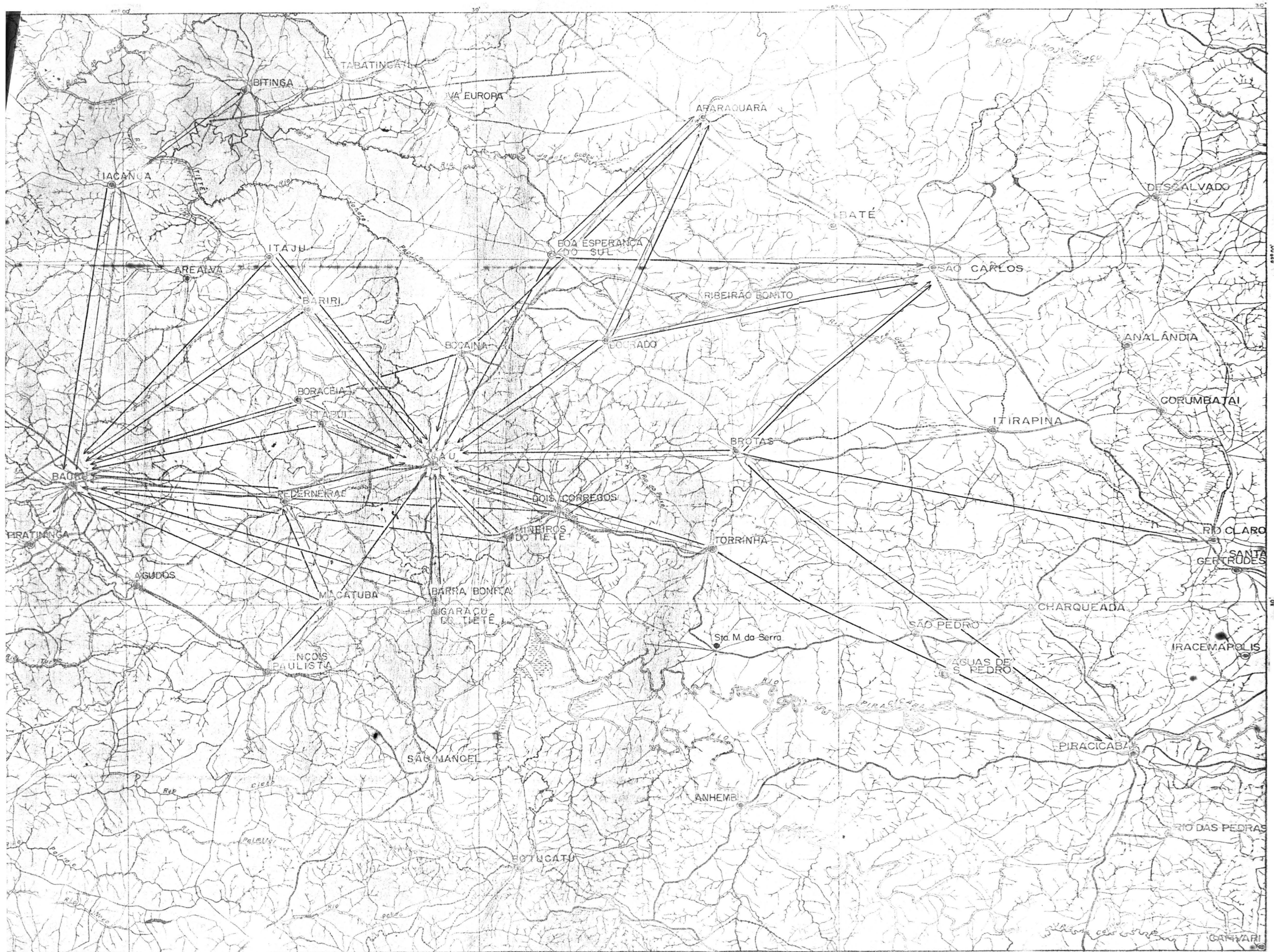
- | | | | | | | | |
|--|--|--|-----------------|--|---|--|------------------------------------|
| | Delegacia Regional do Ensino Elementar | | Casa da Lavoura | | Modêlo de Unidade Territorial Polarizada para o E de S.P. (D.O. 4-7-67) | | Residência de conservação (D.E.R.) |
| | Banco do Brasil | | Comarca de Jau | | | | |

ESCALA 0 5 10 20 km

Fig - 6

LOCAIS DE CONSUMO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE PRODUTOS MENOS FREQUENTES

ESCALA 0 5 10 15 20 km



LEGENDA

- CONSUMO DA POPULAÇÃO URBANA
- CONSUMO DA POPULAÇÃO RURAL
- CIDADE
- VILA
- Estrada Fed. ou Estadual
- Estr. Municipal
- Estr. de Ferro
- Rios e córregos
- Divisa Municipal
- FONTE: — Carta Topográfica — I.G.G.

Fig. 7
Org. — Paulo Pedro
Des. He'llio

DOIS CÓRREGOS SUAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA

ESCALA
0 5 10km

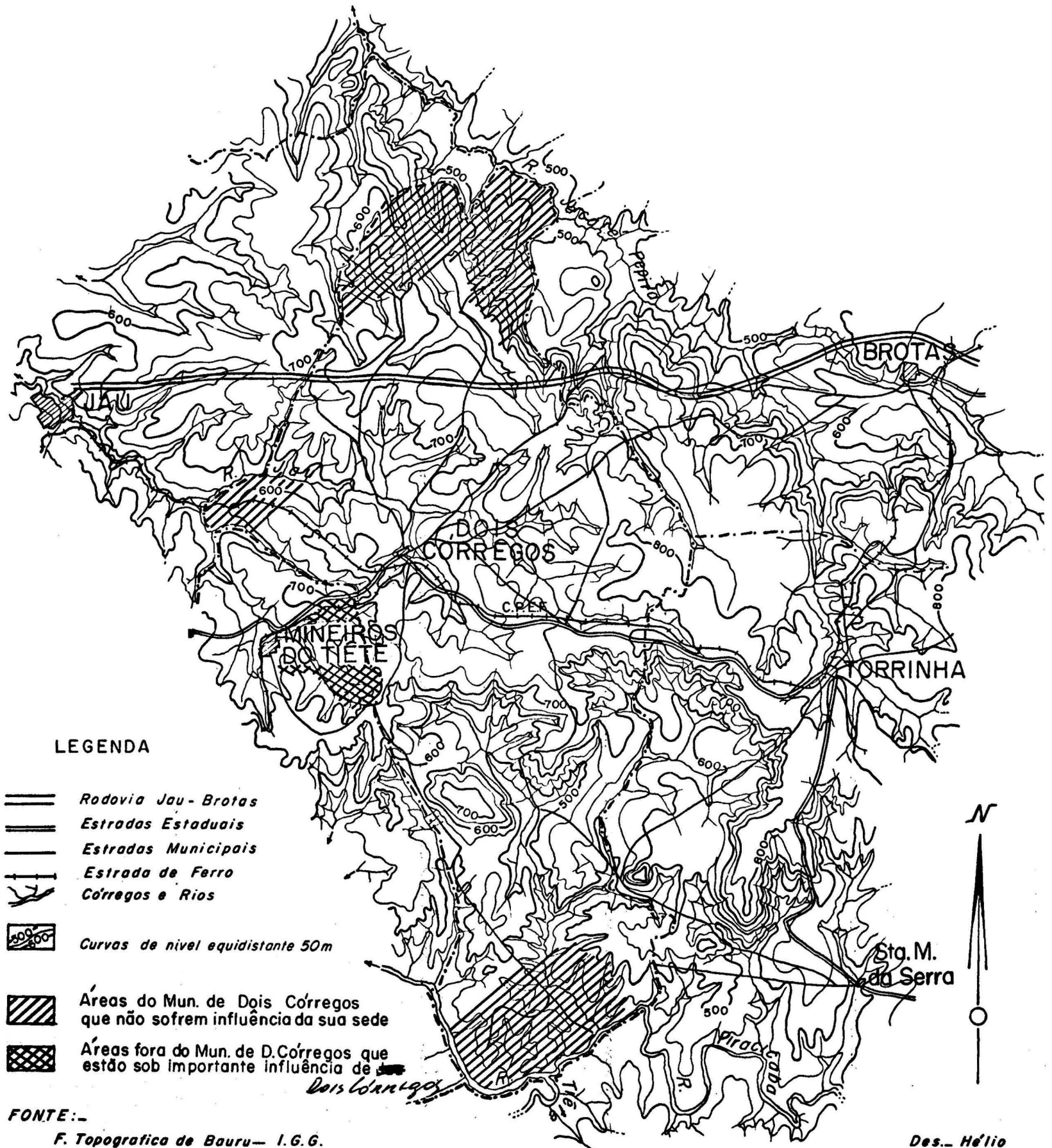
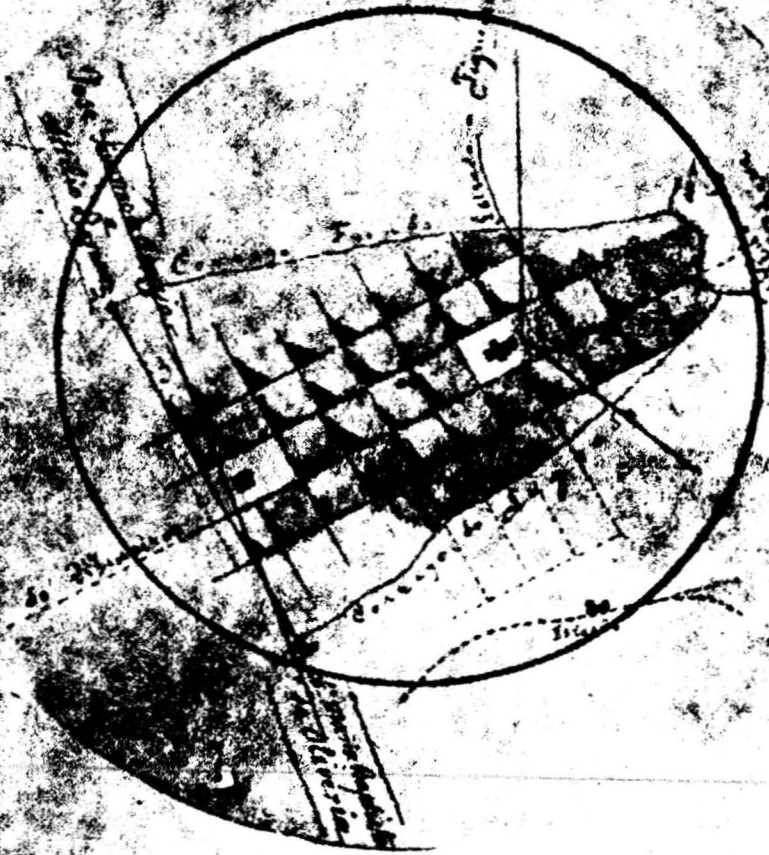


Fig.- 8

PATRIMONIO DE N. S. S. DE
6 DOUS CORREGOS

ATTILIO BERNARDI



10000
50000
100000
200000

Vigario e Fabricheiro

Re: Fran. Xav. Costabile

PERFIL LONGITUDINAL DO INTERFLÚVIO Nº 1
AO LONGO DA RUA XV DE NOVENBRO

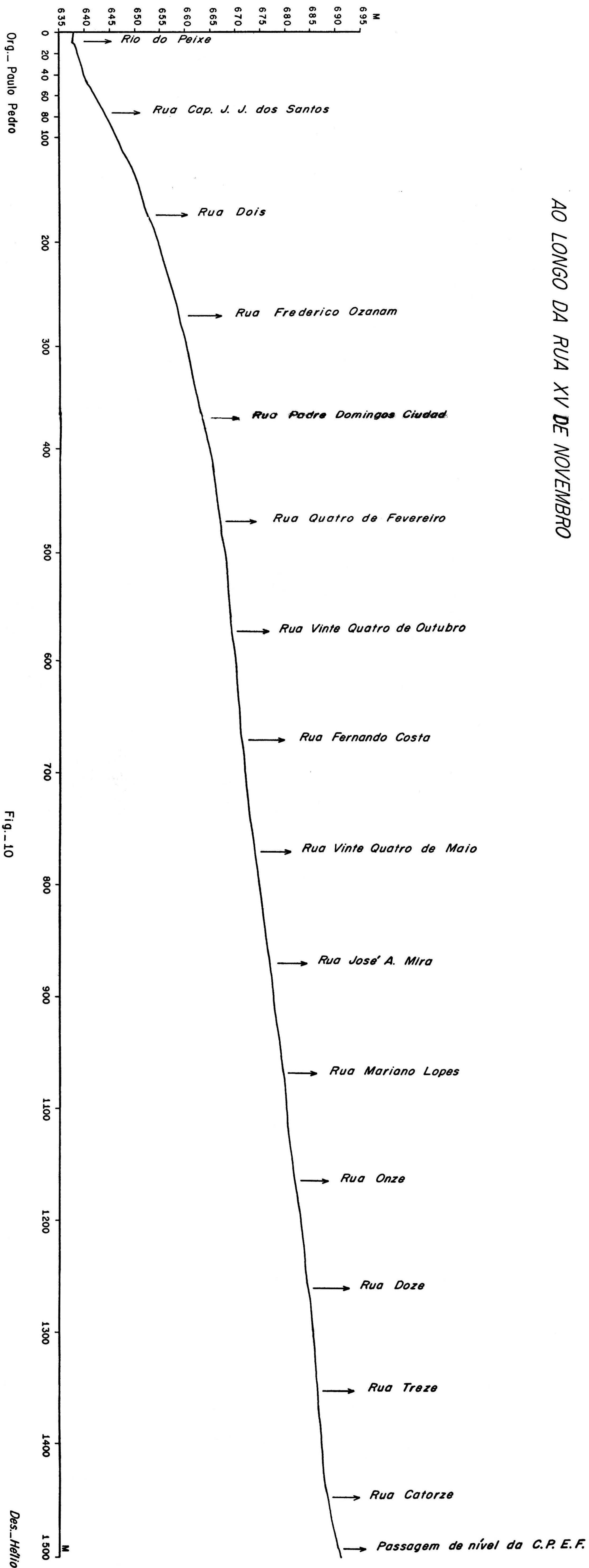


Fig. 10

Des. Hélio

PERFIL TRANSVERSAL DO INTERFLÚVIO Nº 1 E 2
AO LONGO DA RUA QUATRO DE FEVEREIRO

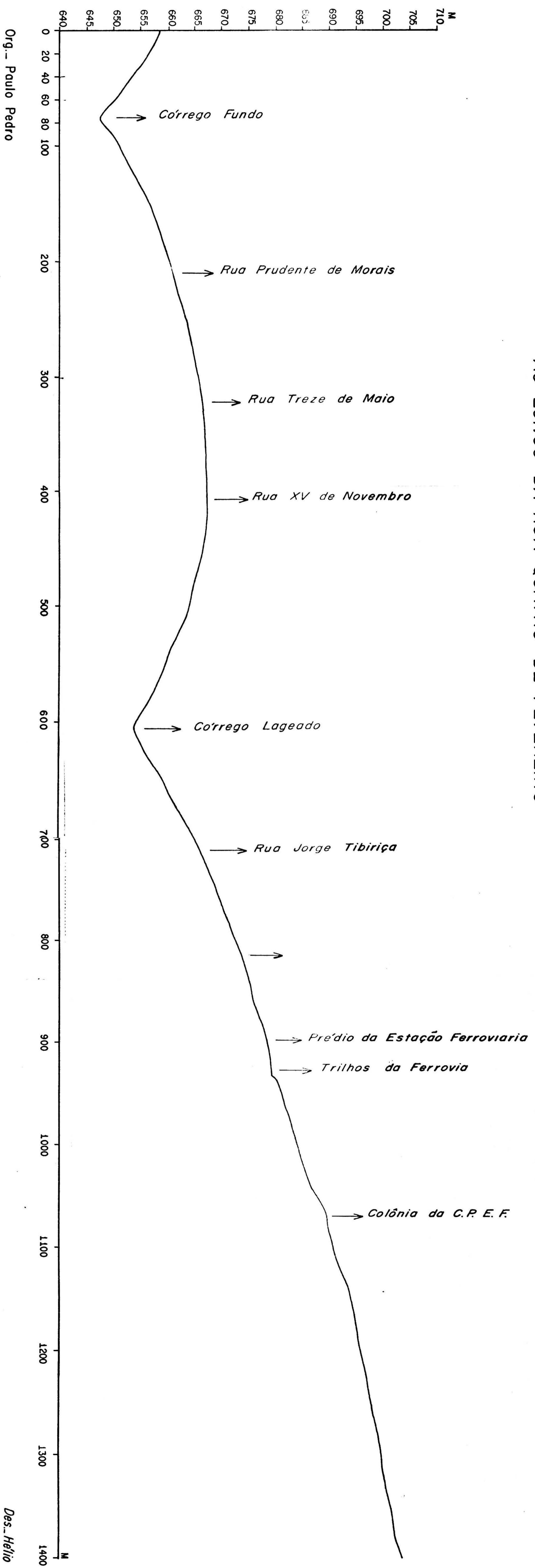


Fig. 11

Des. Hélio

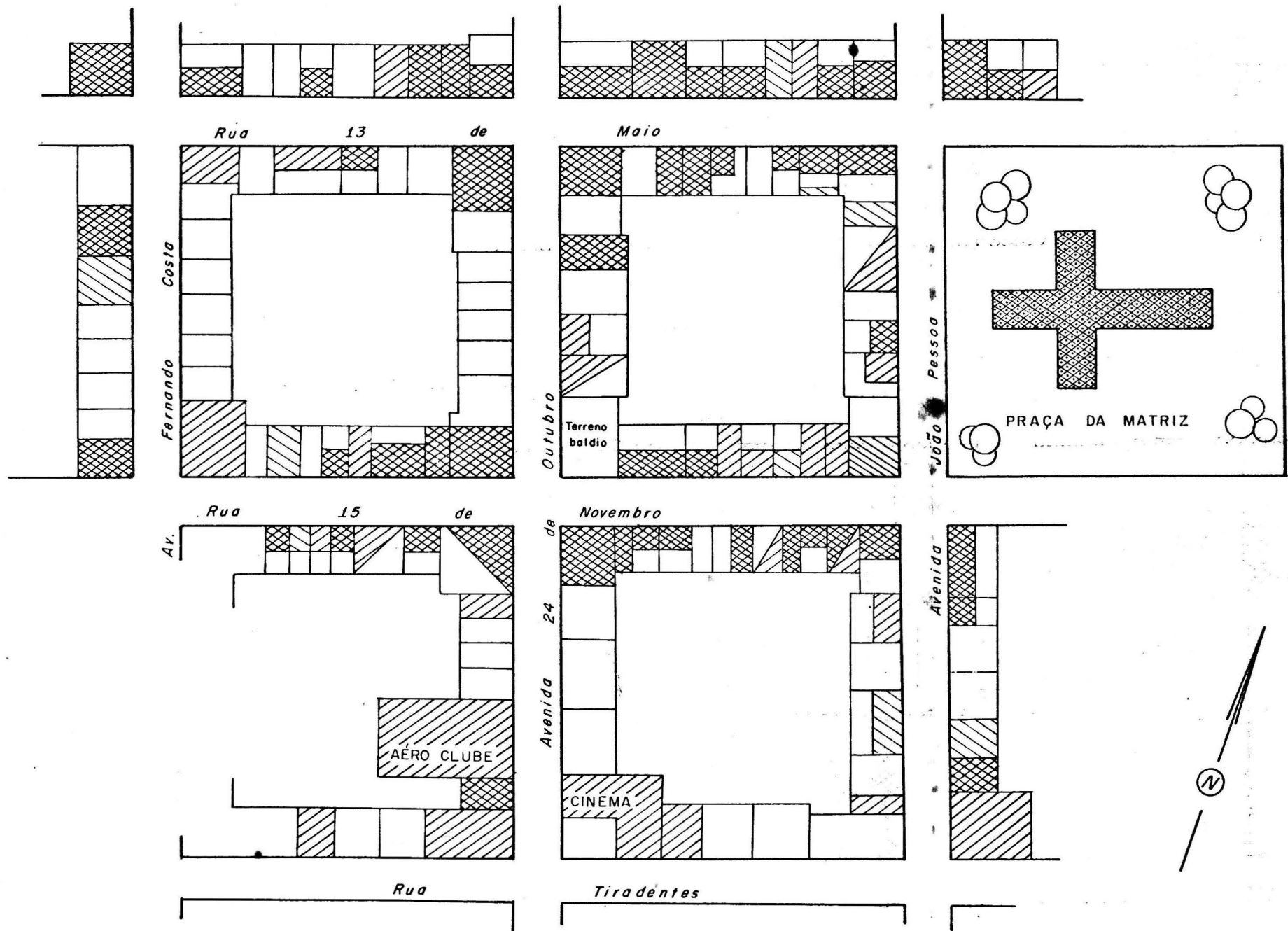
Org. Paulo Pedro

CENTRO DE DOIS CÓRREGOS OCUPAÇÃO FUNCIONAL

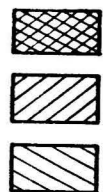
ESCALA

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 m

APROXIMADA



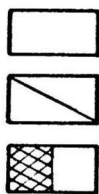
LEGENDA



Comércio

Serviço

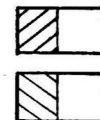
Indústria - Oficina



Residência

Sobrado

Comércio e residência



Serviço e residência

Indústria e residência

Org. - Paulo Pedro

Des. - Hélio

Fig. - 14

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

